



SÉRIE  
ESPADA DO  
ESPÍRITO

# MINISTÉRIO NO ESPÍRITO

SERVINDO NO PODER DE DEUS

COLIN DYE

*Ministério no Espírito*

## **Série a Espada do Espírito**

- 01 *Oração Eficaz*
- 02 *Conhecendo o Espírito*
- 03 *O Governo de Deus*
- 04 *A Fé Viva*
- 05 *Glória na Igreja*
- 06 *Ministério no Espírito*
- 07 *Conhecendo o Pai*
- 08 *Alcançando o Perdido*
- 09 *Ouvindo a Deus*
- 10 *Conhecendo o Filho*
- 11 *Salvação pela Graça*
- 12 *Adoração em Espírito e em Verdade*

**[www.swordofthespirit.co.uk](http://www.swordofthespirit.co.uk)**

Copyright © 2015 by Colin Dye  
Segunda edição  
Kensington Temple  
KT Summit House  
100 Hanger Lane  
London, W5 1EZ

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, armazenada em sistemas de recuperação de informação ou transmitida, em nenhuma forma, ou por meio eletrônico, mecânico, fotocópia, gravação, ou de outras maneiras, sem o consentimento prévio do autor.

As citações bíblicas são da Versão Almeida Revisada e Fiel. Thomas Nelson Inc., 1991

Coordenação geral: Print International Brasil Editora Ltda.  
Supervisor de tradução: João Guimarães  
Tradução: Vera Jordan  
Revisão: Edna Batista Guimarães  
Diagramação: Rafael Alvares - [alvaresdesign.com.br](http://alvaresdesign.com.br)

Espada do Espírito

# Ministério no Espírito



Colin Dye



# Sumário

<b>Introdução</b>		<b>7</b>
01	<i>O Ministério no Espírito</i>	11
02	<i>Ministros no Espírito</i>	25
03	<i>Ministrando no Espírito</i>	37
04	<i>As bases do ministério de cura</i>	51
05	<i>A Cura no Novo Testamento</i>	61
06	<i>O ministério de cura hoje</i>	77
07	<i>As bases do ministério de libertação</i>	91
08	<i>A Libertação no Novo Testamento</i>	107
09	<i>O ministério de libertação hoje</i>	125
10	<i>Falando com Autoridade profética</i>	141
11	<i>O ministério de aconselhamento</i>	173



## Introdução

Há um pouco da compaixão de Deus em toda a humanidade. Não importa quão distante se possa estar de Deus, há pouquíssimos homens e mulheres que não são tocados pelas imagens dolorosas que veem na mídia de vidas que foram esmagadas por um novo desastre. Não precisamos conhecer um indivíduo pessoalmente para nos solidarizarmos com seu sofrimento e desejar poder fazer algo para ajudá-lo.

A maioria das pessoas conhece, de perto, alguém que está perturbado com enfermidade ou acidente, desemprego, dívida ou rompimento familiar, isolamento social, alguma forma de mal ou apenas o estresse da vida moderna. Como crentes cristãos, descobrimos que nossa compaixão humana é amplamente intensificada pelo Espírito Santo e desejamos estender os braços aos feridos em derredor e ajudá-los a receber o conforto e direção de Deus. É claro que devemos orar pelas pessoas que conhecemos e que estão sofrendo – clamando a Deus para que intervenha em suas vidas e traga Sua plenitude transformadora. Porém, Lá no fundo sabemos que deveríamos estar fazendo algo nós mesmos, que deveríamos estar agindo e falando de um modo a fazer uma diferença legítima e duradoura.

Como crentes cristãos, somos parte do corpo de Cristo na terra. Somos as mãos e voz de Jesus no mundo; e Ele nos ungiu com Seu Santo Espírito para que – por meio de nós – possa hoje fazer por muitos em nossas nações o que fez - Ele próprio - quando estava nessa terra. E essa é exatamente a ordem que Ele nos deu. Ele nos envia como Seus representantes para pregar o



evangelho, curar o doente, expulsar demônios e servir o mundo. Ele nos chama para fazer discípulos de todas as nações e para ensinar pessoas a seguir a Cristo, por meio de nossas palavras e feitos. Esse é o verdadeiro trabalho da Igreja e somente é possível pelo poder do Espírito Santo.

Atos 10:38 descreve como Deus ungiu a Jesus de Nazaré com o Espírito Santo e com virtude e como Ele andou fazendo o bem, e curando a todos os oprimidos do diabo – porque Deus era com Ele.

Visto que vivemos em parceria com o Espírito e somos movidos, motivados e capacitados por Ele, então também podemos falar as palavras de Deus, podemos realizar Seus feitos, fazer o bem que Ele faz, curar os que estão oprimidos pelo diabo, e podemos oferecer a ajuda de Deus a algumas das pessoas aflitas em nossa volta. Esse é o verdadeiro ministério no Espírito.

Este livro é essencialmente para aqueles crentes que colocam de lado as próprias ideias acerca de ajudar pessoas e estudarão a Palavra de Deus para descobrir Sua revelação acerca da ministração no e com o Espírito.

Há material extra disponível para facilitar seu aprendizado, e pode ser encontrado no respectivo Livro do Aluno – *Espada do Espírito*, em [www.swordofthespirit.co.uk](http://www.swordofthespirit.co.uk). No livro do Aluno há um manual de estudo complementar para cada capítulo, além de Perguntas para debate e testes rápidos. Após se inscrever para este módulo no site, você poderá ter acesso a mais testes e exames. Também há uma Webtool (livro texto com links inseridos para referências bíblicas), e ensino abrangente em áudio e vídeo. O uso destes materiais extras o ajudará a testar, reter e aplicar o conhecimento que adquiriu neste livro.

Você também poderá usar o Livro do Aluno com pequenos grupos. Mediante oração você poderá selecionar as partes que

achar mais relevantes para seu grupo, o que significa que em algumas reuniões você poderá usar todo o material enquanto que em outras, somente uma pequena parte dele. Por favor, use o bom-senso e o discernimento espiritual. Sinta-se à vontade para tirar cópias das páginas e distribuí-las a qualquer grupo que você esteja liderando.

Quando tiver terminado de trabalhar com este volume, oro para que você entenda como Deus deseja que você esteja disposto a lidar com demônios, como Ele espera que você esteja pronto para curar aquele que está com o coração partido, como Ele deseja fazer o bem por seu intermédio – e que você esteja ansioso para responder ao Seu mover.

*Colin Dye*



Parte Um

# O Ministério no Espírito

‘Ministério’ é uma das palavras usadas com mais frequência na igreja hoje. Descrevemos homens e mulheres específicos como ‘ministros’, falamos de pessoas ‘ministrando’ e nos referimos a ‘o ministério’. Cada grupo de crentes cristãos normalmente sabe o que se quer dizer com essas palavras, mas grupos de outras igrejas sempre têm uma compreensão diferente.

Algumas tradições, por exemplo, reservam a palavra ‘ministro’ para líderes de tempo integral e salário integral, enquanto outras a utilizam de forma mais ampla. Igualmente, algumas igrejas usam ‘ministério’ para identificar a parte de uma reunião em que oram com as pessoas, enquanto diversas igrejas usam essa palavra como um termo geral para a obra dos ministros.

## **O que é ministério?**

Ao estudar O Ministério no Espírito, é importante que comecemos por entender o que a Bíblia quer dizer com ‘ministério’. Há três grupos principais de palavras gregas no Novo Testamento que são traduzidos para o inglês da mesma forma. Cada grupo de palavra tem um significado distinto, e entendemos o significado bíblico de ‘ministério’ percebendo a amplitude de significação transmitida por todas as palavras.

### 1. *Diakonos*

*Diakonos* é a palavra grega para servo doméstico comum, particular. Era usada para descrever alguém que varria o chão de

seu patrão, preparava a comida, servia a mesa, lavava a louça e daí por diante. *Diakonos* é traduzida como ‘ministro’ em Romanos 13:4; 15:8; 1 Coríntios 3:5; 2 Coríntios 3:6; 6:4; 11:15; Gálatas 2:17; Efésios 6:21; Colossenses 1:7, 23, 25; 4:7; 1 Tessalonicenses 3:2 e 1 Timóteo 4:6. Em algumas Bíblias, é traduzido como ‘atendente’ ou ‘diácono’, mas sempre carrega uma associação com um servo doméstico particular.

*Diakoneo*, ‘servir’, geralmente é traduzido como ‘ministrar’. Novamente, a palavra grega para limpar o chão e preparar a comida é usada como atividade espiritual em Mateus 20:28; 25:44; 27:55; Atos 19:22; Romanos 15:25; 2 Coríntios 3:3; 2 Timóteo 1:18; Filemom 1:13; Hebreus 6:10; 1 Pedro 1:12 e 4:10,11. *Diakoneo* sugere que devemos ter uma atitude humilde em relação a nós mesmos e a nosso serviço ou ministério.

*Diakonia*, ‘que serve’, é a principal palavra no Novo Testamento para ‘ministério’. Lucas 10:39–41 ilustra seu significado comum de tarefas domésticas, mas a palavra é comumente usada para sugerir serviço espiritual. É usada para descrever:

- Apóstolos - Atos 1:17, 25; 6:4; 12:25; 21:19 e Romanos 11:13
- Crentes – Atos 6:1; 11:29; Romanos 12:7; 15:31; 1 Coríntios 16:15; 2 Coríntios 8:4; 9:1, 12; Efésios 4:12 e 2 Timóteo 4:11
- O Espírito Santo - 2 Coríntios 3:8,9
- Anjos - Hebreus 1:14
- Pregadores e mestres – Atos 20:24; 2 Coríntios 4:1; 6:3; 11:8; 1 Timóteo 1:12; 2 Timóteo 4:5 e Colossenses 4:17

O grupo de palavra *diakonos* mostra que ‘um ministro’ não é um mestre, que ‘ministrar’ não significa ‘comandar’, e que ‘o ministro’ não é uma autoridade de alto escalão ou uma atividade de alto escalão. Ao pensar em ‘ministério’ biblicamente, devemos começar entendendo que ‘um ministro’ tem mais a ver com um

servo doméstico de baixo escalão e que 'ministério' é um trabalho semelhante à faxina, manutenção de carro e cozinhar. Isso pode parecer desconcertante, pois com muita frequência vemos o ministério equivocadamente como o domínio da elite espiritual.

## 2. *Leitourgos*

*Leitourgos* é usado eventualmente no Novo Testamento para identificar 'um ministro', mas está imbuído de um sentido completamente diferente para *diakonos*. *Leitourgos* é a palavra grega para um servo público importante, para alguém que executa um cargo público por conta própria.

*Diakonia* fala de serviço privado em tempo integral, de baixo escalão e baixa remuneração por parte de alguém que é direcionado por seu patrão; ao passo que *leitourgia* refere-se a serviço público em tempo parcial, de alto escalão e não remunerado. No Novo Testamento *leitourgos*, 'um ministro'; *leitourgeo*, 'ministrar'; e *leiturgia*, 'ministério', são usados para falar de:

- Cristo – Hebreus 8:2
- Paulo - Romanos 15:16
- Epafrodito – Filipenses 2:25
- Profetas e professores em Antioquia – Atos 13:2
- A tarefa das igrejas gentias em relação aos Judeus crentes pobres – Romanos 15:27
- As responsabilidades práticas dos crentes uns para com os outros – 2 Coríntios 9:12 e Filipenses 2:17–20

O Novo Testamento usa *leitourgos* para falar de ministério cristão numa frequência bem menor do que *diakonos*, contudo, a ideia de 'alto escalão' associada à *leitourgos* quase sempre domina o pensamento cristão moderno acerca de ministério. A ênfase do Novo Testamento mostra que uma compreensão bíblica de ministros e ministério deve se basear em *diakonos*, e que devemos pensar em ministério primeiramente como uma atividade 'de serviço' comum, particular e diária.

O uso eventual de *leitourgos*, contudo, enfatiza o fato de que não servimos para benefício próprio e isso nos lembra de que o ministério é importante, pode ser público, e tem uma natureza representativa.

### 3. *Huperetes*

A palavra grega *huperetes* é traduzida em muitas versões da Bíblia como 'ministro'. Literalmente significa um 'servo' e era usada na época do Novo Testamento como uma palavra popular ou coloquial para qualquer subordinado que agia sob a direção de outra pessoa.

*Huperetes* e *hupereteo* 'para ministro ou servo', são usados no Novo Testamento' para falar de:

- Um assistente da sinagoga – Lucas 4:20
- Marcos – Atos 13:15
- Rei Davi – Atos 13:36
- Paulo – Atos 20:34; 26:16 e 1 Coríntios 4; 1

O uso de *huperetes* enfatiza que os ministros não são pessoas que estão no comando das próprias atividades, são homens e mulheres que operam debaixo de autoridade. Atos 13:36 mostra que o grande Rei Davi era apenas um 'servo' de Deus e 1 Coríntios 4:1 declara que os líderes da igreja do primeiro século deveriam ser considerados e tratados como servos, como pessoas sob a liderança e direção de Cristo.

### Serviço

Quando consideramos estes três grupos de palavras, podemos perceber que ministério bíblico significa serviço e que um ministro bíblico é um servo. Podemos dizer que, no geral, o Novo Testamento usa *diakonos* para mostrar o elo entre os ministros e sua obra de serviço, *leitourgos* para enfatizar a natureza representativa de seu serviço e *huperetes* para enfatizar a relação de serviço com seu superior, com Cristo.

Talvez o modo mais simples e preciso de podermos pensar bíblicamente em ministério seja substituindo-o pela palavra 'servindo'. A mensagem básica do Novo Testamento é que 'um ministro' é sempre 'um servo', e que 'ministrar' é sempre 'servir', e que 'ministério' é sempre 'serviço'. A ideia, padrão ou prática de ministério que se distancia da humilde 'condição de servo' não tem as Escrituras como base.

### Escravos e servos contratados

Ao mesmo tempo em que devemos nos lembrar de que um ministro bíblico é sempre um servo, também devemos perceber que toda menção bíblica a um servo não se refere a um ministro. Dois grupos de palavras gregas são usados no Novo Testamento para falar de 'servos' mas não são traduzidos como 'ministros'.

*Doulos* é a palavra grega mais comum para servo e significa um servo que é possuído por seu mestre em contraste a um que é empregado do mestre. Na época do Novo Testamento *doulos* se referia a escravo. A principal diferença entre *doulos* e *diakonos* é que *doulos* aponta para um relacionamento enquanto *diakonos* indica uma atividade.

*Doulos* é usado no Novo Testamento para mostrar que os crentes são posse de Deus e controlados por Ele. Vemos isso em Romanos 1:1; Gálatas 1:10; Efésios 6:6; Filipenses 1:1; Tito 1:1; Tiago 1:1; 1 Pedro 2:16; 2 Pedro 1:1 e Judas 1:1. Por sermos posse de Deus nós somos chamados:

- A servir a Deus – Mateus 6:24; Romanos 7:6 e Filipenses 2:22
- A servir a Cristo – Atos 20:19; Romanos 12:11; 14:18; 16:18; Efésios 6:7 e Colossenses 3:24
- A servir uns aos outros – Gálatas 5:13

Os escravos devem obedecer a seus mestres, logo, *doulos* aponta para o modo como servimos porque somos posse de Deus.



Os servos também devem ser obedientes a seus patrões, mas um elemento de disposição (vontade) é inerente ao *diakonos* – servos públicos são voluntários e os servos particulares podem parar de trabalhar para seus patrões a hora que bem entenderem. É a disposição que diferencia *diakonia*, ‘ministério’, de *doulos*, ‘serviço’. Podemos dizer que um ministro é alguém que se faz disponível para Deus voluntariamente, para servi-Lo da forma que Ele escolher.

*Latris* é a segunda palavra para ‘servo’ que não é traduzida como ‘ministro’. *Latris* literalmente significa ‘um servo contratado’ e *latreuo*, ‘servir’, é usada no Novo Testamento para falar do serviço espiritual particular dos sacerdotes e Levitas que eram pagos para servir a Deus no templo, e a adoração que os crentes oferecem a Deus. Vemos isso em Lucas 1:74; 2:37; Atos 7:7; 24:14; 27:23; Romanos 9:4; 12:1; Hebreus 9:1 e 14.

Devemos observar que o Novo Testamento utiliza linguagem eclesiástica acerca do corpo de crentes e não de crentes enquanto indivíduos. Isso significa que o serviço *latris* é coletivo e não individual. O Novo Testamento deixa claro que todos os crentes são chamados a servir/adorar a Deus como os sacerdotes e Levitas, com oração, louvor, ação de graças e sacrifícios espirituais. Porém, diferentemente dos sacerdotes e levitas, as Escrituras não nos encorajam a esperar pagamento por esse trabalho.

Não somos chamados a ser *latris* – servos contratados que trabalham basicamente pelo pagamento. Em vez disso, somos chamados a ser *diakonos* – servos dispostos que continuam servindo porque amam o patrão e sua família, e que estão sempre se voluntariando para serviços extras.

### **O padrão do ministério**

Mateus 20:28, Marcos 10:45 e João 13:1–17 deixam claro que Jesus veio para oferecer serviço e não para receber serviço, para servir em vez de ser servido, para ministrar em vez de ser ministrado.

Estes versículos foram uma declaração revolucionária que virou Daniel 7:13,14 de cabeça para baixo. Os judeus tinham a expectativa de que o Filho do Homem seria servido por todas as pessoas, nações e línguas. Jesus alegou ser, e era, esse Filho do Homem, mas deixou claro que Seu reino eterno seria liderado por um servo e caracterizado por serviço.

É importante reconhecer que a palavra *diakoneo* e não *leitourgeo* é usada em Mateus 20:28 e Marcos 10:45. Isso mostra que:

- O serviço 'doméstico' privado e comum é a base, padrão e estilo do ministério de Jesus e, portanto, de todo ministério cristão.
- É possível a cada um ministrar.

Caso tivesse sido usado *leitourgeo* nestes versículos, a sugestão seria de que somente pessoas especiais poderiam ministrar como Jesus. Deve estar claro que, sendo o serviço de Jesus do tipo *diakoneo*, todos nós podemos ministrar como Ele.

É relevante o fato de que *diakoneo* também é usado em Atos 6:2. Este é o primeiro exemplo registrado da igreja indicando pessoas para ministrar, e o propósito de seu ministério é 'servir às mesas'.

É igualmente importante reconhecer que em dois versículos à frente também se usa *diakonia* para descrever o serviço dos apóstolos ou ministério da Palavra. A ênfase aqui é que não há diferença entre o chamado ministério 'prático' e ministério 'espiritual'. Servir às mesas é parte do ministério de *diakonia* semelhante ao de Cristo tanto quanto ensinar a Palavra de Deus.

Toda vez que ministramos ou servimos, seja limpando os bancos da igreja ou pregando sermões, devemos seguir o padrão e exemplo de Cristo, que serviu a todos com humildade e amor.

Podemos ver esse padrão por todo o Novo Testamento:

- Anjos ministram a Jesus – Mateus 4:11 e Marcos 1:13
- Mulheres ministram a Jesus – Mateus 27:55 e Lucas 8:3
- Jesus é ministrado na pessoa do necessitado – Mateus 25:44
- Crentes ministram uns aos outros – Romanos 15:25;
- 1 Coríntios 16:15; 2 Coríntios 8:4; 9:1; Hebreus 6:10 e 1 Pedro 4:10
- O ministério ajuda a revelar o evangelho – 1 Pedro 1:12
- O ministério ajuda a alcançar a reconciliação - 2 Coríntios 5:18
- A capacidade de ministrar é um dom de Deus – Atos 20:24; Colossenses 4:17; 1 Timóteo 1:12; 1 Pedro 4:11 e Romanos 12:7

### **Um dom espiritual**

A inclusão de ministério, *diakonia*, na lista de dons espirituais em Romanos 12:3–8 nos ajuda a entender que ministério é mais um dom do que uma tarefa, e que vem de Deus e não de dentro de nós mesmos.

Ao posicionar o ministério na mesma linha da profecia, ensino, pregação, doação, direção e demonstração de misericórdia, Paulo também revela que o ‘ministério’ se distingue dos outros dons de Romanos 12 tanto quanto ‘profecia’ se distingue de ‘demonstração de misericórdia’ e ‘direção’ se distingue de ‘doação’.

Os crentes modernos às vezes perguntam quem estará ministrando em uma reunião quando o que realmente querem saber é quem estará pregando. Romanos 12:3–8 sugere que deveríamos entender ministério – servir – de maneira mais ampla.

Eféios 4:7–16 é outra passagem sobre dons capacitados por Cristo e ministério, *diakonia*, é mencionado novamente. Os

versículos 10 e 11 declaram que apóstolos, profetas, evangelistas, pastores e mestres são dons do Cristo assunto ao céu para a igreja, e o versículo 12 revela seus propósitos. Eles receberam tais dons para que todos os santos – todo o povo de Deus – sejam equipados para a obra de ministério, para a construção do corpo de Cristo.

Isso sugere quatro princípios de *diakonia*, ministério ou serviço:

- É mais a obra de santos comuns do que de apóstolos, pastores, profetas e mestres. Os líderes devem equipar os santos para ministrar e não fazer isso por eles.
- É o propósito dos santos. Assim como Jesus veio para servir, *diakonia*, assim os santos são equipados pelos líderes primeiramente para ministrar, *diakonia*.
- É diferente do ensino, profecia, pastoreio e treinamento realizados pelos líderes.
- É uma expressão generalizada, um termo genérico para a obra integral de serviço cristão. Assim como se pode pedir a um servo doméstico que realize qualquer tarefa da casa e essa será chamada de serviço, assim também todos os atos de serviço cristão obediente podem ser considerados como ministério.

1 Coríntios 12:1–11 é uma terceira passagem do Novo Testamento sobre os dons espirituais e não deveríamos nos surpreender por descobrir que se menciona a *diakonia* uma vez mais. Os versículos 4 a 6 seguem uma estrutura trinitária e declaram que há dons diferentes, mas o mesmo Espírito; ministérios diferentes, mas o mesmo Senhor; atividades ou trabalhos diferentes, mas o mesmo Deus. O que se enfatiza aqui é que o verdadeiro ministério tem sua base em Jesus. Todo ministério genuíno está baseado Nele, pois somos chamados a ministrar como Ele ministrou. Ele é o único padrão, fundamento e fonte para todo ministério cristão.

1 Coríntios 12:4–6 também sugere que os ‘ministérios’ que vêm do Senhor são intimamente ligados aos ‘dons’ provenientes do Espírito e às ‘atividades’ provenientes de Deus. Os versículos 8 a 10 são tradicionalmente entendidos como ‘dons do Espírito’, porém os versos antecedentes dão a entender que é igualmente válido considerá-los ‘ministérios do Senhor’ e ‘atividades de Deus’.

Na Parte Três de Conhecendo o Espírito nós analisamos o ministério terreno de Jesus, O vimos usando muitos dons diferentes do Espírito, e observamos como Ele nos ajuda a ministrar por meio dos dons. Na Parte Sete de Conhecendo o Espírito nós estudamos os dons espirituais e vemos que são ferramentas que nos capacitam a levar em frente a tarefa de glorificar Cristo no mundo, e que são manifestações sobrenaturais que o Espírito disponibiliza a todos os crentes, a fim de que o reino de Deus possa ser promovido.

Primeiro isso significa que os dons de sabedoria, conhecimento, fé, curas, milagres, profecia, discernimento de espíritos, línguas e interpretação nos são dados para ajudar a ministrar como Jesus ministrou; e segundo, que nossa compreensão de ministério deve ser totalmente carismática – nosso serviço deve ser ‘no Espírito’ se quiser ser um ministério bíblico autêntico.

Este volume, *A Espada do Espírito*, pode ser intitulado *Ministério no Espírito*, mas isso não deve ser usado para sugerir que possa haver ministério verdadeiro que não seja ‘no Espírito’. Tudo que Jesus fez foi motivado, direcionado e capacitado pelo Espírito; Seu ensino, Sua oração e Seu serviço sempre foram totalmente ‘no Espírito’.

O mesmo serve para nós. Não interessa se nosso serviço seja espiritual ou prático, se envolve a distribuição de alimento ou a expulsão de demônios, ele deve ser motivado e direcionado pelo Espírito. Se quiser ser eficaz, cada ato singular do serviço cristão deve ser ‘no Espírito’.

Nós vimos que em Atos 6:2, a palavra *diakoneo* é usada para falar do trabalho prático de servir que precisava ser feito pelos primeiros ministros. Os versículos seguintes, 3 a 7, relatam como as pessoas escolhidas para este trabalho tinham de ser ‘cheias do Espírito’. Embora seus ministérios fossem basicamente administrativos e práticos, era essencial que fossem ‘no Espírito’.

### **Geral e específico**

Nessa primeira Parte nós tentamos estabelecer um panorama bíblico do ministério no Espírito. No restante deste volume examinaremos primeiro alguns princípios bíblicos de todo ministério e depois estudaremos vários aspectos distintos do ministério bíblico no Espírito.

Nós vimos que ministério é uma expressão geral e abrangente para todas as maneiras pelas quais servimos a Deus e uns aos outros. Isso significa que o material que cobriremos deve ser seletivo e não exaustivo – pois ninguém conseguiria examinar todas as formas possíveis de se ministrar.

As Partes a seguir estão baseadas no ministério de Jesus. Elas descrevem as diferentes atividades de serviço de Jesus cujas bases estão no Antigo Testamento e o registro no Novo Testamento, estabelecem os princípios bíblicos mais amplos que se referem a tais atividades. Isso significa que estudaremos a forma como Jesus curava, abençoava, aconselhava e libertava as pessoas dos poderes malignos. Embora não estudaremos quaisquer exemplos específicos, não devemos esquecer que Ele também servia pessoas alimentando-as e tornando-as limpas.

Percebemos que o Novo Testamento não faz distinção entre serviço espiritual e prático, porém, definimos também que Romanos 12 distingue ‘ministério’ de atividades como ‘pregar’ e ‘profetizar’. Isso cria um problema para alguns crentes. Eles sugerem que Atos 6 fala dos serviços dos apóstolos relacionados à Palavra como ‘ministério’ e se perguntam, portanto, porque Romanos

12 distingue ministério de pregação. Eles perguntam como a pregação dos apóstolos pode ser ministério e também ser distinguida de ministério.

A resposta simples é que a Bíblia quase sempre usa uma palavra no sentido amplo e restrito – de modo genérico e de modo específico. Profecia, por exemplo, pode ser usada para descrever toda fala inspirada pelo Espírito: Desse modo, muita pregação pode ser considerada profética. Contudo, profecia também pode ser usada de um modo mais restrito para se referir a mensagens especiais de Deus que são faladas a indivíduos específicos. Não é inadequado identificar uma pregação como profética, precisamos simplesmente deixar claro se estamos usando a palavra profecia’ em um sentido geral ou específico.

O mesmo ocorre com ministério. Podemos pensar na palavra para ‘toda a maneira que servimos’ e também para ‘atividades de serviço pessoais e específicas’. Usada de modo geral a palavra ‘ministério’ se refere a toda atividade de serviço executada no Espírito – logo, tanto a pregação dos apóstolos como a distribuição de alimento pelos diáconos são ‘ministério’. Porém, usada de modo específico, a palavra ‘ministério’ se refere a atos especiais de serviço inspirados pelo Espírito para indivíduos específicos – para servir de modo pessoal e específico, mais como um servo doméstico do primeiro século.

Isso significa que podemos usar ‘ministério’ num sentido geral para descrever toda a vida e obra de Jesus, pois toda Sua fala, oração e trabalho eram ‘no Espírito’ e caracterizados por serviço humilde. Porém, também podemos usar ‘ministério’ para descrever aquelas atividades de Jesus que atendiam a indivíduos específicos. É por isso que pregação é ministério somente no sentido geral da palavra, não no sentido mais estrito e literal e por que, por exemplo, aconselhamento, cura e expulsão de demônios são ministério tanto no sentido geral como específico da palavra.

Não se trata de uma distinção inútil, pois o uso errado de palavras pode paralisar a igreja. Efésios 4:12 mostra que todos os santos devem ser equipados pelos líderes para a obra de ministério. Porém, os santos não ministrarão biblicamente se entenderem ministério somente com o sentido de pregação e ensino, ou se pensarem que são chamados exclusivamente para tipos práticos de serviços.

Precisamos entender que, exatamente por ser *diakonia*, nosso ministério deve ter uma aplicação essencialmente pessoal, e que, portanto devemos ser liderados e capacitados pelo Espírito para servir indivíduos específicos. Nosso trabalho deve ser focado com exatidão.

No sentido estrito e pessoal da palavra, nosso ministério envolve curar uma pessoa doente, expulsar um demônio, aconselhar, lavar os pés, guardar as compras, fazer uma comida ou orar. Porém, seja qual for a forma, nosso ministério deve ser essencialmente pessoal e individual, como o de um servo doméstico e sempre deve ser guiado e capacitado pelo Espírito Santo.





Parte Dois

# Ministros no Espírito

Agora que entendemos que o ministério bíblico no Espírito significa serviço humilde no Espírito Santo, precisamos definir quem ministra no Espírito nas Escrituras, e o que podemos aprender com seus serviços.

## Os Ministros no Antigo Testamento

No Antigo Testamento um profeta geralmente era chamado de ‘homem de Deus’ – Deuteronômio 33:1; 1 Samuel 2:27; 9:6; 1 Reis 13:1; 20:28; 25:7–9; 2 Reis 4:7; 2 Crônicas 25:7–9 e Neemias 12.24. Porém, também era conhecido como ‘servo de Deus’ – a palavra hebraica para ‘servo’, *ebed*, quer dizer ‘um executor ou agente’.

A frase ‘o servo de Deus’ é conferida somente a Moisés – Deuteronômio 34:5 e Josué 8:31. Porém, servo ‘dele’ ‘de você’ e ‘meu’ são usadas para os outros profetas – Jeremias 44:4; Ezequiel 38:17; Daniel 9:6; Zacarias 1:6. A relação de servo que os profetas desfrutavam com Deus é vista claramente em 2 Reis 17:13 e Esdras 9:11. Eles eram porta-vozes de Deus e tinham ordens para transmitir Sua mensagem e não alterá-la de modo algum. Podemos chamá-los de ‘ministros’ de Deus do Antigo Testamento.

Três palavras hebraicas são usadas para descrever um ‘profeta’:

- *Nabi* significa aquele que chama e é chamado: profetas – servos – ministros – são chamados por Deus, eles convocam

peessoas para Deus e invocam Deus para as pessoas

- *Roeh* e *hozeh* são formas diferentes de ‘ver’: elas significam aquele que vê e é visto; os profetas veem Deus, veem o que Deus está fazendo , veem acontecimentos e são vistos por homens e mulheres.

Estas palavras sugerem a base do ministério no Espírito. Somos chamados por Deus para Ele mesmo, e depois chamados por Ele para as pessoas; nós vemos o que Deus está fazendo e somos vistos pelas pessoas quando servimos como ‘feitores’ de Deus’.

Como eles se tornaram profetas?

No Antigo Testamento, os profetas tinham de ser escolhidos por Deus. Todos os relatos distintos do chamado de um profeta demonstram o poder do chamado de Deus. Eles tinham de escolher deixar de lado o que estavam fazendo e começar algo que parecia ser difícil ou então desobedecer a Deus – Êxodo 3:1–4:17; Isaías 6; Jeremias 1:4–19; Ezequiel 3; Oseias 1:2; Amós 7:14–15 e Jonas 1:1.

O objetivo principal do chamado não era enviá-los a uma tarefa divina, mas reuni-los na presença do Deus santo. Depois de terem estado diante Dele, os profetas poderiam estar diante de reis e nações. Depois de terem ouvido o chamado Dele os profetas poderiam chamar outros. Este chamado é o centro de todo ministério no Espírito. Vemos isto em 1 Reis 22; Jeremias 23:22 e Amós 3:7.

Em que implicava o ministério deles?

Os servos de Deus envolviam-se em três atividades principais:

#### 1. Falar as palavras de Deus

O centro da mensagem deles era sempre ‘acerte-se com Deus’. Eles faziam advertências quanto ao futuro, as quais validavam pelos exemplos de tratativas anteriores de Deus; eles chamavam os ímpios ao arrependimento descrevendo a ira que estava por vir; e ofereciam benção, chamando o ímpio à santidade – Amós

5; Sofonias 1:14–2.3; Oseias 5 e Isaías 2:2–5. Eles também convocavam o povo de Deus a cuidar do pobre e necessitado – Levítico 19:9–18; Deuteronômio 23:15–25; 2 Crônicas 28:9–15; Amós 2:6–7; 4:1–3 e 8:4–8.

Os profetas lembravam as pessoas de o que Deus realizara; eles usavam o passado para proclamar a natureza de Deus e então revelavam o que Ele estava para fazer. Não se tratava de adivinhação inspirada, mas de revelação divina. Eles não faziam projeções; eles profetizavam. Eles falavam a outros o que haviam escutado Deus lhes dizer – Isaías 41:21–23 e 45:20–22.

## 2. Pleitear com Deus

Os servos de Deus eram as únicas pessoas no Antigo Testamento que podiam intervir com Ele por situações e pessoas. Abraão, a primeira pessoa diretamente nomeada profeta, é descrito como alguém que pôde pleitear com sucesso com Deus e mudar uma situação – Gênesis 20:7.

Jetro sugeriu que Moisés deveria fazer da intercessão sua prioridade e Moisés pôs seu conselho em prática – Êxodo 18:19 e Números 27.5. Os profetas eram conhecidos como intercessores tão poderosos que os Reis imploravam para que eles pleiteassem com Deus a seu favor – 1 Reis 13:6; 2 Reis 19:4 e Zacarias 7:1–3.

## 3. Realizar os feitos de Deus

OsservosdeDeuseramasúnicaspessoasnoAntigoTestamentoque estavam envolvidas com o miraculoso – com sinais e maravilhas, cura, aconselhamento e o falar com a autoridade profética de Deus.

Somente os homens e mulheres que haviam sido ungidos com o Espírito de Deus eram capazes de serem feitos de Deus – Gênesis 20; Números 12; 1 Reis 13; 17:7–24; 2 Reis 4:8–37; 20:1–11; 2 Crônicas 25:5–16 e Jeremias 38:14–28. Voltaremos a este ponto posteriormente.

Como eles eram inspirados a ministrar?

### 1. A Palavra de Deus

Amós 3:8 mostra que a Palavra de Deus tinha um impacto dinâmico sobre os profetas. 'A Palavra do Senhor veio a' é a frase mais frequente que descreve esse tipo de inspiração.

'Veio a' é mais bem traduzida como 'tornou-se ativamente presente a' ou, de modo mais simples, 'era para'. Esta expressão descreve uma consciência interna da mensagem de Deus que cresce por um período de tempo – por exemplo, Zacarias 1:1 e 7.

Como vemos em Jeremias 1:11; 18:1–4; 24 e Amós 7:7, esse estímulo às vezes procedia de eventos comuns. Parece que Deus revelava Sua palavra na intimidade da comunhão particular com Seu servo em vez de fazê-lo sob o lampejar repentino das luzes. Isso é inspiração resultante de meditação, reflexão, observação e estudo.

### 2. O fardo de Deus

Habacuque 1:1 descreve o 'oráculo' do Senhor. Algumas traduções trazem como 'mensagem' ou 'oráculo', mas literalmente significa uma 'carga' ou 'fardo'. Representa a figura de Deus permitindo a seu servo sentir o que Ele sente – Isaías 13:1; 14:28; 15:1; 17:1; 19:1; 21:1, 11, 13; 22:1; 23:1 e Jeremias 23:33–40.

### 3. O Espírito de Deus

A Bíblia ensina uma associação tão forte entre o Espírito e profecia que não se pode descrevê-la de maneira mais relevante.

Números 11:29 é o primeiro elo; 1 Samuel 10 e 1 Samuel 19:18–24 mostram que a descida do Espírito levava à profecia espontânea. Miquéias 3:8 sugere que o Espírito era não apenas a fonte de inspiração para os servos de Deus, mas também que lhes dava a coragem necessária para entregar a revelação. E

Joel 2:28 deixa claro que receber o Espírito deveria resultar na atividade de profecia divina – de falar as palavras de Deus para pessoas específicas no poder de Deus. Isso é inspiração instantânea para entrega imediata.

#### 4. Sonhos, visões e anjos

Os servos de Deus declaravam crer que tinham inspiração frequente por meio de visões de dia e sonhos à noite – Números 12:6; Isaías 6; Ezequiel 40:2; Daniel 7:1 e Zacarias 1:8. Em raras ocasiões anjos eram enviados aos profetas – 2 Reis 1:3–15; 1 Crônicas 21:18; Daniel 9:21 e Zacarias 1:9.

Nós examinamos com mais detalhes o modo como os profetas foram inspirados por Deus na série Espada do Espírito, volume Ouvindo a Deus.

Como eles ministravam?

Embora todos os profetas do Antigo Testamento fossem inspirados pelo mesmo Deus, cada um tinha um estilo diferente de discurso e ministério.

Os profetas simplesmente transmitiam a revelação que tinham recebido de Deus. Contudo, não se trata de um ditado; por isso os profetas imprimiam a própria personalidade nas revelações e as falavam numa variedade de estilos.

Narrativa, verso, prosa, parábolas, discurso direto, sátira, salmos, lamentos, sermões, diatribe, midrash\*(nota do tradutor: interpretação das Escrituras com foco específico na ética e tradição) – todos esses e outros métodos de proclamar foram usados pelos servos de Deus para transmitir Sua revelação. Quando falavam no Espírito, os servos de Deus não expressavam uma opinião – eles traziam uma declaração fidedigna que mudava a situação. O que eles anunciavam acontecia. Isaías 40:6–8 e Isaías 55:11 revelam o poder impressionante da palavra profética falada.

Alguns profetas usavam atos simbólicos e dramáticos como parte do ato de profetizar. Não eram recursos visuais, mas atos proféticos que proclamavam o que Deus havia dito e pensava – por exemplo, Êxodo 17:9; Jeremias 19:1, 10–11 e Ezequiel 4:1–3.

Outros profetas usavam milagres. Na verdade, os únicos operadores de milagre do Antigo Testamento foram os profetas: Moisés, Elias e Eliseu são exemplos claros, mas também vemos isto em 1 Reis 13:1–10.

Cada aspecto do ministério profético no Antigo Testamento é extremamente relevante para nosso ministério no Espírito hoje. Todos os princípios do ouvir Deus com cuidado, ser inspirado pela Palavra e pelo Espírito e proclamar as Palavras de Deus com a autoridade de Deus são o fundamento bíblico essencial para todo ministério no Espírito.

Jesus, o ministro

Deuteronômio 18:15–20 prepara Israel para a liderança de Josué, mas também profetiza que Deus enviará outro profeta que cura, opera milagre e provê a lei como Moisés.

Na época de Cristo os judeus esperavam que o Messias que haveria de vir fosse este ‘outro Moisés’ – um profeta a quem Deus Se revelaria como fizera em Números 12:6–8; e que repetiria, numa ampla escala, as proezas de Êxodo.

Quando os sacerdotes e levitas questionaram João Batista em João 1:19–25, eles queriam descobrir se ele era ‘o profeta’. E Atos 3:22–24 mostra que Pedro acreditava que Cristo era este Profeta.

Volta e meia Jesus era reconhecido pelas pessoas como um profeta – Mateus 21:11; Lucas 24:19; João 4:18; 6:14 e 7:52. Em Mateus 13:57 Jesus parecia considerar a si mesmo um pro-

feta. Certamente Ele manifestou todos os sinais de um profeta extraordinário durante todo Seu ministério e seguiu todos os seus princípios de ministério no Espírito.

- Os profetas estão perto do coração do Pai – João 1:18 mostra que Jesus é o mais próximo de todos do coração do Pai.
- Os profetas compartilham dos segredos de Deus – Mateus 11:27 sugere um nível de intimidade incomparável até mesmo ao de Moisés.
- Os profetas são servos de Deus – o evangelho de João revela Jesus como alguém totalmente debaixo da autoridade do Pai. Mostra que Ele nunca vai a lugar algum, faz algo ou age exceto em resposta obediente a uma iniciativa do Espírito.
- Os profetas recebem uma comissão específica – Mateus 15:24 mostra que Jesus foi enviado a uma área definida, com um chamado único.
- Os profetas são porta-vozes de Deus – João 12:49–50 relata que Jesus não reivindicava originalidade a Seu discurso. Tudo que Ele falava era o que o Pai havia falado para Ele dizer.
- Somente profetas costumavam curar o doente – o mendigo de João 9 identificou Jesus como um profeta porque seus olhos foram abertos.
- Somente os profetas intercedem a Deus – Romanos 8:34 revela Jesus como o intercessor.
- Somente os profetas transmitem o conselho de Deus às pessoas – Isaías 9:6 aponta para Jesus como o maravilhoso conselheiro.
- Os profetas são ungidos com o Espírito – João 3:34 mostra que Jesus foi ungido abundantemente.

No Antigo Testamento, a identificação do Espírito com a profecia é trazida a um clímax em Jesus. Em Atos 10:38, Pedro citou Isaías 61:1 e o aplicou a Jesus.

Os Evangelhos mostram que a vida de Jesus foi vivida no Espírito. O batismo foi o ponto chave em sua vida. Assim que emer-



giu das águas do rio, o Espírito desceu. Naquele momento Jesus foi revelado como o *Christos* – o ungido. Ele foi separado como um profeta ungido pelo Espírito para servir e ministrar no Espírito.

Em Mateus 3:1–12; Marcos 1:1–8; Lucas 3:1–18 e João 1:19–34, João Batista apresentou Jesus como aquele que batizaria no Espírito Santo. A primeira atividade profética de Jesus após o batismo foi ungir a igreja com o Espírito Santo – para separá-la como uma linhagem de profetas. Seu segundo ato profético – e que vai continuar até Ele vir – era e é interceder por nós à direita do Pai.

Entretanto, Jesus foi muito mais do que apenas outro profeta. Atos 10:43 mostra que Seu nascimento, vida, ministério, morte, ressurreição, ascensão e atividade Pentecostal confirmaram tudo que os profetas do Antigo Testamento predisseram – mais de 300 profecias detalhadas foram cumpridas em Sua vida.

Apocalipse 19:10 ensina que toda profecia deve ser operada pelo Espírito de Jesus e deve dar testemunho Dele. Isso significa que Jesus é o profeta supremo, e que todos que profetizam devem apontar para Ele. Ele é tanto nosso exemplo no ministério como o objeto deste.

Somos chamados a servir como Jesus ministrando somente no poder do Espírito; mas também devemos lembrar de que servimos Jesus pela nossa ministração no Espírito. Isso significa que quando estendemos a mão aos necessitados porque o Espírito nos moveu, Jesus está ministrando conosco por meio do Espírito e esse Jesus é aquele a quem acabamos ministrando.

### **Os Ministros no Novo Testamento**

Em Números 11:16,17 e 24–30, Moisés precisou de ajuda, porém seu fardo profético somente podia ser compartilhado com aqueles sobre quem vinha o Espírito. Quando Josué questionou a profecia de Eldade e Medade, Moisés respondeu com uma

oração profética que ecoa através das eras: 'Ah se todo o povo do Senhor fosse profeta, e se o Senhor colocasse Seu Espírito sobre eles!'

Deus ouviu e honrou essa oração em Pentecostes – quando derramou Seu Espírito sem restrição sobre a Igreja. Desde o Pentecostes a possibilidade de ministério profético no Espírito foi aberta a todo crente, na igreja, que foi cheio com o Espírito Santo.

Em Pentecostes não houve limitação no oferecer o Espírito e não houve restrição no recebê-lo. E quando Pedro falou sobre profecia, em Atos 2:18, ele certamente entendeu que suas palavras significavam que toda a igreja perpetuaria e expandiria o ministério dos profetas do Antigo Testamento. Isso significa que todas as pessoas na igreja – homens e mulheres, velhos e jovens, estudados e analfabetos – podem ministrar no Espírito.

Desde o Pentecostes todo o povo de Deus pode ser Seus servos, autênticos e ungidos. Todos os crentes podem “ser chamados e estar chamando”, ‘ser vistos e estar vendo’; todos podem estar na presença do Deus Santo e ouvir Seus segredos; todos podem transmitir os pensamentos de Deus e falar com a autoridade e eficácia de Deus; todos podem interceder por outros e ser inspirados pela Palavra e pelo ‘Espírito’; todos podem transmitir o conselho e cura de Deus. Todo crente agora pode ministrar no Espírito como os profetas do passado.

A promessa de Atos 2:18 não é de que todos serão profetas, mas que todos deverão profetizar. Essa é uma distinção importante. O profetizar da igreja do Novo Testamento é vista no comportamento diário dos santos no livro de Atos – no seu servir direcionado pelo Espírito. Porém, ainda restavam aqueles que eram chamados ‘profetas’.

O mesmo ocorre em algumas outras áreas do ministério. Todos os crentes foram comissionados a evangelizar, mas nem todos

são evangelistas; todos são ordenados a curar; mas nem todos são curadores; todos são chamados a ensinar, mas nem todos são mestres. Nós podemos não ser todos empregados por uma igreja como ministro assalariado, mas somos todos chamados a nos envolver tempo integral na atividade profética – ouvindo a Deus, falando Suas palavras e realizando Seus feitos.

### **Ministério no Mercado de Trabalho**

Isso nos ajuda a entender o verdadeiro ministério da igreja. Somos chamados a ministrar como Jesus ministrou. Isso significa que nós O representamos fazendo Suas obras não apenas no local de reunião (a igreja), mas também no mercado de trabalho (o mundo). Durante o auge do movimento carismático, nas décadas de 70 e 80, pregadores e mestres colocaram muita ênfase nos 'dons do Espírito'. O objetivo deles era ver o corpo de Cristo equipado com as capacitações proféticas e carismáticas do Espírito, de modo que cada membro pudesse funcionar como Deus planejou para a edificação da igreja, conforme Efésios 4:12–16. Isso contrastou com a ênfase forte entre outros pastores evangélicos, os quais tinham o foco em áreas práticas de serviço dentro da igreja, tais como a mordomia, servir alimento, limpar e lustrear cobre. Temos visto que todo serviço é ministério num sentido geral, e que tanto o exercício dos dons espirituais quanto os trabalhos práticos do culto são verdadeiramente ministério.

Contudo, a necessidade agora é de uma maior compreensão do ministério em si, ou seja, o ministério de Cristo para o qual todo membro do corpo é chamado. O ministério de Cristo é simplesmente a obra de Cristo que Ele nos chama a fazer como Seu corpo, Seu agente na terra. Em João 20:21 Jesus disse aos discípulos: 'Assim como o Pai me enviou também Eu vos envio a vós'. A missão de Jesus de 'enviar' a igreja também é vista em Mateus 9:38; Mateus 10:16; Marcos 3:14 e 6:7.

Podemos ver claramente que o ministério de Cristo tem a ver com a igreja. Somos chamados a ministrar uns aos outros e a

edificar uns aos outros. Porém, o envio de Jesus é muito mais amplo que isso. Na realidade, a essência do envio de Jesus tem a ver com o mundo. Somos enviados por Cristo ao mundo, a fim de ministrar por Ele e fazer Sua obra.

Isso tem implicações enormes para aqueles que estão preocupados com o 'ministério no Espírito'. Não é só aprender como servir um ao outro por meio dos dons do Espírito, ou servir na igreja por meio de questões práticas como definir o local das flores ou fazer café. O ministério é fazer o que Jesus fez – a escala completa de Seu ministério para outras pessoas. E, o mais importante de tudo, fazer isso no mundo – não apenas no local de reunião. Em outras palavras, o objetivo de Deus no ministério não é apenas ver mais pessoas fazendo o trabalho da igreja, seja por meio de dons espirituais ou serviço prático, mas mobilizar toda a igreja para trabalhar no mundo.

A Grande Comissão de Jesus para a igreja em Mateus 28:18–20 é fazer discípulos, mostrando que nosso envio tem a ver com obedecer Sua ordem no mundo, ministrando como Ele fez, e servindo no poder do Espírito. Nosso serviço não se dará necessariamente por meio da ocupação de 'cargos oficiais de ministério' na igreja, mas tem a ver com servir a Cristo e ao próximo no mundo onde quer que Ele nos envie. Os verdadeiros ministros de Cristo são os membros do corpo que evangelizam, ensinam, curam, libertam e discipulam outras pessoas, servindo a Cristo como estudantes em uma faculdade, homens de negócios, políticos, doutores, mestres, trabalhadores em fábricas, escritórios ou fazendas – na verdade, onde quer que estejamos em nossa vida diária.

Na medida em que prosseguir a leitura e aprender como ministrar do modo que Jesus ministrou, ministrar no Espírito, tenha em mente que você já foi chamado a fazer a obra de Jesus, exatamente no lugar onde está. Tenha em mente que Deus lhe deu um campo de trabalho já pronto, em sua casa, sua família e em seu local de trabalho diário.



Parte Três

# Ministrando no Espírito

Vimos que o ministério ao qual somos chamados é ‘no Espírito’. Somos chamados a servir a Deus e uns aos outros com o cuidado e humildade de um servo doméstico do primeiro século e com o poder, unção e autoridade de um profeta do Antigo Testamento.

A unção do Espírito no Pentecostes não vestiu a igreja com algum tipo de poder mágico para o ministério, em vez disso a unção levou a igreja a um relacionamento vivo com o Espírito Santo. Os discípulos eram mergulhados no Espírito de modo que podiam estar Nele e com Ele para sempre, de modo que podiam viver e servir em parceria permanente com o Espírito. O ‘Consolador’ prometido de João 14:16 veio para habitar com a igreja e ajudá-la a testemunhar eficazmente de Jesus.

Para nós é a mesma coisa. Quando pedimos pela fé a unção prometida do Espírito, nós somos ungidos com Ele, mergulhados Nele e cheios com Ele. Começamos a andar Nele e com Ele, e podemos ministrar conforme Seu mover, usando Seus dons, com Seu poder e eficácia. Nós examinamos esse aspecto no volume Conhecendo o Espírito.

## **Desenvolvendo o ministério de Jesus**

Vimos que cada aspecto da atividade profética e ministério tem o objetivo de apontar para Jesus, e sabemos que o único propósito do Espírito é glorificar a Jesus. Isso significa que minis-

tramos no Espírito a fim de que o ministério de Jesus possa continuar e Ele possa ser glorificado.

### Discipulado

O ministério no Espírito sempre está no contexto de discipulado – Tanto ministrando como uma manifestação de nosso próprio discipulado como fazendo discípulos por meio de nosso ministério a outros. Os primeiros parceiros de Jesus no ministério foram os ‘discípulos’ e Sua comissão de ministério para eles era fazer outros discípulos. A palavra grega *mathetes* significa ‘aprendiz’. Assim como os primeiros discípulos de Jesus, precisamos ‘aprender’ com Cristo e seguir Seu exemplo em tudo – em nosso pensar, falar, viver, orar, se compadecer, servir, ministrar e em nosso ministério e moralidade.

Discipulado significa obedecer a Jesus plenamente, porque O amamos e queremos aprender com Ele; significa ainda ensinar os outros a fazer o mesmo. Quando vivemos no Espírito não podemos deixar de ouvi-Lo nos motivando a pensar e agir como Jesus. Nós O ‘sentiremos’ nos encorajando: ‘faça isso, vá ali, sente-se em silêncio, fale uma frase curta, e assim por diante. Porém, lembre-se, o Espírito nunca nos força a obedecê-Lo e Ele nunca nos deixa na mão – nem mesmo quando cometemos erros ou agimos de modo tolo. Ele está sempre ao nosso lado’.

### Orientação

Todo ministério depende de nossa capacidade de ouvir o Espírito e provar e reconhecer Seu mover. Esse foi o segredo fundamental da eficácia de Jesus. Se quisermos desenvolver o Ministério de Jesus, temos simplesmente de aprender como diferenciar entre o encorajamento do Espírito, nossos pensamentos naturais e a confusão diabólica. Nós examinamos essa questão no volume Ouvindo a Deus.

Podemos estar certos de que se estivermos vivendo no Espírito, Ele nos guiará e dirigirá. Porém, Ele não nos compele a

O obedecermos. Ele nos encoraja. Ele aconselha. Ele persiste. Porém, Ele nunca insiste.

Muitos crentes oram somente ao Pai, mas às vezes é válido orar de forma mais íntima com o Espírito. É claro que nós intercedemos com o Espírito, não ao Espírito, mas podemos falar com Ele em comunhão e na dependência de Sua ajuda. Se formos sérios quanto a ministrar no Espírito Santo e com o Espírito Santo, deve estar claro que precisaremos de fato ouvi-Lo.

### **Dependendo do Espírito**

Começamos a progredir espiritualmente apenas quando entendemos que, de fato, não podemos fazer absolutamente nada por nossa conta. É somente dependendo completamente do Espírito que podemos ministrar Nele.

1 Reis 18 ilustra as diferenças entre o profeta cheio do Espírito e os falsos profetas. O importante para nós aqui é que Elias não tentou fazer nada acontecer, em vez disso ele fez todo o possível para provar ao povo que ele não era responsável pelo milagre. Como Elias, precisamos dificultar que as pessoas pensem que o que ocorre no ministério é por causa de manipulação ou pressão humana. Precisamos deixar o mais claro possível que é o Espírito ou nada.

Este princípio está muito claro no Ministério de Jesus, por exemplo, João 5:30. Volta e meia Jesus insistia que Ele não podia fazer nada, dizer nada e ir a lugar nenhum na própria autoridade: Era Deus ou nada.

Um aspecto impressionante do Ministério de Jesus é o modo como Ele às vezes pedia às pessoas para não dizer a ninguém acerca do milagre. Marcos 7:31–37 e 8:22–26 ilustra Seu desejo santo de trabalhar discretamente – que é uma das marcas registradas do Espírito humilde, que oculta a si mesmo.



Quando dependermos verdadeira e completamente do Espírito da verdade, seremos certamente caracterizados pelo discurso franco, e não sentiremos a necessidade de usar métodos mundanos que aumentam os fatos, ignoram erros e raramente focam toda a atenção em Jesus.

### A unção do espírito

Depender do Espírito significa confiar em nossa unção com Ele. Há uma tentação terrível no ministério de confiar mais em nossa experiência pessoal e na experiência de outros do que no mover e direção do Espírito. Porém, nunca devemos esquecer a unção do Espírito Santo e faremos bem em lembrar de que todo o Ministério de Jesus foi conduzido debaixo da unção do Espírito. Conforme vemos no volume *Conhecendo o Espírito*, foi somente depois de Sua unção com o Espírito que Jesus iniciou o ministério público. Jesus optou por não usar Sua natureza divina ao ministrar porque Ele estava exemplificando-nos o modo de ministrarmos e, portanto, Ele recorria à oração, Palavra, unção e dons do Espírito tanto quanto nós recorreremos. Se Jesus precisou da unção do Espírito para Seu ministério na terra, quanto mais nós devemos precisar da mesma unção para fazer tudo que Deus nos chamou a fazer?

É claro que sempre devemos seguir os princípios bíblicos, e tanto o bom senso como a experiência são importantes, mas dependemos do Espírito e de nos sujeitarmos à Sua autoridade em todo o tempo.

### **Discernindo os planos do Espírito**

O fato de Deus não dar poder para o que Ele não está fazendo, mas sempre prover poder para o que está fazendo é um princípio ministerial básico. É por isso que os profetas do Antigo Testamento eram chamados de ebed, 'feitores' ou servos de Deus.

Jesus, que era totalmente Deus e – como homem – fora unido com o Espírito abundantemente, não curou todos que esta-

vam doentes na nação! Em vez disso, curou todos que Lhe eram trazidos e também levou a cura de Deus a pessoas específicas. Porém, Ele quase sempre ignorava as multidões doentes em volta daquele que estava curando. É nítido que Jesus fez somente o que o Pai estava fazendo e manteve-se rigidamente fiel aos planos do Espírito.

Nosso ministério será improdutivo se tentarmos tomar a iniciativa ou seguir a própria inclinação. Devemos esperar pelo Espírito Santo e receber direções específicas e revelação Dele antes de realizarmos qualquer forma de ministério ativo no Espírito. É exatamente isso que vemos nos profetas do Antigo Testamento.

### Esperar

Conhecer a vontade de Deus é uma das partes mais difíceis da vida cristã. Nós ansiamos por obedecer a Deus, mas nem sempre sabemos o que Ele quer que façamos. Em vez de esperar pela direção, muitos crentes geralmente presumem e fazem qualquer coisa que lhes pareça ser o melhor segundo suas ideias ou inclinação naquele momento.

João 10:16 e 27 são promessas que Jesus manteve. Pelo Espírito, nós ouvimos de fato a voz de Deus. Às vezes, porém, não temos certeza se é a voz Dele ou nossos próprios pensamentos. Outras vezes nossas mentes estão tão cheias de confusão que não conseguimos ouvir claramente Sua voz. Sabemos que Ele está nos falando, mas não conseguimos entender o que Ele está dizendo.

Precisamos esperar pacientemente em Deus – criando um lugar de paz em nossas vidas, talvez por meio de meditação na Sua Palavra – antes de começarmos a ouvir a direção do Espírito.

### Ouvir

Precisamos passar mais tempo ouvindo em oração do que fazemos. Na maioria das vezes nós passamos tempo pedindo a

Deus que faça coisas em vez de perguntar o que Ele quer que façamos – e ouvir Sua resposta.

Devemos reconhecer que Deus geralmente nos fala, como aos profetas do passado, por meio de Sua Palavra – portanto, devemos investir tempo ouvindo-O pela leitura das Escrituras. Contudo, precisamos estar continuamente alertas, porque Deus, às vezes, nos fala Sua palavra por meio de eventos ordinários. E precisamos atentar para todo ‘fardo’ profético do Senhor que se desenvolve em nós e é a maneira de Deus direcionar nossa atenção para Seus interesses.

Em um nível prático, fazer perguntas específicas a Deus é uma boa forma de aprender a identificar Sua voz. Não deveríamos ter medo de perguntar a Ele o que devemos fazer ou dizer. Porém, devemos ‘provar’ as ideias que vêm à nossa mente.

O dom de ‘discernir espíritos’, mencionado em 1 Coríntios 12:10, é dado, em parte, para nos ajudar a discernir a palavra de Deus. A palavra grega *diakrisis* geralmente é traduzida como ‘discernindo’, mas literalmente ela significa ‘separando’. O dom de *diakrisis* refere-se à revelação dada pelo Espírito, a qual nos capacita a ‘separar’ o divino do demoníaco ou humano.

Ao ouvir a Deus nós geralmente ‘ouvimos’ ou vemos uma mensagem ou instrução que é uma mistura de Sua direção divina e nosso entusiasmo e valores culturais. O dom da *diakrisis*, ‘discernimento’ ou ‘separação’, de espíritos nos ajuda a ‘filtrar’ os elementos humanos e definir a palavra divina central que provém de Deus. Examinamos esse aspecto mais amplamente no volume *Ouvindo a Deus*.

Depois de termos reconhecido a palavra de Deus, devemos agir em relação ao que entendemos em nosso espírito. Com

tempo e compromisso sério de ser um 'aprendiz', nós começamos de fato a reconhecer o jeito especial do Espírito de falar conosco.

Nunca deveríamos deixar de passar um tempo a sós com o Espírito ouvindo-O, contudo, reconheceremos cada vez mais o jeito que Ele interrompe nossos pensamentos naturais quando quer ministrar a alguém.

Devemos nos lembrar de que os profetas eram inspirados pelo Espírito tanto quanto pela Palavra, e era inspiração instantânea para ação imediata. Alguns dos períodos mais preciosos do ministério ocorrem quando confiamos nestes pensamentos repentinos.

#### Perguntar

Quando estamos ministrando a uma pessoa, precisamos ouvir Deus e esta pessoa especifica a quem estamos ajudando.

Jesus não operava somente de modo sobrenatural, Ele também trabalhava no nível natural da observação e dedução. Ele fazia perguntas normais e naturais que ajudavam no ministério. Se Ele teve de fazer perguntas como as de Marcos 5:9; 8:23; 9:21; Lucas 18:41 e João 5:6, quanto mais nós.

Além de fazer perguntas à pessoa, deveríamos também perguntar a Deus o que mais é preciso saber. Isso significa pedir a Deus para nos mostrar o que está acontecendo, o que causou o problema, o que Ele quer que façamos, e daí por diante. O Espírito pode nos dar uma imagem, figura ou palavra para passar adiante, sugerir uma declaração que deveríamos fazer ou colocar uma pergunta em nossa mente.

Depois de termos feito todas as perguntas relevantes e discernido os planos do Espírito, nos voltamos ao Espírito Santo para direção no ministério.

## **Demonstrações do Espírito**

Quando o Espírito nos incita a falar e agir, devemos nos lembrar de que estamos simplesmente transmitindo as palavras de Deus e realizando Seus feitos. Somos chamados a falar com autoridade, mas nós não curamos o doente ou expulsamos demônios. Nós ministramos em parceria com o Espírito: Deus é responsável pelos milagres; nós simplesmente entramos com a fé, as mãos e a boca.

### Fé

Alguns crentes pensam que precisam de quantidades imensas de fé para o ministério, enquanto Jesus sugeriu que precisamos somente de uma quantidade pequenina. A fé é como a embreagem em um carro. Pode haver um motor poderoso rugindo debaixo do capô, mas o carro permanece parado até que o motorista pressione o pedal da embreagem e deslize o câmbio. A embreagem, contudo, não faz o carro se mover; ela simplesmente possibilita propulsão.

Mateus 9:2, 22, 29 e Marcos 6:1–6 mostram que às vezes a pessoa que estava sendo ministrada tinha fé. Isso significa que quando ministramos devemos estar prontos a encorajar as pessoas a crer no poder de Deus e em Suas promessas. Também quer dizer que deveríamos estar firmemente persuadidos de que Deus pode fazer o que é necessário, e que temos o compromisso de falar Suas palavras quando Ele nos move a fazê-lo. Examinaremos melhor esse aspecto no volume *Fé viva*.

### Dons

O Ministério no Espírito normalmente significa ministrar os dons do Espírito. De fato, é difícil visualizar qualquer forma de ministério que não envolva os dons descritos em 1 Coríntios 12.

No volume *‘Conhecendo o Espírito’* vemos que o ato de Deus de conceder dons de graça a cada crente é uma atividade contínua e não uma ação única e exclusiva. Isso significa que não recebe-

mos dons espirituais como posses 'pessoais'; em vez disso, o Espírito nos dá qualquer dom que precisarmos e quando precisarmos.

Jesus tinha uma habilidade tremenda de ministrar de acordo com os dons do Espírito. De fato, vemos exemplos dos dons de todo o Novo Testamento no Ministério de Jesus, exceto o de línguas e interpretação.

Por exemplo, vemos Jesus usando:

- O dom da fé – Marcos 11:20–25 e João 11:41,42
- O dom de milagres – Marcos 6:30–52 e João 2:1–11
- O dom de cura – Mateus 4:23–25 e Marcos 5:21–43
- palavra de sabedoria – Mateus 22:18; Lucas 13:10–17 e João 7:53–8:4
- O discernimento de espíritos – Mateus 16:17–23 e Lucas 13:10–17
- O dom da profecia – João 2:19
- A palavra de conhecimento – João 1:47–50 e João 4:16–20.

Se Jesus precisou dos dons para ajudá-Lo a ministrar, podemos com certeza esperar o mesmo. Devemos, portanto, certificarmos-nos de desenvolver conhecimento e experiência em usá-los com eficácia.

Falando de forma simples, usar os dons do Espírito significa contar com quaisquer que sejam os pensamentos ou palavras que Ele nos dá, pois os dons são simplesmente manifestações do próprio Espírito. Isaías 11:1,2 relaciona alguns dos atributos do Espírito que são semelhantes aos dons; e 11:3–5 mostra-os sendo usados em atividade divina e autoridade profética.

Por meio dos 12 dons de 1 Coríntios, o Espírito revela um pouco da faceta de Seu conhecimento, capacidade e natureza divinos e aplica isso diretamente à situação ou pessoa que estamos servindo.

1 Coríntios 12:8–10 identifica nove dons:

- A palavra de sabedoria – a capacidade do Espírito de aplicar uma revelação ou de entender como resolver ou assistir a uma situação
- A palavra de conhecimento – a revelação do Espírito de fatos a respeito da pessoa ou situação
- Curas – o discernimento do Espírito de como ministrar a cura de Deus a uma determinada pessoa, e Sua capacitação eficaz para ministrar a cura de Deus á pessoa
- Fé – um derramar sobrenatural da confiança do Espírito na capacidade de Deus fazer algo aparentemente impossível
- Milagres – o poder miraculoso do Espírito intervindo na ordem natural por meio de um ministro
- Profecia – a mensagem do Espírito para uma pessoa, grupo de pessoas ou situação
- Discernimento de espíritos – a revelação do Espírito que identifica o espírito motivador por trás de uma palavra ou pessoa e nos ajuda a separar o divino do humano e do demoníaco
- Diferentes tipos de línguas – as palavras do Espírito para pregar em uma língua não aprendida
- Interpretação de línguas – a revelação do Espírito quanto à essência de uma oração em línguas

Deve estar claro que estes dons são ferramentas importantes que, de fato, nos ajudam enormemente no ministério. É claro que cometeremos erros quando começarmos a usá-las. Porém, desenvolveremos mais habilidade na manifestação de dons se perseverarmos em meio ás falhas e erros.

### Ministério

Quando estamos ministrando, o Espírito nos guia por Sua trajetória criativa. Ele poderá nos induzir a fazer algo incomum – como Jesus unguindo os olhos de um homem com saliva. Porém, isso não significa que deveríamos repetir o que ‘funcionou’ no passado, ou sempre fazer a mesma coisa novamente, a menos que Ele nos instrua claramente a fazê-la.

Nos últimos capítulos analisamos algumas sugestões práticas para diferentes elementos do ministério, mas o princípio básico sempre permanece o mesmo – ouvimos o Espírito, provamos Suas palavras, dependemos Dele e de Seus dons, e fazemos somente o que ele nos instiga a fazer.

### **Discipulado com o Espírito**

Em Lucas 17:15–19; João 5:14 e 9:35–38 vemos que Jesus continuou trabalhando, após o ministério, com muitas das pessoas que Ele serviu. Ele teve o cuidado de fazer discípulos e não apenas ‘satisfazer as necessidades’ das pessoas que serviu.

As pessoas nem sempre recebem tudo de Deus quando lhes ministramos pela primeira vez. Nós geralmente precisamos voltar muitas vezes e ajudá-las a receber seja lá o que for que Deus tenha para elas. Como veremos na Parte Onze, isso é verdadeiro especialmente no ministério de aconselhamento, onde nosso ministrar a uma pessoa específica pode se estender por algum tempo.

Devemos reconhecer que temos uma responsabilidade especial, dada por Deus, em relação às pessoas que servimos. Raramente é apropriado impor as mãos sobre alguém, fazer uma oração rápida e depois passar para a próxima pessoa. O verdadeiro ‘ministério no Espírito’ sempre comunica Seu compromisso para com as pessoas de ‘permanecer ao lado’ delas e jamais devemos evitar expressar isso.

É óbvio que sempre devemos orar pela segurança e crescimento espiritual de cada pessoa que servimos, mas precisamos da orientação do Espírito quanto ao nível de intimidade que devemos ter com cada indivíduo.

Sabemos que o Espírito está conosco para encorajar, ensinar, consolar e nos direcionar. Quando estivermos ministrando Nele, seremos naturalmente conduzidos às pessoas para servi-las e encorajá-las de uma maneira semelhantemente comprometida e positiva.



### Ministério coletivo

O princípio da parceria no ministério está em toda a Bíblia. Por exemplo, Jesus ministrou com os apóstolos; Ele os enviou a ministrar em pares; Ele enviou os setenta discípulos a ministrar em pares; havia uma equipe de sete 'diáconos' cheios do Espírito; Paulo sempre ministrou com um companheiro íntimo e uma pequena equipe; e indicava-se um grupo de anciãos em toda igreja do Novo Testamento. Nós analisamos esse aspecto nas Partes Sete e Oito do volume *Glória na Igreja*. O Ministério no Espírito deveria ser o desenvolvimento natural do próprio discipulado, o qual, conforme destacamos na Parte Onze de *Glória na Igreja*, é mais bem feito dentro do contexto de pequenos grupos ou células. Seus líderes de célula poderão lhe exemplificar como ministrar no Espírito e ajudá-lo a começar a avançar também. Porém, todo ministério deve ser conduzido em parceria com outros que estão em boa comunhão com a igreja, não como uma atividade independente.

Isso não significa que sempre recusemos ministrar se ninguém estiver conosco. Atos contém muitos exemplos de crentes que foram enviados pelo Espírito para ministrar sozinhos – por exemplo, Atos 8:26–40 e 9:10–19.

Quando ministramos em parceria, é mais fácil conduzir as pessoas que servimos à relacionamentos humanos semelhantes dentro do corpo de Cristo. Nosso ministério no Espírito deve encorajar as pessoas a uma vida coletiva que reflita os relacionamentos eternos que existem dentro da divindade e que fortaleça e edifique a Igreja em sua unidade inerente, forjada pela cruz.





Parte Quatro

# As Bases do Ministério de Cura

Uma das maneiras mais óbvias de Jesus servir pessoas específicas no Novo Testamento era curando-as. Porém, antes de examinarmos o modo como Ele ministra por meio da cura, precisamos entender que esse ministério de cura está baseado firmemente no Antigo Testamento. Nós normalmente pensamos no ministério de cura ligado somente ao Novo Testamento, porém o Antigo Testamento nos fornece uma compreensão de que a cura é parte da natureza e propósito de Deus. Em Lucas 4:6–20, por exemplo, Jesus se apresenta a Israel como aquele que foi enviado para curar, declarando que Ele é o cumprimento de Isaías 61:1,2.

Essa introdução do Filho é parecida com a de Êxodo 15:26, onde o Pai se identifica com o povo de Israel como *Yahweh Rapha*, ‘o Senhor que te cura’. Por todas as Escrituras o ministério do Pai e Filho baseia-se nessas revelações divinas paralelas de que a cura é crucial para a natureza e ministério de Deus.

O Antigo Testamento apresenta Deus como alguém que se preocupa com a higiene e nutrição de seu povo, com a cura de seus corações partidos, com seu consolo e aconselhamento, e com a cura de suas doenças. Vemos isto, por exemplo, em

Êxodo 15:26; Levítico 7:22–27; 11:1–15:33; 17:1–16; Salmos 34:18; 86:17 e Isaías 61:1,2. Isso significa que o ministério de cura de Jesus não é algo novo; é uma expansão da obra de cura de Deus no Antigo Testamento.

### **Cura no Antigo Testamento**

O Antigo Testamento inclui mais material acerca do ministério de cura de Deus do que normalmente se supõe. Ele contém uma variedade de promessas.

Promessas de saúde e cura

As promessas do Antigo Testamento:

- A saúde como uma bênção seguida da obediência pessoal ou nacional
- A cura por meio dos processos naturais que Deus inseriu na humanidade por meio da criação
- Intervenção de cura soberana sobrenatural
- Intervenção de cura sobrenatural em resposta ao arrependimento
- Intervenção de cura sobrenatural em resposta à intercessão.

Vemos essas promessas em passagens como Êxodo 15.26; Deuteronômio 5:33; 7:15; 32:39; 2 Crônicas 30:20; Salmos 23:1,2; 34:19,20; 38:3–10; 41:3; 69:29,30; 91:10–16; 103:1–4; 107:20; 116:8; 145:14; 146:8; 147:3; Provérbios 3:7–10; 4:20–23; 9:11; 16:24; 17:22; Eclesiastes 3:3; Isaías 19:22; 30:26; 32:3; 35:5; 40:27–31; 41:10; 53:4–6; 57:18–19; 58:8; Jeremias 17:14; 30:17; Ezequiel 16:6; 47:1–12; Oséias 6:1; 13:14 e Malaquias 4:2.

Evidencia-se por essa lista que há referências múltiplas à cura em cada uma das principais divisões judaicas do Antigo Testamento – a Lei, os Profetas e os Escritos. Isso ilustra a importância do papel de Deus como curador no Antigo Testamento.

### Promessas de fertilidade

Êxodo 23:25,26 e Deuteronômio 7:12–15 são passagens importantes sobre cura e as duas prometem fertilidade como uma benção especial pela obediência. Examinaremos esse aspecto da benção posteriormente, mas por hora devemos reconhecer a importância bíblica da fertilidade.

Nós a vemos, por exemplo, em Gênesis 1:28; 9:1; 12:2; 17:16–20; 22:17; 24:35,36; 26:3–4, 24; 28:3; 30:30; 32:12; 35:11; 46:3; 48:3, 15–16; Deuteronômio 7:12–14; Jó 5:25; Salmos 127:3–5 e 128:3,4.

### Promessas de vida longa

Embora uma vida longa seja consequência natural da saúde e cura, o Antigo Testamento destaca que em Israel a longevidade nacional e pessoal estão ligadas – assim como a fertilidade – à obediência.

A promessa pode ser vista, por exemplo, em Êxodo 20:12; 23:25–26; Levítico 18:5; Deuteronômio 5:33; 6:2,3; 30:15–19 e Jó 5:26.

### Orações e testemunhos de cura

O Antigo Testamento também registra muitos exemplos de pessoas reivindicando essas promessas em oração e muitos testemunhos de oração respondida: por exemplo, Gênesis 25:21; 30:6, 17, 22–23; Êxodo 1:7, 9, 20; Deuteronômio 1:10–11; 1 Samuel 1:10–2:11; 1 Reis 4:20; Salmos 6:2; 30:2; 41:4; 107:20; 147:3 e Jeremias 17:14.

### **Exemplos de cura**

O Antigo Testamento também descreve nove casos de cura. Eles ilustram a base bíblica para o ministério de cura que é cumprido e expandido por Jesus em Seu ministério, e é tão relevante para nós hoje.

### Genesis 20:1–18

A cura de Abimeleque é o primeiro exemplo bíblico do ministério de cura e estabelece diversos princípios importantes.

Abraão, o ministro, é um profeta. Este fato dá início ao elo entre atividade profética e cura que está presente em toda a Bíblia.

Deus respondeu às orações de Abraão e o usou no ministério de cura muito embora ele tivesse enganado pecaminosamente a Abimeleque.

Abimeleque era um rei pagão. Isso sugere que o ministério de cura inclui interação entre os servos de Deus e as pessoas que não servem e seguem a Deus.

Deus enviou a enfermidade como um tipo de maldição ou castigo, mas – por meio da intercessão profética – Deus revogou Seu ato. Para Abimeleque a cura foi uma placa apontando para o perdão.

Muitos meses devem ter se passado antes de Abimeleque ter prova convincente da cura. O milagre pode ter sido instantâneo, mas o reconhecimento da cura por parte de Abimeleque deve ter sido gradual.

A fé de Abraão é parte vital do ministério.

### Números 12:1–16

A cura da lepra de Miriam destaca muitas dessas ideias. Moisés, um profeta, ministrou a cura; a enfermidade de Miriam foi enviada por Deus como uma punição; a cura apontava para seu perdão; e o milagre não foi revelado instantaneamente a ninguém.

Diferentemente de Abimeleque, Miriam era uma das servas de Deus, e a ela também foi dada uma ação para realizar a qual facilitou sua cura.

### 1 Reis 13:1–24

Essa história mostra que pode haver um lugar para jejum na cura, e que os servos de Deus sempre devem obedecer às Suas ordens incondicionalmente.

A morte do profeta mostra o quanto Deus leva suas instruções a sério; jamais devemos pensar que podemos tratar os direcionamentos do Espírito com displicência.

### 1 Reis 17:8–24

O filho de uma viúva morreu e ela culpou Elias. O profeta pegou o corpo do menino, levou-o para sua cama e então clamou a Deus em intercessão.

Elias não tinha um modelo para suas orações, mas isso não o impediu de orar. Nenhum de nós jamais ministraria se restringíssemos nosso serviço a coisas que já tivéssemos visto Deus realizar por meio de nós!

### 2 Reis 4:8–37

2 Reis 2:9–15 relata que Eliseu herdou uma porção dobrada da unção profética de Elias. Portanto, é instrutivo perceber que o ministério de cura no Antigo Testamento é mais associado a Eliseu do que qualquer outra pessoa – e que a maioria das pessoas servidas por ele era pagã. Isso destaca o elo entre a unção do Espírito, ministério e missão.

2 Reis 4:8–37 relatam dois episódios. Uma mulher era muito generosa e isso levou Eliseu a se oferecer a conversar com o rei a favor dela. Quando ela deixou claro que não queria recompensa material, Eliseu anunciou que ela daria a luz a um filho no prazo de doze meses.

Mais uma vez, deve ter ocorrido um reconhecimento tardio da cura. A mulher não teria evidência da concepção por muitos meses, ou do sexo da criança até que esta nascesse. Nas Escrituras



normalmente há um intervalo entre a palavra de Deus e a prova convincente de que ela se concretizou – e Deus quase sempre nos chama a viver com uma fé semelhante no intervalo entre Sua palavra e nossa experiência.

A mulher deu a luz a um menino que morreu posteriormente. Porém, sua fé em Eliseu permaneceu absoluta – ele conseguira um filho para ela, portanto, ele poderia restaurar essa criança. Eliseu deu a Geazi, seu criado, um símbolo de sua autoridade profética, e o mandou esticá-lo sobre o cadáver. Como nada aconteceu, o profeta veio pessoalmente e orou.

#### 2 Reis 5:1–27

Eliseu enviou seu servo Geazi com os detalhes da tarefa que Naamã teria de cumprir para viabilizar a cura. A indignação de Naamã no versículo 11 mostra que ele precisava aprender que o ministério de cura é uma questão de obediência e não de técnica, e que é sempre por causa da intervenção divina e nunca do esforço humano.

Após a cura Naamã reconheceu que somente *Yahweh* era o Deus verdadeiro e insistiu para que Eliseu aceitasse um presente. Eliseu recusou. Ele sabia que os ministros humanos não deveriam receber crédito ou recompensa por algo que Deus fez sozinho. Em vez de agradecer o homem, Naamã louvou a Deus. Ele se foi em seu carro, curado e abençoado, o primeiro exemplo bíblico de um convertido por meio do ministério de cura.

Em Lucas 4:27, Jesus retomou essa história e a propôs como padrão para todo o Seu ministério. Isso ilustra o quanto é importante entender o Antigo Testamento antes de estudar o Ministério de Jesus.

#### 2 Reis 13:20, 21

Nesse episódio parece não haver fé exercida e nem oração oferecida – somente medo e pânico. Tudo que podemos dizer com

certeza é que ela mostra que Deus não é domesticado ou previsível. Ele não pode ser aprisionado em técnicas e tradições do ministério. Ele trabalha do modo, quando e por meio de quem Ele quiser.

## 2 Reis 20:1–11

O profeta Isaías foi enviado por Deus para anunciar a morte iminente do rei. Ezequias suplicou a Deus e Este ouviu sua oração. Então Isaías foi enviado de volta para anunciar três coisas, inclusive a cura.

Nessa história, o ministro de Deus recebe uma tarefa a realizar – somente então é que o rei se recupera. Mais uma vez, é improvável que houve evidência imediata de cura, pois o rei pediu prova de que sobreviveria nos próximos três dias – o que Deus graciousamente ofereceu por meio de seu servo ungido.

### **Princípios básicos**

Embora essas histórias do Antigo Testamento enfatizem principalmente a soberania e poder de Deus, dez princípios básicos do ministério de cura bíblico começam a surgir.

- O ministério de cura era exclusivo aos servos de Deus, os profetas – Deus trabalhava em parceria somente com e por meio daqueles que Ele havia ungido com Seu Espírito como profetas.
- A enfermidade curada era devida eventualmente ao pecado pessoal.
- Em alguns casos, tanto o ministro como a pessoa doente precisavam realizar uma ação como parte do ministério de cura.
- O ministro profético intercedia a Deus pela cura ou anunciava sua chegada – que poderia estar até um ano de distância.
- Os profetas não saíam oferecendo o ministério de cura indiscriminadamente. Em vez disso, eles respondiam às necessidades humanas e ao mover de Deus por meio do Espírito.

- As pessoas a quem eles ministravam não eram necessariamente judeus – mais da metade eram pagãos que não faziam parte da aliança.
- Algum elemento de fé ou expectativa normalmente estava presente.
- Grande parte das curas não pareceria ser instantânea – sempre havia uma demora até que ficasse evidente que a cura havia ocorrido.
- A maior parte das curas era uma placa direcionando a atenção das pessoas doentes para algo mais significativo – geralmente para o perdão.
- Algumas vezes nenhum desses princípios era usado e Deus intervinha de um modo soberano e misterioso.





Parte Cinco

# Cura no Novo Testamento

Jesus sempre foi o Filho de Deus, porém poucas pessoas acreditavam em Sua divindade ou função profética até Ele ser ungido com o Espírito em Seu batismo. Este foi o momento em que o Pai ungiu Jesus publicamente com o Espírito para encarregá-Lo e equipá-Lo para Sua tarefa messiânica.

Na narrativa de Lucas, Jesus saiu do rio cheio do Espírito; Ele foi levado ao deserto pelo Espírito; Ele venceu tentação satânica; e depois – cheio do poder do Espírito – Ele voltou para sua sinagoga a fim de se apresentar como o cumprimento de Isaías 61:1–2. Lucas 4:23 deixa claro que Jesus já havia começado Seu ministério de cura na época em que retornou a Nazaré, mas vincula Sua declaração em Nazaré à Sua unção no rio.

Lucas 4:16–30 descreve Jesus proclamando que, por ter sido ungido com o Espírito, Ele agora estava restaurando os contritos de coração, libertando os cativos e dando abertura de prisão aos cegos. Aqui Jesus está descrevendo os elementos básicos do autêntico ‘ministério no Espírito’.

Na sinagoga, Jesus se apresentou como um profeta e se vinculou aos ministérios de cura dos profetas do Antigo Testamento. Ele estava alegando ser outro profeta de cura cujo ministério, como o de Elias e Eliseu, era principalmente para aqueles que estavam fora do Reino de Deus.

## O ministério de cura de Jesus

Os Evangelhos atribuem a Jesus cerca de vinte casos de cura específicos. (não se inclui nesta conta as ocasiões em que Ele libertou pessoas de espíritos malignos – estudaremos isso mais tarde.):

- O filho do homem nobre em Cafarnaum – João 4:43–54
- A filha de Jairo – Mateus 9:18–26; Marcos 5:21–43 e Lucas 8:40–56
- A mulher com o fluxo de sangue – Mateus 9:20–22; Marcos 5:25–34 e Lucas 8:43–48
- Os dois cegos – Mateus 9:27–31
- O paralítico baixado para dentro pelo telhado - Mateus 9:1–8; Marcos 2:2–12 e Lucas 5:17–26
- Um leproso – Mateus 8:1–4; Marcos 1:40–45 e Lucas 5:12–14
- O servo do centurião – Mateus 8:5–13 e Lucas 7:1–10
- A sogra de Pedro – Mateus 8:14,15; Marcos 1:29–31 e Lucas 4:38,39
- O filho da viúva de Naim – Lucas 7:11–17
- O paralítico do poço de Betesda – João 5:1–18
- O homem que nasceu cego – João 9:1–41
- O homem da mão ressequida - Mateus 12:9–14; Marcos 3:1–6 e Lucas 6:6–11
- A mulher que andava curvada – Lucas 13:10–17
- O homem hidrópico – Lucas 14:1–6
- Os dez leprosos – Lucas 17:11–19
- O homem surdo e mudo – Marcos 7:31–37
- O cego de Betsaida – Marcos 8:22–26
- Lázaro – João 11:1–44
- O cego de Jericó – Mateus 20:29–34 e Lucas 18:35–43
- O servo do sumo sacerdote – Lucas 22:47–51

Os Evangelhos também registram doze declarações gerais sobre o ministério de cura de Jesus:

- Mateus 4:23–25 e Lucas 6:17–19
- Mateus 8:16, 17; Marcos 1:32–34 e Lucas 4:40
- Mateus 11:4, 5 e Lucas 7:21, 22
- Mateus 9:35
- Mateus 12:15, 16 e Marcos 3:10–12
- Mateus 14:14; Lucas 9:11 e João 6:2
- Mateus 14:34–36 e Marcos 6:55, 56
- Mateus 15:30, 31
- Mateus 19:2
- Mateus 21:14
- Lucas 5:15, 16
- Lucas 8:2

A partir dessas passagens podemos criar alguns princípios sobre o ministério de cura que nos sejam relevantes. Os eventos nos apresentam cerca de trinta pessoas que foram curadas: Vinte e quatro homens, três mulheres e três crianças. É evidente que mais pessoas foram curadas, mas estas foram escolhidas pelo Espírito como exemplos especiais para nossa instrução e edificação.

Quem Jesus cura?

Os profetas do Antigo Testamento quase sempre são mencionados ministrando a cura de Deus às pessoas com autoridade. Os Evangelhos, contudo, descrevem Jesus focando em pessoas comuns: Em dezenove exemplos Ele serve pessoas à margem da sociedade, e em outros onze exemplos Ele ministra a pessoas ordinárias que sofrem de aflições terríveis.

O que Jesus cura?

Os casos registram Jesus curando quadriplegia, paraplegia, uma orelha arrancada, uma mão ressequida, olhos cegos, corpos leprosos, febres fortes, desordem ginecológica, curvatura crônica espinhal, hidropisia, surdez e morte. Os relatos gerais acrescentam que Ele curou epiléticos, fez parálíticos andarem, mudos falarem e restaurou aleijados. Mateus 4:23–36 faz um resumo notadamente bom de Seu ministério.



Jesus não parecia focar em ministrar para pessoas com indisposições meramente inconvenientes, ou com questões que a medicina da época podia curar. Em vez disso, Ele parecia se concentrar em servir pessoas cujo sofrimento causava isolamento, solidão, desemprego ou cujos transtornos persistiam por longos períodos de tempo.

Onde Jesus cura?

Os relatos gerais descrevem Jesus ministrando frente a grandes multidões. Devemos perceber, contudo, que Jesus não buscava as multidões; as multidões O buscavam. Elas iam a lugares inconvenientes em horários estranhos, desciam a casas onde os milagres haviam ocorrido ou se juntavam no local que sabiam que Jesus estaria.

Além de curar nestes tipos de ajuntamentos informais, Jesus também ia até as pessoas e as curavam onde quer que elas estivessem. A maior parte do ministério ocorria quando Jesus estava em uma jornada. Quatro pessoas foram curadas em suas casas, uma no jardim, uma em um jantar, uma no próprio funeral, uma em seu túmulo, uma em uma reunião em casa, uma no poço, e duas em seus trabalhos costumeiros na sinagoga. Algumas vezes Jesus curou até estando a uma longa distância do doente.

Como Jesus iniciou o ministério?

Nos Evangelhos, o ministério de cura de Jesus sempre era iniciado em uma de duas maneiras diferentes.

Ele seguiu o padrão estabelecido pelos profetas do Antigo Testamento e imprimiu um exemplo que fazemos bem em seguir. No Novo Testamento Jesus cura somente como resposta:

- Às necessidades humanas – alguém dizendo: ‘Por favor, me cure’ ou ‘Por favor, cure meu amigo/ servo/filho’
- À Instrução divina – o Espírito Santo ordenando: ‘Vá e cure aquela pessoa’.

Em doze ocasiões a iniciativa foi uma solicitação espontânea da parte de um amigo, parente ou a própria pessoa. Nos outros oito exemplos, o Espírito moveu Jesus a ir até uma pessoa e ministrar a cura de Deus. É óbvio que os Evangelhos não registram Jesus ministrando cura a todos os doentes em Israel, mas deixam claro que:

- Ele sempre tinha certeza da vontade do Pai de curar
- Ele curava todos que vinham até Ele pedindo cura
- Ele curava aqueles que se identificavam com Ele pelo Espírito.

Como Jesus ministra a cura?

Nós vimos que os profetas do Antigo Testamento intercediam por cura ou anunciavam a chegada da cura. Os Evangelhos não registram Jesus intercedendo por cura, em vez disso, mostram Jesus se limitando a fazer exatamente o que Ele entendia que o Pai faria. Isso parecia variar em quase todo exemplo do ministério de cura.

As curas de Jesus eram realizadas sem toques de trombeta. Quando Ele estava servindo as pessoas na cura, os Evangelhos descrevem Jesus usando normalmente uma ou duas coisas:

- Toque
- Uma ordem verbal de cura
- Um a declaração de cura.

A história de uma mulher que tocou as vestes de Jesus se destaca. Em vez de Jesus tocá-la, ela toca Jesus – e imediatamente Ele percebeu virtude saindo Dele. Parece que a unção de cura era tão forte sobre Jesus que a fé da mulher foi suficiente para se apropriar dela. Ela tocou Jesus e Deus honrou sua fé – que é o que acontece hoje quando nós pedimos ajuda a Jesus em oração com fé.

O que acontece depois de Jesus ministrar cura?

Jesus sempre oferecia conselho e encorajamento úteis após curar uma pessoa. Vemos isso, por exemplo, em Marcos 5:43 e João 9:35–41.

Há relatos da conversão de expectadores e parentes somente em João 4:53. Duas vezes lemos que as notícias do milagre se espalharam, uma vez que as pessoas admiraram a Jesus e duas vezes que elas sentiram reverência e temor. Em alguns casos, contudo, a reação foi negativa: Duas vezes houve perseguição, uma vez houve controvérsia, e numa outra vez complôs para destruição. Os príncipes dos sacerdotes decidiram matar Jesus após a ressurreição de Lázaro, e O prenderam quando o servo deles teve a orelha restaurada. Surpreendentemente, em cinco situações os Evangelhos não relatam reação ao ministério de cura de Jesus.

Nem todas as pessoas curadas passaram a seguir Jesus e crer Nele. A sogra de Pedro serviu a Jesus; o mendigo de João 9 O adorou; o filho do homem nobre creu Nele; Bartimeu foi salvo; mas somente um leproso retornou a Cristo – os outros nove permaneceram distantes.

### **O ministério de cura dos discípulos**

Como parte de seu ministério de cura, Jesus treinou os discípulos para continuar Seu ministério após a ascensão. Primeiro, Ele se certificou de que os discípulos estivessem com Ele quando curava o enfermo; e então, depois de terem passado vários meses observando-O, Jesus os revestiu com Sua autoridade para curar o doente. Eles receberam o direito de falar no poder do nome do próprio Cristo.

Lucas 8:22–9.6 descreve a primeira missão de cura dos doze apóstolos de Jesus. Mateus 10:1–16; Marcos 3:13–19 e Lucas 9:1–6 relacionam as instruções detalhadas de Jesus, com Mateus identificando os pares de apóstolos que trabalha-

ram juntos. Depois da missão, eles voltaram a Jesus para dar um relato do que acontecera. Jesus se retirou com eles para Betsaida, para que tivessem tempo para orar, descansar e avaliar.

Algum tempo depois, Jesus expandiu seu ministério de cura incluindo mais setenta discípulos. Mais uma vez eles foram enviados em pares para locais específicos, com a instrução de curar e pregar as boas novas. Os Evangelhos não registram detalhes dessas viagens, mas Lucas 9:40,41 sugere que os discípulos não tinham sempre 100% de sucesso na cura do doente.

Podemos dizer que Jesus estabeleceu o modelo e multiplicou Seu ministério de cura de modo que pelo menos oitenta discípulos estivessem envolvidos. Eles serviam em pares, usando a autoridade do nome de Jesus. Depois de Sua ressurreição, Jesus os instou, em Atos 1:4,5 e Lucas 24:49, a permanecerem em Jerusalém até receberem para si a unção do profeta com o Espírito Santo.

Antes do Calvário, os discípulos ministravam como Geasi tentara ministrar – usando autoridade profética delegada. Depois de Pentecostes – quando foram ungidos com o Espírito– eles serviram do mesmo modo que Eliseu e Jesus – como membros da comunidade de cura ungida e profética de Deus.

O livro de Atos registra oito exemplos de cura:

- O homem coxo na porta do templo – 3:1–10
- Saulo cego – 9:8–19
- Enéias paralisado – 9:32–35
- Tabita morta – 9:36–43
- O aleijado de Listra – 14:8–10
- Paulo perseguido – 14:19, 20
- Êutico – 20:7–12
- O pai de Públio – 28:7, 8.

Há ainda sete declarações gerais a respeito do ministério de cura: Atos: 2:43; 5:12–16; 6:8; 8:4–8; 14:3; 19:11,12 e 28:9. Uma leitura cuidadosa revela que os discípulos do Novo Testamento seguiram de perto os princípios gerais do ministério dos profetas do Antigo Testamento e de Cristo.

Quem os discípulos servem?

As pessoas que eles ministravam eram mendigos, pessoas rejeitadas pela sociedade, oponentes do Evangelho, amigos e um parente idoso do Principal da Ilha de Malta.

Quais enfermidades eles curam?

A maioria das pessoas que eles ministraram padecia de doenças de longa duração, doenças sérias que perturbavam no âmbito social e desabilitavam no âmbito econômico – por exemplo, disenteria, morte, paralisia e cegueira.

Onde eles ministram?

Em Atos, eles ministraram cura a caminho de uma reunião de oração, em uma casa, durante uma reunião informal ao ar livre, em um campo após perseguição violenta e em um culto de comunhão na igreja.

Como eles iniciam o ministério de cura?

As afirmações gerais sugerem que, como Jesus, os discípulos ministraram a todos os que vieram pedindo cura. E sete dos exemplos mostram que os crentes estavam prontos para ministrar quando reconheceram o mover do Espírito Santo.

Por exemplo, não podemos saber com exatidão como Pedro foi movido a começar a ministrar em Atos 3:6, porém, de algum modo, o Espírito o informou que o homem coxo estava para ser curado e que ele, Pedro, era quem iria pronunciar as palavras. Pedro ‘sentiu’ ou ‘ouviu’ o mover do Espírito, reconheceu que era o Espírito e não sua imaginação ou uma distração demoníaca, e obedeceu a voz de Deus falando e agindo. Deus operou o milagre.

Em Atos 9:10, 19, o ministério de Ananias foi movido por uma visão, mas Deus não o fez servir Saulo. Assim que Ananias reconheceu que os pensamentos que teve eram a voz de Deus, foi uma questão de obediência. Deus não trabalharia sem Seu servo e Ananias não poderia servir independente de Deus. Essa história importante mostra que o ministério de cura não é somente para Líderes de igreja, mas também para discípulos comuns.

O encontro de Pedro com Enéias em Atos 9:32–35 parece não ser outra coisa senão uma visita pastoral comum. Enquanto observava Enéias, Pedro sentiu que Deus estava para curar o paraplégico. Pedro fora ungido com o Espírito no Pentecostes e essa ‘sensação’ ou mover era Deus cumprindo a promessa de Amós 3:7, 8.

Outros exemplos do ministério de cura de Atos seguem um padrão semelhante.

Como os discípulos ministram?

Os exemplos sugerem que os discípulos quase sempre falavam palavras de ordem quando faziam parceria com Deus em Seu ministério. Por exemplo:

- Pedro ordenou: ‘Em nome de Jesus Cristo de Nazaré, levanta e anda’ – Atos 3:6
- Ananias anunciou: ‘O Senhor Jesus me enviou para que você torne a ver’ – Atos 9:17
- Pedro declarou: ‘Enéias, Jesus Cristo te dá saúde, levanta e faze a tua cama’ – Atos 9:34
- Pedro ordenou: ‘Levanta’ Atos 9:40
- Paulo disse em alta voz: ‘Levanta-te direito sobre teus pés’ – Atos 14:10.

Somente em Atos 28:8 os discípulos parecem de fato usar o toque sem uma ordem ou declaração de cura.

As afirmações gerais em Atos 5:12 e 19:11 são semelhantes à história da mulher que tocou as vestes de Jesus. Parece que a fé que está implícita neste comportamento foi honrada por Deus. Talvez, ainda, a unção de cura fosse tão forte em Pedro e Paulo naqueles tempos que – assim como com os ossos de Eliseu – era quase algo tangível.

O que acontece depois do ministério?

Atos relata que o ministério de cura dos discípulos teve um papel significativo no evangelismo e no crescimento da igreja primitiva. Por exemplo:

- Após ministrarem ao paralítico, Pedro e João foram presos, encarcerados e repreendidos pelas autoridades, mas muitos dos que ouviram a explicação de Pedro sobre o milagre se tornaram crentes
- O serviço de Ananias levou ao ministério extremamente eficaz de Paulo
- Quando Eneias foi curado, ‘todos os que habitavam em Lida e Saron se converteram ao Senhor’
- Toda a cidade de Jope ouviu sobre a ressurreição de Tabita, ‘e muitos creram no Senhor’.

Nem todos os acontecimentos, porém, ilustram um impacto evangelístico específico. A cura do aleijado em Listra levou a mal entendido e perseguição. As pessoas foram ‘grandemente encorajadas’ pela recuperação de Êutico, mas não há relato da salvação de alguma delas. E muitos pediram cura após o pai de Públio ser curado, mas Atos não menciona quaisquer conversões. Isso sugere que a cura é mais que uma ‘ferramenta de evangelismo’, é uma manifestação graciosa e amorosa da misericórdia de Deus.

### **Os contextos do ministério de cura**

Quando se apresentou como o cumprimento de Isaías 61:1,2, Jesus deixou claro que estava interessado em servir ao pobre. Lucas 4:18 é uma afirmação importante, a qual podemos conside-

rar como o ‘manifesto’ ou a ‘declaração de missão’ de Jesus. Ela sintetiza o propósito de sua unção com o Espírito como ‘pregar o Evangelho aos pobres’, e oferece cinco exemplos de o que isso significa na prática.

Isso mostra que ‘cura’ e ‘libertação” (que examinaremos mais a frente) não são atividades diferentes de ‘pregar o Evangelho aos pobres’, em vez disso, elas são a pregação em ação. Sugere também que os ministérios ungidos de cura e libertação deveriam ser definidos em diversos contextos claros.

Um foco naquele que sofre

Muitos líderes discordam quanto à identidade do ‘pobre’ que Jesus foi ungido para alcançar. A palavra grega *ptochos* literalmente significa ‘alguém que está se curvando por medo ou se escondendo por medo’. Algumas Bíblias refletem isso de modo conveniente ao mencionarem ‘o aflito’ em vez de ‘o pobre’, e podemos entender isso hoje pensando em termos ‘daquele que sofre’.

Isso significa que a unção do Espírito não é dada para nos ajudar a alcançar principalmente os que possuem poucos recursos materiais ou financeiros. Em vez disso, a unção é para ajudar as pessoas que estão aflitas e sofrendo – as que estão com o coração partido, cegas, aprisionadas, oprimidas e daí por diante.

Isso nos ajuda a entender que ‘pregar o Evangelho ao pobre’ não significa restringir este ministério a um grupo específico de pessoas, como se o Evangelho fosse apenas para as pessoas mais destituídas da sociedade. Em vez disso, significa alcançar a grande massa de pessoas comuns a nossa volta, que está aflita, sofrendo e perturbada.

Um foco no reino

Na Parte Um do volume *O Governo de Deus*, vemos como Jesus anunciou a vinda do reino com sinais e maravilhas. O reino é o governo celestial de Deus penetrando no reino terrenal, os pode-



res da 'era por vir' invadindo essa 'presente era má'. O reino de Satanás está sendo adiado pelo reino de Deus (Mateus 11:12). As curas e milagres de Jesus são prova positiva de que o reino de Deus chegou, como mostra Mateus 12:28.

A descrição que Pedro faz do ministério de Jesus em Atos 10:38 esclarece esse ponto, '... como Deus ungiu Jesus de Nazaré com o Espírito Santo e poder, [e Ele] saiu fazendo o bem e curando todos os que eram oprimidos pelo diabo, pois Deus estava com Ele.' A mensagem do reino e os milagres do reino são a manifestação do reino. O ministério de cura de Jesus está, portanto, vinculado à vinda do reino. Curas são 'sinais' da presença do reino, porque são 'exemplos' da atividade do reino. Neste sentido, elas são a 'vitrine' de Deus no reino. É o jeito de Deus de revelar Seu reino ao mundo.

Um foco no evangelismo

Lucas 4:18 mostra que Jesus foi ungido com o Espírito Santo para alcançar, pela pregação do Evangelho, aquele que sofre. Isso quer dizer que o ministério, para o aflito, não deveria estar separado da pregação do evangelho.

Vimos que a unção dos profetas com o Espírito no Antigo Testamento os capacitou plenamente para o ministério de cura, mas que esta unção foi dada primeiramente para inspirá-los e capacitá-los a transmitir a palavra do Senhor e a chamar as pessoas de volta para Deus.

Da mesma forma, a unção de Jesus foi dada com o objetivo principal de falar as palavras de Deus – mas isso envolvia cura e libertação. Do mesmo modo, a unção com o Espírito que direciona e capacita nosso ministério também é dada de modo que possamos tornar Jesus mais conhecido.

O ministério de cura de Jesus apontava para a compaixão e poder de Deus, mas também confirmava o que Ele disse. Suas ações ilustravam Sua proclamação de que o reino de Deus che-

gara entre pessoas comuns com grande poder, e que estava amplamente aberto a todos.

Os discípulos que Jesus treinou foram enviados para proclamar o reino de Deus e curar o enfermo e libertar as pessoas de demônios. Estes deveres eram inseparáveis. Eles iam aos pares de vila em vila e serviam as pessoas que encontravam – anunciando-lhes as boas novas e ministrando a cura de Deus e ainda libertando-as do controle do diabo.

Os primeiros cristãos mantiveram unidos estes chamados. Eles pregavam, curavam e expeliam demônios. Quando alguém era curado ou liberto, oferecia-se uma explicação verbal que apontava para Jesus. Essa foi uma das razões principais para o crescimento fenomenal da igreja.

Um estilo de vida relevante

Jesus vivia entre pessoas sofredoras comuns de um modo que mostrava que Deus as aceitava e amava. Seu ministério de cura confirmava as boas novas que Ele ensinava acerca do perdão e também demonstrava o amor divino que Sua convivência entre eles sugeria.

Ele se mudou para o meio dos aflitos a fim de pregar o Evangelho e ministrar a cura de Deus. Ele não veio do céu com todo esplendor e aclamação pública á qual, enquanto Deus, Ele tinha direito. Em vez disso, demonstrou Sua identificação com a humanidade vivendo como um homem comum e se sujeitando às mesmas pressões que qualquer outra pessoa.

Ele vivia de um jeito que as pessoas aflitas daquela época podiam se identificar. Ele comia a comida delas, hospedava-se em suas casas, ouvia suas preocupações, e sempre estava disponível para elas. Ele até se tornava amigo e se identificava com os que eram rejeitados pela sociedade comum.

O ministério de cura ungido não pode ser totalmente removido desse contexto de ‘viver o Evangelho entre os aflitos’ sem distorção tanto da mensagem quanto do ministério. Isso significa que todo nosso ministério no Espírito deveria ser definido no contexto de um estilo de vida que facilite a proclamação do Evangelho pela garantia de que nós estejamos focados no aflito, sejamos relevantes para suas necessidades e estejamos pessoalmente acessíveis a eles.

Também precisamos reconhecer que em Lucas 9:1–6 e 10:1–9, Jesus instruiu Seus discípulos a ministrar a partir de um estilo de vida que depende de Deus para o poder de cura e provisão material.

### **A cura des crentes**

A maioria dos exemplos do ministério de cura do Novo Testamento se dá em um contexto evangelístico e isso se reflete em passagens como Marcos 16:14–18. O Novo Testamento, entretanto, não ignora todas as promessas de cura do Antigo Testamento dadas por Deus a Seu povo.

Tiago 5:13–16 é uma passagem importante sobre cura com uma aplicação pastoral específica. Ela encoraja os crentes a pedir a Deus a própria cura – a crer nas promessas de Deus e receber do Senhor a cura que precisam – e também a se apresentarem para a cura pastoral.

Tiago 5:13 ensina a resposta correta ao sofrimento: Nós devemos orar e não nos queixar de nossa situação. Temos de achar nosso recurso próprio em Deus, não depender da experiência ou testemunho de outras pessoas.

Não somos abandonados se a enfermidade persistir. Tiago 5:14 afirma que deveríamos então chamar nossos líderes pastorais para nos ministrar.

Tiago 5:15 ensina que a oração da fé salvará o doente. A palavra grega para ‘curar’, *sozo*, é usada por todo o Novo Testa-

mento para 'curar' e 'salvar'. Isso nos lembra de que a cura é um aspecto da obra mais ampla de salvação de Deus.

Tiago 5:15 mostra que não é o óleo que cura, nem as orações do líder, e nem a fé do crente – é o Senhor que muda a situação.

Tiago 5:15 retorna ao princípio do Antigo Testamento de que o pecado pode ser a causa da enfermidade. O aconselhamento pastoral é a solução e os líderes devem assegurar que haja confissão mútua. Analisaremos isso mais tarde.

### Ministério no Espírito

É claro que temos muito que aprender acerca do ministério de cura a partir do Novo Testamento, mas um emprego direto do padrão, procedimentos e contextos é insuficiente.

Acima de tudo, precisamos receber a unção do Espírito, sem a qual somos tão desinteressantes e impotentes quanto Geazi. A menos que nossa ministração seja direcionada e capacitada pelo Espírito Santo, estaremos fadados à frustração e ineficácia.



Parte Seis

# O Ministério de Cura Hoje

Vimos que apenas alguns poucos selecionados que foram ungidos com o Espírito Santo – os profetas – foram qualificados para o ministério de cura no Antigo Testamento. Contudo, desde que Jesus batizou a igreja no Espírito Santo em Pentecostes, todos os crentes têm a possibilidade de servir com Deus em Seu ministério de cura. O único requisito é que tenhamos sido ungidos por Jesus com o Espírito Santo.

A ‘Grande Comissão’ de Mateus 28:18–20 significa que, até o fim dos tempos, todos os crentes em todas as nações, devem ser ensinados a obedecer todas as instruções que Cristo deu aos doze apóstolos originais. Isso deve incluir sua responsabilidade de curar o doente.

É natural que alguns cristãos se envolverão mais na cura que outros. Alguns podem receber um ‘dom’ especial de cura. Porém, cada membro do povo profético de Deus pode ministrar Sua cura. Isso quer dizer que devemos evitar estilos de cultos de igreja e modelos de ministério que dão a impressão de que somente algumas pessoas especiais podem ministrar cura.

Romanos 12:6 declara que deveríamos usar o dom de profecia na proporção de nossa fé. Isso sugere que o dom pode ser desenvolvido com mais ou menos força em pessoas diferentes, ou na mesma pessoa durante um período de tempo. Essa parece ser a razão por que - em 1 Timóteo 4:14 e 2 Timóteo 1:6 – Timóteo foi lembrado de não negligenciar o dom que tinha e de reacendê-lo dentro dele.

Se para Timóteo foi possível permitir que seu dom enfraquecesse, talvez pelo uso infrequente, então nos é certamente semelhante em relação à cura. E se o dom de Timóteo pode ser fortalecido pelo uso, então deveríamos desenvolver todas as habilidades espirituais e práticas necessárias para o ministério eficaz.

Precisamos particularmente ganhar experiência e conhecimento nos dons espirituais que são importantes para ministrar a cura cristã com Deus. Assim como saber que o Pai é o Deus que cura, e que o Filho cura, e que o Espírito está em nós e conosco para curar, nós também precisamos entender o ‘como’ da ministração na cura.

### **O mover de Deus para ministrar**

Vimos que todo ministério no Espírito depende de reconhecer os estímulos e direcionamentos do Espírito. Podemos conhecer todos os princípios e promessas bíblicas, mas não seremos capazes de ministrar com eficácia até que reconheçamos como Deus se comunica conosco por intermédio do Espírito.

Vimos que os profetas do Antigo Testamento foram inspirados a falar e servir pela Palavra de Deus, pelo fardo do Senhor e pelo Espírito de Deus – e nós podemos ter a expectativa de sermos direcionados de maneira semelhante.

Deus de fato fala conosco silenciosamente por um período de tempo, preparando-nos para servir com Ele. Porém, Ele

também fala conosco quando quer que ministremos, e isso geralmente ocorre pelo que veio a ser conhecido como o dom espiritual de ‘palavras de conhecimento’.

Vimos que Jesus e os apóstolos ‘sentiam’ que Deus queria que eles ministrassem a uma determinada pessoa e – com a ajuda do Espírito – eles identificavam aquela pessoa em uma multidão. Por exemplo, Jesus ministrou a somente um homem no poço de Betesda e Pedro sabia que Deus queria que ele ministrasse ao coxo na porta do Templo.

Do mesmo modo hoje nós podemos tomar conhecimento em nosso Espírito de que Deus está curando ou vai curar pessoas. Por exemplo, podemos ‘sentir’ certo tipo de descrição da pessoa ou da doença que Deus vai curar.

Às vezes, ao ministrar cura, as pessoas recebem uma impressão visual da pessoa que está sendo curada, ou – em outras ocasiões – podem ‘sentir’ uma dor, um calor ou outra sensação na respectiva parte dos próprios corpos. Estas são algumas das maneiras do Espírito indicar que Deus está curando uma doença.

Reconhecendo a vontade de Deus para ministrar

Conhecer a vontade de Deus pode ser uma das partes mais difíceis da vida do cristão, mas os princípios básicos de discipulado e de ouvir a Deus aplicam-se em cada aspecto do servi-Lo, inclusive o Ministério no Espírito. Ouvirmos o espírito e sermos guiados e capacitados por Ele quando levamos uma refeição para alguém é tão importante como quando expulsamos um demônio. Embora sejamos levados a servir ou ministrar, devemos ser direcionados por Ele.

Fazer a Deus perguntas específicas provavelmente seja o melhor jeito de aprender a identificar Sua voz. Primeiro, precisamos perguntar a Deus o que devemos fazer ou dizer; depois



nós 'filtramos' ou provamos os pensamentos que vêm para separar o lixo humano das porções que são puramente divinas; e então colocamos em prática a conclusão testada. Nós examinamos toda essa área Ouvindo a Deus.

### **Começando a ministrar a cura de Deus**

As sugestões aqui, e as semelhantes em capítulos mais a frente para outras áreas de ministério, não são regras bíblicas a se seguir servilmente, em vez disso, são orientações que se deveria pedir ao Espírito que interprete e aplique a situações diferentes.

#### Oração

Falta de oração preparatória suficiente é uma das principais razões para a ineficácia do ministério. Deve-se gastar uma quantidade de tempo em oração no mínimo igual a que se prevê gastar no ministério. Esse tempo deve incluir intercessão por ousadia, como em Atos 4:29,30, e o ouvir em silêncio a espera do mover de Deus acerca do ministério, como em Atos 9:40.

#### Parceria

Vimos que o tema de parceria está na Bíblia. Isso sugere que deveríamos normalmente ministrar cura em pares ou em equipe. Os discípulos aprenderam estando com Jesus quando Ele curou, então se juntar a outro crente que é mais experiente é uma boa preparação e treinamento para nós. No volume *Glória na Igreja*, vimos como o sistema de células pode enriquecer o processo de discipulado na vida da igreja. O mesmo é verdadeiro para a ministração no Espírito. Sua célula é o lugar onde você pode aprender a ministrar e o pequeno grupo pode lhe fornecer tanto o exemplo como o apoio na medida em que você principia nessa área nova com o Espírito.

É melhor evitar ter mais de três pessoas ministrando para alguém, já que pode ser confuso e ineficaz, como parece ser o caso em Mateus 17:16. Os outros crentes que estão ávidos

para se envolver no serviço podem sentar em silêncio e discrição e se engajarem na oração essencial pela capacitação e direcionamento dos que ministram.

### Paciência

2 Coríntios 6:3,4 mostra que os ministros precisam de muita paciência, já que nos exaurimos rapidamente por atrasos, problemas e pessoas difíceis.

A Bíblia usa palavras gregas diferentes para ‘paciência para com as pessoas’, *makrothumia*, e ‘paciência para com as circunstâncias’, *hupomone*; e ensina coisas diferentes acerca delas. Outras versões da Bíblia refletem isso traduzindo geralmente *makrothumia* como ‘sofrimento longo’.

Não precisamos orar por *makrothumia*, já que temos em nós a paciência de Jesus para com as pessoas. Vemos isto em Gálatas 3:27 e Colossenses 3:12. Gálatas 5:22 mostra que esse tipo de paciência se desenvolve naturalmente dentro de nós como um aspecto da obra do Espírito em nossas vidas.

A Bíblia sugere, contudo, que deveríamos pedir *hupomone* ou ‘poder que permanece’ – que, em 2 Coríntios 12:12, é um sinal de um apóstolo. Tiago 1:2–4 mostra que Deus desenvolve isso em nós por intermédio de provação, treinamento e sofrimento. Precisamos de *hupomone* para impedir as circunstâncias de ditar nossa resposta ao ministério, e para nos ajudar a perseverar quando chega o desânimo.

### Humildade

Alguns cristãos são atraídos ao ministério de cura por motivos errados. A compaixão e obediência motivaram Cristo e nós deveríamos buscar o anonimato humilde e modesto do Espírito Santo - com o objetivo de focar toda atenção em Deus, sem disfrutar qualquer glória relativa.

Nenhum humano pode curar o outro. O máximo que podemos desejar é ser um servo 'inútil' a quem Deus avisa antecipadamente acerca do milagre.

### Perguntas

Percebemos que a iniciativa bíblica para ministério de cura era alguém pedindo: 'Por favor, me cure' ou uma ordem de Deus: 'Ministre minha cura àquela pessoa'. A divisão nos milagres de cura do Novo Testamento é exata: Metade é em resposta à instrução divina e metade em resposta ao pedido de um ser humano.

No ministério, precisamos ouvir a Deus e também à pessoa que estamos buscando ajudar, e isso é facilitado criando-se um clima de quietude e privacidade. De vez em quando os Evangelhos mostram como Jesus buscou silêncio ou se locomoveu para um local privado antes de começar o ministério.

Jesus não operava somente em um nível sobrenatural, mas também num nível natural de observação e dedução. Marcos 5:9, 8:22–26; 9:14–29; Lucas 18:40–43 e João 5:6 relatam Jesus fazendo cinco perguntas óbvias. Nós precisaremos, algumas vezes, fazer perguntas óbvias.

- 'Qual é seu nome?'

Jesus talvez tenha dirigido essa pergunta a um demônio, mas – para nós – é uma pergunta natural de se fazer a um estranho.

- 'O que você quer que eu faça?'

Isso ajuda a pessoa a ter clareza em sua mente quanto ao que está buscando.

- 'Você quer ficar bem?'

É válido checar se a pessoa está falando sério e se está ciente das consequências da cura, e também que não estamos tentando 'forçar' a cura sobre ela.

- 'Há quanto tempo isso vem acontecendo?'

As circunstâncias e contexto do problema podem ter de ser

investigadas para esclarecer a causa da enfermidade.

- ‘Você consegue ver?’

Sempre devemos tentar definir o que aconteceu durante o ministério.

Além de questionar a pessoa, deveríamos perguntar a Deus se há algo mais que precisamos saber.

Podemos ‘discernir’ uma imagem ou palavra para passar adiante. Podemos ‘estar cientes’ de uma questão ou uma causa não física. Se Deus não nos disser nada, a pessoa disse tudo que precisamos saber.

As condições físicas de Abimeleque, Mirian, Malco, o homem no poço de Betesda e o homem que foi descido pelo telhado parecem ter sua origem no pecado. Alguns líderes atuais insistiriam no arrependimento e perdão antes de admitir qualquer possibilidade de cura, mas este não é o padrão bíblico. Às vezes, como em Tiago 5:16, há uma associação entre a confissão do pecado e a cura pastoral, mas este nem sempre é o caso.

Outros líderes ensinam que há um demônio por trás de toda doença, e ordenam que este saia antes que a cura possa começar. Como veremos mais tarde, a Bíblia faz distinção entre libertação de demônios e cura física. Esta distinção requer ênfase constante.

## Ministério

Nós observamos as diferentes ações de cura usadas por Jesus e os discípulos e faríamos bem em seguir o exemplo deles. Deveríamos, contudo, lembrar-nos de três princípios bíblicos gerais.

- ‘Impor as mãos’ sobre a cabeça associa-se mais com o ministério de benção do que com cura – trataremos isso na Parte Dez
- A oração se dá antes do ministério: Palavras de ordem e declaração acompanham o ministério de cura

- Deus pode nos incitar a sugerir uma ação para a pessoa realizar.

As sugestões abaixo são para crentes que são inexperientes no ministério de cura. Elas devem ser variadas conforme o Espírito Santo nos dirigir por Seu próprio curso de ação.

- Mostre o amor de Cristo em todo tempo; sorria e relaxe, pois Deus é o que cura.
- Na companhia de mais uma pessoa, confesse silenciosamente os pecados e busque perdão.
- Peça ao Espírito Santo que lhe dê direção, ousadia e poder. Busque Nele a direção de como orar – tente discernir quanto a fazer uma oração de petição, concordância, etc. ou quanto a dar uma palavra de ordem, declaração ou repreensão.
- Mantenha seus olhos abertos; sempre se recebem informações proveitosas observando-se as reações da pessoa.
- Ouça a Deus e fale o que Ele colocar em sua mente; continue fazendo pergunta a Ele e ouvindo as respostas.
- Pergunte a Deus se a pessoa deve ser tocada; se Ele confirmar, coloque a mão gentilmente sobre a roupa, o mais próximo possível da parte do corpo que está afetada. Sempre peça permissão à pessoa antes de tocá-la.
- Faça perguntas do tipo: “O que está acontecendo?” e “Você sente algo?” Certifique-se de que a pessoa informe o que está acontecendo com ela.
- Preste atenção nas reações do corpo; elas podem indicar que Deus está em ação, mas são apenas a resposta natural do corpo à ação de Deus.
- Se ocorrer uma reação física, ajude a pessoa a ficar confortável, mas vá em frente com o ministério.
- Anime a pessoa e ajude-a a relaxar; faça-a lembrar da presença, poder e promessas de Deus.
- Mantenha o fluir da ministração com a pessoa, seu parceiro e Deus.
- Quando não tiver certeza do que fazer em seguida, pode ser

benéfico orar em línguas; explique à pessoa do que se trata.

- Pare de ministrar quando a pessoa for curada, ou o Espírito Santo disser pare, ou você não conseguir pensar em nada mais a fazer, ou a pessoa pedir para você parar, ou quando alguém parecer cansado.

Se a pessoa crer que foi curada ou sentir que algo aconteceu em seu corpo, faça-a verificar imediatamente, se possível. Se for apropriado, peça que ela faça algo que era incapaz de fazer antes da cura.

Se a pessoa não for totalmente curada, programe uma nova ministração num futuro próximo, permitindo tempo para mais preparação e oração.

#### Cuidado Posterior

Vimos que Jesus sempre transmitia o conselho ou direção do Pai depois de ter ministrado a uma pessoa. Podemos seguir Seu exemplo e oferecer qualquer conselho prático que o Espírito nos motive a dar. Por exemplo, Ele pode nos pedir para mencionar algumas das seguintes questões:

- A pessoa pode ser encorajada a oferecer louvor e gratidão
- Quando houver prescrição de medicamentos ou a pessoa estiver recebendo tratamento médico especial, deve-se aconselhá-la a visitar o médico
- Indique a ela o próximo passo no compromisso cristão – seja arrependimento, batismo, receber o Espírito ou fazer parte de uma igreja
- Se a causa da enfermidade foi algum pecado, ou se houve um elemento demoníaco, a pessoa deve reconhecer e renunciar
- Às vezes será preciso ministrar mais; explicar o ocorrido e fazer os arranjos adequados
- Ore pela cura contínua, segurança e proteção; o inimigo foi derrotado, mas a expectativa é que ele revide.

## **Ministério ao que não foi curado**

Nós percebemos que Jesus curou cada um que pediu cura, e curou todos que o Pai Lhe enviou. Porém, o restante do Novo Testamento não é um catálogo de sucesso ininterrupto. Gálatas 4:13,14; Filipenses 2:27; 1 Timóteo 5:23 e 2 Timóteo 4:20 podem implicar um ministério de cura ineficaz ou não provado.

Todos os crentes que se engajam no ministério de cura enfrentarão alguma decepção. Haverá pessoas que vamos ajudar e que não serão curadas, outras que a cura inicial expira, e algumas que são curadas 50% e depois não progridem.

Às vezes isso se dará pelo fato de que a cura de nosso orgulho era a prioridade na agenda de Deus. Em outras circunstâncias nós teremos ouvido mal a Deus ou agido pelo entusiasmo humano ou pela pressão terrena ou humana. E haverá vezes em que não oramos o suficiente ou nos distraímos pelo materialismo ou preocupações desnecessárias.

Infelizmente, alguns crentes dão a entender – seja por insinuação ou constrangimento – que o ministério ineficaz é responsabilidade daquele que eles serviram. Eles insinuam que a pessoa não tinha fé suficiente, ou era um pouco rebelde, ou não queria de fato ser completamente curada. Todos esses argumentos são possíveis, mas raramente são verdade.

Às vezes, como muitas histórias do Antigo Testamento, a percepção da cura é retardada. Outras vezes a cura real é gradativa – como a de Naamã e do cego em Marcos 8. Em casos como estes, porém, não há autoridade bíblica para se sugerir que alguém deva ser pressionado a fingir que está curado. As pessoas dessas passagens foram simplesmente solicitadas a obedecer à palavra de Deus para elas.

Devemos reconhecer que não há relato bíblico de Cristo informando alguém que essa pessoa não podia ser curada porque ela

não tinha fé ou confiança suficiente. Mateus 13:58 e 17:19,20 ensinam verdades um tanto diferentes.

Quando – depois de muito ministério – uma cura esperada não ocorre, podemos fazer uma das coisas abaixo. Como as outras sugestões, deveríamos pedir a Deus para moldá-las à nossa situação.

- Fazer um ‘apanhado’ com seu parceiro de ministério e analisar os passos que foram tomados. Tentar descobrir se você foi obediente a cada estímulo; definir se houve algum erro ou omissão.
- Orar e jejuar por direcionamento; perguntar a Deus porque a pessoa não foi curada.
- Conversar e orar a respeito da questão com alguém que é mais experiente no ministério de cura, e lhe pedir sugestões.
- Louvar a Deus com a pessoa pelo tempo que passaram juntos; lembrá-la de que o Deus que cura está com ela e cuida dela.
- Definir o que se aprendeu com o episódio e explicar para a pessoa. Descobrir o que a pessoa aprendeu por intermédio do ministério, e louvar a Deus juntos por quaisquer revelações.
- Se a pessoa sendo ajudada for um crente, encoraje-a a se unir em oração de cura por outras pessoas.
- Lembre-se de que somos parte de uma batalha, de que o inimigo opõe-se implacavelmente à cura, mas que ele foi derrotado na cruz e será destruído no último dia.
- Certifique-se de que ninguém se sinta culpado pela falta de cura.
- Encoraje a pessoa a meditar nas promessas bíblicas de cura da parte de Deus e a aplicá-las à sua situação.

Embora devamos exortar as pessoas a continuar orando por sua cura e a reivindicar as promessas de cura de Deus, não devemos deixar de lembrá-las de estarem mais famintas por aquele que cura do que pela cura. A cura, afinal de contas, não é a grande esperança da humanidade. Jesus é.



Em meio a toda dor e problemas, nossa única esperança de paz interior e contentamento é manter a atenção precisamente focada em Jesus – e em Seu tremendo amor por nós. Se estivermos ‘pré-ocupados’ com a cura, nunca seremos plenos e nunca conheceremos a paz. Porém, se nosso objetivo for o próprio Deus, descobriremos que Jeová Rafá logo nos envolve em Seus braços ternos.





Parte Sete

# As Bases do Ministério de Libertação

Uma segunda maneira clara de que Jesus serve indivíduos é libertando-os ou livrando-os de poderes malignos. Antes de examinarmos o modo que Jesus ministra expulsando demônios, precisamos entender que isso faz parte do ensinamento bíblico mais amplo acerca do ministério de libertação de Deus.

## **Libertação do pecado**

Nós observamos Atos 10:38 e reconhecemos que Jesus foi ungido com o Espírito Santo e com poder, e como consequência, Ele curou todos que estavam oprimidos pelo diabo. Isso mostra que as pessoas podem realmente ser oprimidas pelo diabo de alguma forma, e que o ministério de libertação é um aspecto significativo do ministério de Jesus no Espírito. Nos últimos anos tem havido certa controvérsia acerca do 'ministério de libertação' e muito disso se baseou no modo que grupos distintos de crentes usam palavras como 'exorcismo' e 'possessão', e 'nomeiam' demônios personalizados ou específicos. O Novo Testamento, contudo, não estabelece categorias de opressão da parte do inimigo. Em vez disso, o Novo Testamento nos chama a fixar os olhos em Jesus e pisar com força em todas as obras do inimigo.

Ainda, hoje em dia há muita especulação em alguns círculos quanto ao que os demônios – frequentemente chamados de diabo ou espíritos imundos – são e como se originaram de fato. Seriam anjos caídos associados à rebelião de Satanás ou membros desencarnados de uma raça pré-Adâmica? Deveríamos fazer distinção entre *daimon* e sua derivada *daimonion*, palavras gregas que a maioria das Bíblias Inglesas traduz simplesmente como ‘demônio’?

Entre estas – e outras – existem, certamente, perguntas interessantes. Suas respostas devem, infelizmente, continuar sendo teorias, uma vez que os dados bíblicos – por mais que sejam poucos a respeito dessas questões – podem ser interpretados de maneiras variadas. Isso significa que devemos exercer cautela ao considerarmos tais questões e devemos ser cuidadosos para não extrair significados extras de questões que a Bíblia julga adequado não comentar. No final das contas, Deus é zeloso para com as pessoas e sua situação de vida e é por isso que as Escrituras focam mais os efeitos dos demônios nas vidas humanas do que qualquer classificação ou descrição detalhada deles.

Eféios 6:12 mostra que há tipos diferentes de poderes demoníacos – há anjos, arcanjos, querubim e serafim – mas a Bíblia está mais interessada em nos ensinar a resistir ao inimigo do que nos ajudar a defini-lo.

Por exemplo, embora a Bíblia se refira a um espírito de ciúme, Números 5:14; um espírito de prostituição, Oseias 5.4; um espírito de enfermidade, Lucas 13:11; um espírito de escravidão, Romanos 8:15; e um espírito de temor, 2 Timóteo 1:7, estas passagens têm o foco nos resultados da atividade demoníaca nas vidas das pessoas, em vez de focar o próprio demônio. Passagens como estas são um tanto semelhantes ao modo que as Escrituras se referem ao Espírito Santo em versículos como Isaías 11:2; Zacarias 12:10; João 14:17; Romanos 8:15 e 1 Pedro 4:15. Elas são descrições simpáticas dos aspectos de sua obra, em vez de tentativas cuidadosas de defini-lo plenamente.

Os demônios podem, sem dúvida, causar e contribuir para toda forma de mal e pecado. Eles de fato querem causar, por exemplo, ciúme, prostituição, enfermidade, escravidão e temor. Porém, devemos nos concentrar mais em Deus e Sua libertação do que nos demônios provocando aflição; e devemos buscar aprender nas Escrituras como podemos resistir ao diabo, como Deus liberta as pessoas e como podemos ministrar às pessoas que precisam ser liberadas ou libertas.

O ministério de perdão de Deus é, de longe, o aspecto mais importante de Seu ministério de libertação, pois perdão é libertação do pecado— é libertação da garra de Satanás. Embora muitas pessoas precisem, de fato, ser libertas da opressão demoníaca, o entendimento correto e apropriação do perdão do Pai, aliados a uma decisão firme de não pecar mais, resumem todo o ministério que a maioria das pessoas precisa para ser liberta de seu problema.

### Pecado

A palavra grega mais comum para pecado é *hamartia*. Às vezes ela é usada para descrever atos pecaminosos, mas é usada mais comumente para significar o estado de pecaminosidade. Descreve o poder moral interior irresistível que controla as pessoas. *Hamartia* significa a desobediência que não consegue dizer 'sim' para Deus e provoca desconformidade com Seus padrões.

*Hamartia* afeta nosso relacionamento com Deus. Até que sejamos libertos da escravidão do pecado, seremos eternamente alienados de Deus. Quando se lê o material bíblico acerca do pecado – Romanos 7, por exemplo – é fácil entender por que algumas pessoas que estão em sua garra acham que precisam de uma expulsão de demônios. Também são usadas outras três palavras gregas no Novo Testamento.

- *Paraptoma* é usada, por exemplo, em Romanos 4:25; 5:15 e Efésios 2:1. Geralmente é traduzida como 'traspasar' e sig-

nifica uma falta involuntária. Ela enfatiza a natureza insensível e descuidada do pecado.

- *Parabasis* é usada em Romanos 2:23; 5:14; Gálatas 3:19 e 1 Timóteo 2:14. É um passo torto, um desvio deliberado da rota verdadeira e é normalmente traduzida como ‘transgressão’. Ela enfatiza o lado obstinado, deliberado do pecado.
- *Anomia* é usado em Mateus 23:28; 24:12 e 2 Coríntios 6.14. Significa ausência de aplicação de lei ou iniquidade, e se refere ao oposto de tudo que é certo e bom. Mostra que pecado é exatamente o oposto de Deus.

Estas três palavras transmitem a ideia de fracasso em cumprir os requisitos perfeitos de Deus, e descrevem atos e atitudes que nos separam uns dos outros e de Deus. Embora as palavras sejam basicamente sinônimos, suas nuances distintas de significado nos ajudam a entender a natureza sutil e complexa do pecado.

#### Perdão inicial do pecado

A Bíblia promete perdão para todos os aspectos de pecado; para *hamartia*, Colossenses 1:14; *paraptoma*, Colossenses 2:13; *parabasis*, Hebreus 9:15; e *anomia*, Tito 2:14. A compreensão contemporânea comum de perdão, contudo, é tão pobre que raramente se aprecia e desfruta o escopo total do significado do perdão bíblico. Três conceitos estão envolvidos no perdão inicial de Deus.

- O perdão inicial dos pecados significa que Deus paga a punição pela presença do pecado e remove a barreira que existe entre Ele próprio e cada membro da humanidade. Podemos chamar isso de ‘libertação da multa – ou salários – do pecado’.
- O perdão inicial do pecado significa que Deus remove a ofensa e apaga sua lembrança. Ele encobre os atos praticados – apaga-os – de modo que não podem ser vistos ou lembrados por Ele novamente. Isso é ‘libertação da culpa do pecado’ e foi prometida em Jeremias 31:31–34. Estes dois

aspectos do perdão inicial estão prefigurados em Levítico 16 pelo sacrifício de dois cabritos.

- Porém, é o terceiro elemento do perdão inicial que é vital para nosso estudo do ministério de libertação. O ensinamento em Romanos 6 sobre ‘morte para o pecado’ expressa esse perdão de uma forma mais dinâmica. A própria vida da força do pecado é destruída em uma operação espiritual que remove *hamartia* – a compulsão moral por fazer o errado, a incapacidade de aquiescer-se à vontade de Deus. Isto é ‘libertação do poder do pecado’, e é por isso que Colossenses 1:13,14 chama perdão de ‘nossa liberdade’.

É essa experiência vibrante, pessoal do perdão inicial de Deus que normalmente torna desnecessária a expulsão de demônio. O perdão bíblico, quando misturado com arrependimento, fé e batismo nas águas, normalmente é suficiente para liberar um indivíduo do poder que as garras de Satanás têm em sua vida por meio do pecado. Vemos, contudo, que algumas pessoas se tornam tão aflitas e oprimidas por seres demoníacos que uma posterior libertação é necessária.

A ênfase bíblica em crentes sendo ‘libertos’ do poder do pecado significa que a existência do pecado na vida de um cristão deve ser considerada um problema muito sério. A presença contínua do pecado em alguém que foi liberto do poder do pecado pode expô-lo a uma possível influência demoníaca.

Visto que a libertação do poder do pecado é uma verdade poderosa e importante, o diabo tem um interesse pessoal em tentar nos manter ignorantes e incrédulos quanto à nossa verdadeira posição em Cristo. Podemos estar certos de que seus demônios estão sempre tentando nos fazer voltar ao pecado, e nos fazer sentir convencidos de que não estamos livres do pecado.

O perdão inicial de Deus é tão poderoso e abrangente que deveria ser um recurso central de todo ministério de libertação. Isso



significa que devemos entender como ele é recebido. Há quatro aspectos:

### 1. Dom gratuito

O perdão inicial – libertação da penalidade, culpa e poder do pecado – é recebido como um dom gratuito por aqueles que creram no Senhor Jesus, começaram a dar às costas ao mundo, à carne e ao diabo, e olharam firmemente para Deus. Lucas 15:11–32 e Atos 5:31 apontam para a graça envolvida.

### 2. Realizado pelo sangue de Cristo

Muitas pessoas perguntam por que, se Deus já sabia que Ele concederia perdão, Ele não podia dispensar o horror do Calvário e declarar, como o pai ao filho pródigo, ‘Eu te perdoo.’ Porém, uma pergunta assim revela uma visão pobre do pecado, perdão e santidade de Deus.

O pecado tem de ser removido antes que o Deus Santo possa permitir reconciliação com a humanidade poluída por ele, e o Antigo Testamento estabelece o princípio de que o pecado pode ser removido somente pelo derramamento do sangue de alguém sem falha ou mácula. Na cruz, o Cristo imaculado derramou Seu sangue para nos livrar da sujeira do pecado. Efésios 1:4–7 explica o plano de Deus.

No Calvário, Cristo libertou-nos da punição do pecado aceitando voluntariamente a culpa, suportando a agonia da separação, assumindo as falhas de muitos, e adquirindo a redenção eterna – conforme Hebreus 9–10 esclarece. E foi lá que Cristo libertou-nos do poder do pecado, conforme Romanos 6:9–11 enfatiza poderosamente.

### 3. Recebido pela fé

Embora o perdão seja um dom gratuito de Deus, não há nada de mecânico ou automático nisso. Não é inevitável. Algo precisa ser feito antes que o perdão possa ser vivenciado. Atos 26:18 afirma que Paulo foi enviado aos gentios para que eles pudessem receber

o perdão inicial de pecados ‘por meio da fé em Cristo’. Pela fé em Cristo, nós experimentamos – nós recebemos pessoalmente – o que Cristo conquistou por Seu sangue.

Atos 2:38; 3:26 e 10:43 mostram que deve haver uma resposta humana à iniciativa de Deus. Deus proporcionou o perdão inicial por meio da morte de Cristo, mas este perdão está disponível somente àqueles que dão as costas decisivamente aos seus pecados e começam a crer e confiar em Jesus.

#### 4. Confirmado no batismo

A visão de batismo do Novo Testamento sempre o vincula à morte expiatória de Cristo e o perdão conquistado por Ele. Vemos isso, por exemplo, em Atos 2:38 e 22:16.

Deus pode não vincular Seus dons a nenhum rito específico, mas todo crente arrependido que é batizado no nome de Jesus Cristo pode ter a expectativa de experimentar o perdão imediato de seus pecados. Consideramos este aspecto mais plenamente na Parte Dez do volume Glória na Igreja.

As duas prefigurações do batismo no Antigo Testamento são atos claros de libertação: Há uma morte para a antiga vida no grande dilúvio e um final da escravidão na divisão do Mar Vermelho. E Romanos 6 nos ensina que, no batismo, Deus realiza um elemento real de libertação dos antigos modos de vida.

O perdão inicial é incondicional, e ninguém pode fazer coisa alguma para ganhá-lo. Contudo, a liberdade deve ser recebida pela fé em Cristo e confirmada no batismo – somente então ela pode ser plenamente vivenciada.

É uma liberdade que nos possibilita cumprir a vontade de Deus; uma libertação que traz liberdade de escolha onde outrora não havia escolha; uma fuga da escravidão e do pecado para o próprio reino de Deus. Crentes cristãos são os únicos seres na terra

que podem escolher pecar ou não. Passagens como 1 João 3:5–9 somente fazem sentido quando entendemos o poder do perdão libertador de Deus.

Isso tem duas implicações importantes para nós: Mostra que o batismo é um aspecto do ministério de libertação; e sugere que não ser batizado pode significar libertação incompleta da influência demoníaca.

Em algumas partes da igreja, isso é levado tão a sério que o batismo é uma pré-condição para se ministrar a ‘expulsão’.

#### Perdão constante

O dom gratuito de Deus do perdão ‘inicial’ significa que não precisamos mais viver na rotina do pecado – pois o poder do pecado foi quebrado. Porém, sabemos que o pecado ainda permanece, embora não como senhor de nossas vidas. Atos isolados de pecado ocorrem, ao contrário de padrões contínuos de pecado.

No grego, 1 João 3:6, 9 e 5:18 usam o tempo presente para dizer que o pecar contínuo cessou de existir no crente perdoado, ao passo que 1 João 2.1 usa uma construção grega diferente – o tempo aorista – para mostrar que atos específicos de pecado ainda são possíveis.

1 João 1:8 mostra que crentes que dizem que nunca cometem um único pecado enganam a si mesmos, e 1 João 5:14–17 deixa claro que cristãos ainda podem pecar. 1 João 1:9; 2:1 e 5:16, contudo, prometem perdão ‘contínuo’ e libertação para atos isolados de pecado que são cometidos após a experiência inicial do perdão ter sido recebida em fé e selada no batismo.

Nenhum crente moderno havia cometido pecado algum quando Jesus morreu, pois não éramos vivos. Porém, Deus, em Sua onisciência, conhecia cada pecado que nós cometeríamos, e em Cristo, na cruz, Ele tratou deles todos. Quando recebemos Seu

perdão, não foi apenas por todos os pecados cometidos até aquele momento, mas por todos os pecados futuros também. Seu dom de perdão 'inicial' destruiu a barreira entre nós e Deus, e – não importa o que façamos ou deixemos de fazer – esta barreira não será reerguida.

Um modo de distinguir entre perdão 'inicial' e perdão 'contínuo' é pensar neles como perdão 'judicial' e 'parental'. O perdão judicial é o perdão de justificação, que é vida eterna, enquanto perdão parental é o perdão de comunhão com Deus como nosso Pai – é o que vemos na parábola do Filho Pródigo.

A questão do nosso futuro celestial está eternamente definida pelo perdão judicial, mas o modo que nós desfrutamos a vida eterna agora e no céu é determinado pelo modo como vivemos.

A verdadeira pregação bíblica do evangelho da graça deveria sempre levar os ouvintes a fazer a pergunta de Romanos 6:1. Não importa o que uma pessoa faça depois de ter experimentado o perdão 'inicial', ela ainda possuirá a vida eterna. Contudo, nossos pecados pós-perdão destroem nosso gozo terreno daquela vida eterna, destroem nossos relacionamentos humanos, reduzem nossas recompensas celestiais, atrapalham nosso senso de perdão de Deus e liberdade para não pecar, e nos expõem à influência demoníaca. Precisamos que estes pecados sejam tratados pelo perdão contínuo de Deus – e alguns cristãos ainda podem precisar de outra forma de ministério de libertação.

Embora o perdão inicial ou judicial sempre seja incondicional, o perdão contínuo ou parental para crentes parece estar vinculado a duas condições.

- Confissão a Deus

1 João 1:8,9 trata de nossa necessidade de perdão 'contínuo', mostra que nossa confissão deve ser feita diretamente a Deus e sugere que o arrependimento deve permear toda a vida cristã.

Este reconhecimento contínuo ou confissão de pecado é uma condição para perdão contínuo e mantém nosso relacionamento íntimo com o Pai.

- Perdão a outras pessoas

Mateus 6:12–15; Lucas 17:4 e Efésios 4:32 enfatizam que a resposta humana básica ao perdão inicial de Deus deveria ser uma avidez por perdoar outras pessoas.

Nós recebemos o perdão de Deus de modo que podemos perdoar as outras pessoas de maneira semelhante – nós não recebemos Seu perdão perdoando outras pessoas. Perdoar as outras pessoas é resultado do perdão de Deus e, assim como a confissão humana, trata principalmente das falhas, erros e relações humanas.

Quando se considera em conjunto Mateus 18:23-25, Mateus 6:14,15 e Marcos 11:25, podemos ver que o perdão dos outros brota do fato de Deus ter nos perdoado primeiro, e que aqueles que não perdoam os outros deixam de desfrutar o perdão de Deus na terra: Isso acaba em relacionamentos humanos destruídos. Mateus 18:34 também sugere que essa falta de perdão pode nos expor à ‘tortura’ demoníaca’.

As implicações do ensinamento bíblico sobre ‘libertação do pecado’ para o ministério mais amplo de libertação, são claramente consideráveis. Se o poder de Deus no perdão for tão grande quanto a Bíblia sugere, então os que ministram libertação e os que buscam libertação podem seguramente buscar todo perdão libertador de Deus como o primeiro, e provavelmente único, estágio na jornada rumo à libertação total.

### **Libertação da tentação**

Na Parte Oito estudaremos como libertar alguém de um demônio, mas primeiro precisamos ver as táticas que Satanás usa para ludibriar as pessoas – é vital que não façamos vistas grossas

a estas táticas. A maioria dos crentes está ciente da atividade de forças malignas, mas poucos aprendem a garantir que a medicina espiritual preventiva seja mais proeminente que a cirurgia espiritual corretiva.

Alguns crentes parecem estar tão cientes do diabo e seus demônios que esquecem que têm o poder do Espírito para resistir-lhes; ao passo que outros estão tão convencidos de que o diabo é um mito medieval que não se preocupam em rejeitá-lo.

Nem sempre está claro, como em Isaías 14 e Ezequiel 28, se algumas matérias bíblicas acerca de Satanás são parábolas ou fatos reais, mas é sempre relevante – pois os relatos bíblicos de suas transações com homens e mulheres nos ensinam muito sobre o ministério de libertação.

Quatro personagens do Antigo Testamento foram tentados pelo próprio Satanás – não apenas por um demônio. Em cada evento, Satanás usou uma arma diferente, atacou aspectos diferentes das vidas das pessoas e apareceu com um disfarce diferente, com um objetivo diferente. Estas histórias oferecem uma visão geral de sua estratégia maligna, e estabelecem uma base proveitosa para nossa compreensão da obra de Deus que liberta da tentação.

Eva

Em Gênesis 3, Satanás apareceu para Eva como um enganador, fazendo-a se enganar acerca da natureza da verdadeira felicidade humana – também o vemos com essa fachada em Apocalipse 12:9. Ele atacou a mente de Eva usando a arma da mentira, com o objetivo de torná-la ignorante da vontade de Deus.

Em Genesis 3:1, Satanás trouxe confusão ao sugerir que Eva deveria duvidar da bondade de Deus, inferindo que Deus certamente seria mau se Ele tentasse restringir os prazeres genuínos

como saborear a fruta que Ele mesmo provera. Isso era uma mentira, como Eva mostrou, pois Deus não proibira o consumo de fruta de todas as árvores.

Satanás tentou provocar Eva a questionar a palavra de Deus, então em Genesis 3:5, mais mentiras são direcionadas à mente de Eva. Estas mentiras disseminaram as sementes de ambição que sufocaram seu conhecimento da vontade de Deus.

Satanás ainda tenta enganar pessoas acerca da natureza da felicidade, e a libertação dessa estratégia ocorre somente pela Palavra de Deus. Quando Satanás atacou Jesus com mentiras e ambição, foi essa arma da Palavra de Deus que Jesus usou para derrotar Seu inimigo: Três vezes em Mateus 4:1–11, Cristo disse ao diabo: ‘As Escrituras dizem’.

Em Gênesis 3:3, Eva usou a Palavra de Deus para combater seu primeiro ataque, mas negligenciou usá-la novamente, rendeu-se à tentação e pecou.

Jó

O diabo veio como um destruidor, usando a arma do sofrimento para atacar o corpo de Jó e fazê-lo ter dó de si mesmo e culpar Deus pelo mal.

Deus mostrou Jó a Satanás como um exemplo de servo virtuoso. Satanás replicou que Jó adorava Deus somente por causa de sua riqueza e proteção divina. Então Deus permitiu a Satanás provar Jó para ver se ele permaneceria fiel. Jó 1:21,22 descreve a resposta de Jó ao ataque.

Deus insistiu na contínua inocência de Jó, mas Satanás afirmava que isso mudaria se o corpo de Jó fosse afetado. Então Deus colocou Jó em poder de Satanás e este atacou o corpo de Jó com enfermidade.

Satanás não empregou o sofrimento como um fim em si mesmo, mas como uma arma para fazer Jó se voltar contra Deus. Satanás queria que Jó caluniasse o nome de Deus e Lhe atribuisse seu mal. Após sete dias de silêncio, Jó 3 registra o terrível ‘Por quê?’ de Jó.

A libertação dessa estratégia satânica é pela graça de Deus fortalecendo nossa resistência humana e paciência – como vemos em Romanos 8:18 e Colossenses 1:24. Nossa fé na bondade de Deus deve continuar, mesmo quando não entendemos porque o diabo está esbofeteando nossos corpos, nossas famílias e nossas circunstâncias.

A passagem de 1 Pedro 5:8–11 mostra que Satanás ainda tenta destruir os crentes por meio do sofrimento. Deus não promete nos livrar do sofrimento sempre de imediato, mas Ele promete estar conosco, nos fortalecer, e nos livrar da armadilha de voltar as costas a Ele.

Davi

1 Crônicas 21 relata o terceiro encontro bíblico com Satanás. Desta vez Satanás apareceu como um monarca arbitrário e atacou a vontade de Davi com a arma do orgulho. Seu objetivo era fazer o rei exercer autoridade independente da vontade de Deus. Satanás incitou Davi a realizar um censo e, apesar da oposição de Joabe, este censo foi realizado.

Os ministros podem libertar as pessoas pela pontuação. Então, como Davi, eles podem ser tentados pelo príncipe desse mundo, João 12:31, a contar os pontos como um ato de orgulho – e então precisarem eles próprios de libertação.

A libertação dessa estratégia vem pela abertura incessante àquele membro da trindade que não chama a atenção para si mesmo, mas vive para focar toda glória em outra pessoa. Quan-



do somos verdadeiramente cheios do Espírito Santo, não nos ensoberbecemos pelos nossos números.

### Josué

Em Zacarias 3, Satanás veio como um difamador e atacou a consciência do sumo sacerdote com autocondenação. O objetivo de Satanás era levar Josué a um senso equivocados de culpa ao falhar em satisfazer a vontade de Deus, e ele fez isso ao tentar o sacerdote a pensar que suas vestes sujas o desqualificavam para o serviço.

Essa ainda é uma estratégia comum do difamador. Ele cochicha uma tentação em nosso ouvido, depois vai e nos acusa, no outro ouvido, de termos pensamentos errados! Ele traz lembranças constantes das falhas do passado, pecados há muito perdoados, e um sentimento geral de desqualificação, violação, inadequabilidade e inaptidão para o ministério.

A libertação não é de ter falhado em satisfazer a vontade de Deus, mas da autocondenação – por meio do conhecimento de que o sangue de Cristo nos libertou da condenação de Deus. Vamos essa libertação pela justificação por meio da graça de Deus em Zacarias 3:4,5.

Todos os crentes vivem na tensão entre a consciência de suas falhas e a compreensão de que somos justificados por Deus. Uma vez que tenha mortificado nosso senso de justificação por Deus, Satanás pode ampliar a consciência de nossas falhas, acusar-nos com lembranças constantes delas e paralisar-nos com autocondenação.

Um crente ungido, experiente no ministério, pode se tornar totalmente condenado por uma falha ou erro. A maioria de nós ainda houve os mesmos cochichos demoníacos que Josué, ‘Deus não pode usar você porque...’; ‘Nada está acontecendo porque...’; ‘Suponha que todos soubessem que...?’

Romanos 8:38,39 mostra que nada – nem mesmo um demônio ou Satanás – pode nos separar do amor de Deus. Porém, eles podem nos iludir a pensar que fomos separados Dele. E muitos crentes acabam vivendo como se estivessem separados do amor de Deus.

Para resistir a essas estratégias satânicas devemos enfatizar constantemente a prioridade da Palavra de Deus, a graça de Deus, o Espírito de Deus e o sacrifício de Deus. Eles são a única base segura para servir com Cristo em Seu ministério de libertação.



Parte Oito

# A Libertação no Novo Testamento

1 João 3:8 ensina que Jesus veio para desfazer tudo que Satanás havia feito em termos de corrupção e controle da criação de Deus, principalmente por meio do pecado. O ministério de Jesus trouxe libertação á humanidade em geral e às pessoas enquanto indivíduos – libertação de todo aspecto da obra de Satanás.

A vida, ensinamento e ministério de Jesus cumpriu o manifesto de Lucas 4:18, e isso culminou em Seu supremo ato de libertação. No Calvário, conforme descreve Hebreus 2:14,15, Jesus derrotou Satanás e o poder da morte, e libertou os que estavam cativos.

## **Jesus expulsa demônios**

Limitar o ministério de libertação de Cristo à cruz, porém, é ignorar um aspecto importante de Seu ministério terreno. Assim como alimentar o faminto, curar o enfermo e pregar as boas novas, os Evangelhos mostram que Cristo também libertou muitas pessoas das garras das forças malignas.

É óbvio que sugerir que a expulsão de demônios era a principal atividade do ministério de Jesus é deturpar o Novo Testamento. Como ilustrações de Seu ministério de libertação no Espírito,

contudo, os Evangelhos relatam oito ocorrências em que Jesus expulsa espíritos malignos.

A expressão ‘expulsar demônios’ é um tanto desajeitada e muitos líderes a substituíram por ‘libertação’. Temos visto, contudo, que libertação é um termo bíblico geral que inclui libertação do pecado e tentação. Por causa disso, é melhor continuar usando ‘expulsar demônios’; embora desajeitada, essa expressão não pode ser mal entendida.

As oito ocorrências de expulsão de demônio ou demônios no Evangelho são:

- O endemoninhado de Cafarnaum – Marcos 1:21 e Lucas 4:31–37
- A sogra de Pedro – Mateus 8:14,15; Marcos 1:29–31 e Lucas 4:38,39
- O endemoninhado cego e surdo – Mateus 12:22–29 e Lucas 11:14–22
- O endemoninhado gadareno – Mateus 8:28; Marcos 5:1–20 e Lucas 8:26–39
- A filha da mulher cananéia – Mateus 15:21–28 e Marcos 7:24–30
- O endemoninhado epilético – Mateus 17:14–21; Marcos 9:14–29 e Lucas 9:37–43
- A mulher encurvada – Lucas 13:10–17
- O endemoninhado surdo – Mateus 9:32–34

Há também dez afirmações gerais sobre expulsão de potestades malignas:

- Mateus 4:24
- Mateus 8:16
- Marcos 1:32–34
- Marcos 1:39
- Marcos 3:11
- Marcos 6:13

- Lucas 4:41
- Lucas 6:18
- Lucas 7:21
- Lucas 11:24–26.

Uma leitura cuidadosa destes incidentes e afirmações gerais sugere oito princípios básicos sobre o Ministério de Jesus de expulsão de demônios.

#### 1. Jesus libertava pessoas que Lhe eram trazidas

Vimos que Jesus ministrava cura quando isso Lhe era solicitado por aquele que sofria ou um representante seu, e quando Ele era enviado direta e imediatamente a uma pessoa doente pelo Espírito Santo. As afirmações gerais indicam que quando Jesus estava ministrando liberação, Ele libertava com sucesso todos os que Lhe eram trazidos com necessidade de ajuda.

Nas ocorrências acontece o mesmo. Vemos, por exemplo, que o endemoninhado cego e surdo e a sogra de Pedro foram libertados ao terem sido trazidos a Jesus por outras pessoas. E o endemoninhado de Cafarnaum trouxe a si mesmo a Jesus: Seus gritos agudos, guinchos e presença fez com que fosse impossível Jesus ignorar seus apuros.

Os Evangelhos também relatam que Jesus foi diretamente a um homem para iniciar Seu ministério. Marcos 5:2–8 e Lucas 8:26–29 parece implicarem que Jesus viajou de barco até o país dos gadarenos especificamente para ministrar àquele homem. Certamente não pode ser uma coincidência Jesus ter aportado na costa gadarena, no local exato onde havia um homem que precisava ser liberto dos demônios. O tempo verbal usado nas duas passagens sugere que Jesus havia ordenado aos demônios que saíssem mesmo antes de Ele encontrar o homem.

O caso da mulher curvada é menos direto. A consequência física da garra de Satanás era visível a todos que a viam, mas deve

ter sido o Espírito que mostrou a Jesus que havia um demônio por trás do problema físico. Não está claro, porém, se Jesus foi motivado a libertá-la por Sua compaixão ao vê-la, pelo fato de ser sábado, pelo mover do Espírito, ou pela combinação de todos eles.

Podemos dizer que Jesus expulsava demônios quando Lhe era solicitado por um representante daquele que sofria, quando um demônio reagia à Sua presença, e quando Ele era levado pelo Espírito ao que sofria. Isso não quer dizer que nunca podemos ministrar fora dessas condições; mas deveríamos levar muito a sério o exemplo de Jesus – principalmente porque parece se aplicar em cada aspecto de Seu ministério.

## 2. Jesus fez algumas perguntas

Alguns líderes insistem que se deve definir a razão do surgimento de uma condição antes que o ministério possa começar, enquanto outros enfatizam a necessidade de questionamento diagnóstico extensivo e sessões longas de arrependimento.

A causa de escravidão demoníaca pode ser significativa, mas uma vez definido que o aflito precisava ter um demônio expelido, Jesus não tentava definir a causa – somente expelir o espírito. Na realidade, os Evangelhos descrevem Jesus fazendo apenas duas perguntas ao longo de Seu ministério de expulsão de demônio – em Marcos 5:9 e Marcos 9:21.

Porém, como veremos na Parte Nove, o Espírito Santo pode Lhe mostrar alguns fatos relevantes acerca de como o demônio entrou na pessoa e qual poderia ser a razão da influência demoníaca presente. Não existem regras claras em relação a isso, somente a que devemos estar prontos a ouvir a informação e direção que o Espírito Santo dá em qualquer situação específica.

## 3. Jesus falou diretamente ao demônio

Somente no encontro com a mulher curvada que Jesus parece ter conversado por um longo tempo com o aflito. Em outras circuns-

tâncias suas palavras de comando do ministério foram direcionadas ao espírito maligno que controlava ou influenciava a pessoa.

Está claro que Jesus não ignorava o aflito e Seu ministério estava dentro do contexto de oferecer suporte espiritual e direção à pessoa. Contudo, é importante reconhecermos que – durante o tempo real de ministério – Jesus falou diretamente ao demônio.

Vimos que Jesus veio para desfazer as obras do diabo, então quando ficava sabendo de uma obra de Satanás, Ele levava a sério Sua tarefa messiânica de destruí-la. Os Evangelhos registram cinco coisas que Jesus, em Seu ministério aos afligidos por espíritos, disse diretamente aos demônios.

‘Seja amarrado’

Marcos 1:25 e Lucas 4:35 declaram que Ele disse: ‘Cala-te’ ao espírito imundo. Marcos 1:26, contudo, relata que o espírito clamou com grande voz.

O verbo grego *phimoo* é mais bem traduzido como ‘amordacar’ do que ‘silenciar’ – e é traduzido assim em 1 Coríntios 9:9 e 1 Timóteo 5:18. Parece que Jesus ordenava aos espíritos imundos que fossem repreendidos ou restringidos e isso inclui, mas não se restringe a silêncio ou ausência de ruído.

Em Mateus 12:29, Jesus deixou claro que ‘o valente’ deve primeiro ser amarrado. É isso que Ele fez na sinagoga de Cafarnaum, e trata-se de um estágio preliminar à expulsão do demônio.

‘Seja repreendido’

O uso do verbo *epitimaō* – repreender – está relacionado a amarrar. *Epitimaō* significa literalmente ‘colocar um peso sobre’ e é usado em relação a demônios em Mateus 17:18; Marcos 1:25; 9:25; Lucas 4:35, 41 e 9:42. É usado exatamente da mesma maneira em Lucas 4:39 quanto à febre que acometia a sogra



de Pedro. É o uso de *epitimaio* aqui que sugere que esta história tem mais a ver com expulsar um demônio do que curar.

*Epitimaio* também foi usado por Jesus em Mateus 8:26; Marcos 4:39 e Lucas 8:24 – sugerindo que o vento era um ataque demoníaco. A construção da frase em Marcos 4:39 é a mesma que em Marcos 1:25: Jesus repreendeu, e depois ilustrou isso usando *phimoo*. ‘Seja maniatado (amarrado)’ foi a expressão de Sua repreensão, a colocação de um peso divino sobre o espírito.

‘Saia’

Nas histórias de Cafarnaum, Gadareno e dos endemoninhados epiléticos, Jesus ordenou aos demônios que ‘saíssem.’ Este comando simples era a frase básica usada por Cristo em Seu ministério de expulsão.

Perguntas

Em Marcos 5:9, Jesus perguntou ao demônio: ‘Qual é seu nome?’ Marcos e Lucas mostram que Jesus estivera ordenando há algum tempo para o espírito sair, talvez até antes de o barco ter aportado na praia. Isso se assemelha à cura em duas etapas do cego em Marcos 8:22–26, e sugere que a pergunta de Jesus foi mais uma segunda etapa de ataque do que uma indagação educada.

Nos tempos bíblicos, o nome e a natureza de uma pessoa eram considerados indistinguíveis – saber o nome de alguém era saber sua natureza. A resposta e reação ambíguas do demônio em Marcos 5:9,10 fazem sentido quando percebemos que as palavras de Jesus não eram apenas uma questão de colocar uma manivela para auxiliar a futura ejeção, elas eram também uma ordem para o espírito se expor revelando sua natureza.

Esta autorrevelação foi o sinal demoníaco de derrota. As palavras de ordem de Jesus – que podemos entender melhor

como: 'Mostre sua natureza' – foram suficientes. Ele não precisou repetir a ordem: 'Saia.'

É interessante que a outra pergunta de Jesus também foi feita após o ministério estar em andamento por algum tempo. Em Marcos 9:14–29, os discípulos não puderam expelir o demônio, e o menino epilético foi trazido a Jesus. Por Sua pergunta, Jesus poderia ter tentado expor a natureza do demônio, ou (porque havia o envolvimento de uma criança), Ele poderia ter indagado acerca de possíveis fatores hereditários.

Não está claro se a explicação de Jesus no versículo 29 sugere que Ele reconheceu um tipo específico de espírito ou um tipo especial de opressão demoníaca. De um jeito ou de outro, tratava-se claramente de um caso grave e Jesus usou um pronome pessoal enfático (que é mais bem traduzido como: 'Sou eu que te ordeno') que chamou deliberadamente a atenção para Si mesmo e Seus recursos.

'Não volte'

As últimas palavras de Jesus para o espírito maligno em Marcos 9:25 foram: 'e nunca mais entre nele de novo'. Pode ser simplesmente que este demônio estivera trabalhando de modo intermitente, como sugere Marcos 9:25; mas Jesus menciona de fato a possibilidade de espíritos malignos retornarem a uma pessoa depois de terem sido expulsos em Mateus 12:43–45 e Lucas 11:24–26.

Este foi um caso longo, persistente, violento e destrutivo e Jesus estava lidando com a situação exatamente do jeito que ela era.

O fato de os Evangelhos não relatarem Jesus pronunciando essa ordem em ministério a mais ninguém, ilustra a importância de ouvir o Espírito e seguir Suas instruções. Jesus não tinha um padrão definido para o ministério, o qual seguia em cada situação – e nem nós devemos ter.

#### 4. Jesus não fazia distinção entre os aflitos

Muitos líderes dão muita importância às classificações de sofrimento e controle demoníaco. Eles usam uma ampla variedade de palavras para descrever uma multidão de condições distintas: Por exemplo: ‘opressão’, ‘possessão’, ‘depressão’, ‘infestação’, ‘influência’, ‘ataque’ e ‘aflição’.

Os Evangelhos não sugerem que Jesus fez muito uso dessas distinções. Uma palavra grega, *daimonizomai*, é usada para descrever quase todos que precisavam ser libertos de um demônio. Superficialmente, as pessoas pareciam ter condições diferentes; mas, na realidade, os problemas delas tinham todos uma raiz idêntica. *Daimonizomai* descreve o problema básico, não os sintomas superficiais.

Geralmente traduz-se *daimonizomai* como ‘posseço’, que implica controle ou propriedade; mas *daimonizomai* significa de fato ‘afligido pelo demônio’: A transliteração ‘demonizado’ é mais proveitosa – e muito menos controversa.

Isso quer dizer que as perguntas mais importantes que podemos fazer ao Espírito no ministério de libertação são: ‘Qual ministério essa pessoa precisa?’ e ‘Esta pessoa está endemoninhada?’ A mulher em Lucas 13 aparentemente tinha um problema muito diferente do homem em Marcos 5, mas Jesus sabia no Espírito que os dois precisavam de uma libertação de demônio.

Mais uma vez, isso enfatiza o quanto nos é importante ouvir o Espírito, fazer perguntas a Ele e depender de Sua direção. Há alguns casos, como em Marcos 5, onde parece óbvio que um demônio tem de ser expulso – mesmo assim, nós devemos buscar a direção e mover do Espírito. Porém, há outros casos – como em Lucas 13 – em que dependemos totalmente do Espírito para ter discernimento.

### 5. Jesus distinguiu exorcismo de cura

As histórias acerca do endemoninhado mudo e da sogra de Pedro poderiam, por si só, sugerir que os Evangelhos confundem exorcismo com cura. Entretanto, Mateus 8:16; Marcos 1:32–34; Lucas 4:40,41; 6:18 e 7:21 mostram uma diferença clara entre curar o doente e expulsar demônios. E Mateus 4:24 faz uma distinção importante entre *daimonizomai* e *seleniazomai* – entre a demonização precisar de libertação e a insanidade ou epilepsia precisar de cura.

Quando ajudou a mulher encurvada, Jesus primeiro a libertou da escravidão a Satanás, depois lhe impôs as mãos para curá-la endireitando suas costas. Parece ter sido igual com a sogra de Pedro: Lucas registra o rompimento inicial do controle de satanás, ao passo que Mateus e Marcos registram o toque de cura que se seguiu.

### 6. A fonte de autoridade de Jesus

Nos dias de Jesus os exorcistas judeus itinerantes expeliam demônios usando longas listas de nomes e até auxílios mecânicos. Alguns deles tentaram até usar o nome de Jesus – em Marcos 9:38, com sucesso e em Atos 19:13–16, com fracasso espetacular! Jesus, contudo, não precisava usar nenhuma outra autoridade que não a Sua mesmo.

Em Mateus 12:28, Ele afirmou expulsar demônios pelo Espírito de Deus. (Lucas 11:20 usa ‘dedo de Deus’ – de Êxodo 8:19 e Salmos 8:3). O ministério de Jesus era uma confrontação pessoal entre aquele que era cheio do poder do Espírito Santo e um espírito maligno – então Jesus era totalmente dependente de Sua unção no Espírito.

Marcos 9:29 oferece outra razão para a eficácia de Jesus. Visto que Ele não orou entre Sua chegada e o ministério, esta deve se referir à oração preparatória e jejum. Devemos perceber

que, como no ministério de cura de Jesus, há uma ausência de oração durante o tempo do ministério.

Mateus 17:19,20 adiciona uma terceira razão – que consideraremos mais tarde – a fé que move montanha.

#### 7. Jesus aterrorizava os demônios

Os Evangelhos mostram que demônios variam em seus poderes malignos, têm o objetivo de destruir pessoas, trazem doença, falam, são demasiadamente fortes, possuem conhecimento sobrenatural e que diversos deles podem influenciar ou afligir uma pessoa simultaneamente.

Os exemplos do Evangelho também mostram que, mesmo antes de sua derrota no Calvário, os demônios tinham pavor de Jesus! Em vez de permanecerem calados na presença de Jesus, eles tinham tanto medo que grunhiam e se expunham. Eles sempre tiveram de obedecer a Jesus. Quando Ele dizia: ‘Saia,’ eles saíam – ainda que a partida fosse barulhenta e violenta.

#### 8. As pessoas reagiam a Jesus de maneiras distintas

Mateus 12:28 mostra que o ministério de libertação estava no centro da mensagem do reino de Jesus. O rei justo chegara, e o usurpador estava sendo colocado para correr.

Depois de Jesus ter expulsado demônios, Marcos 1:21–28 relata espanto e difusão da reputação; Lucas 9:43 comenta que multidões pasmavam pela grandeza de Deus e Lucas 8:37 descreve pânico e um pedido imperativo para que Jesus deixasse o local. Dos que foram libertos, porém, há o registro somente do homem em Marcos 5:18 implorando para seguir Jesus.

A reação mais terrível de todas está registrada em Lucas 11:15; Marcos 3:22; Mateus 9:34 e 12:24. Os caluniadores de Jesus O acusavam de estar possuído por Belzebu, de estar louco e ministrar de mãos dadas com o próprio Satanás. Estas acusações

também foram feitas em João 7:20; 8:48, 52 e 10:20. Portanto, não deveríamos nos surpreender quando aqueles que servem com Cristo neste ministério hoje enfrentarem hostilidade semelhante.

### **Os discípulos expulsaram demônios**

Jesus nunca enviou as pessoas a pregar o Evangelho sem dar-lhes também Sua autoridade para curar doença e expulsar demônios. Vimos que Jesus treinou cerca de oitenta discípulos para compartilhar Seu ministério de cura, e Mateus 10:8; 17:19; Lucas 9:1 e 10:17 mostram que eles também compartilharam Seu ministério de expulsão de demônios.

Lucas 10:17–20 é importante. Os discípulos se alegraram: ‘Senhor, pelo Teu nome, até os demônios se nos sujeitam.’ O verbo grego *hupotasso* – ‘submeter’ ou ‘estar sujeito’ é um termo militar que significa ‘classificar-se sob’ ou perder ou abrir mão dos próprios direitos ou vontade. Os discípulos confrontaram os demônios não com autoridade pessoal ou própria – como Jesus fez – mas com a autoridade de Jesus. Este é um princípio básico de todo ministério de libertação.

A resposta de Jesus em Lucas 10:18–20 é iluminadora. O tempo verbal de ‘Eu vi’ significa ‘Eu tenho visto Satanás caindo’ e sugere que a queda de Satanás foi contínua, em vez de um evento, e estava associada com o ministério de expulsão deles. Isso significa que, durante toda a missão, a cada expulsão de demônio, Jesus via a queda de Satanás. A comparação que Jesus fez com o raio significa que a queda foi espetacular e perceptível.

O final dos dois Evangelhos, Mateus e Marcos, sugere que o ministério de expulsão de demônios devia continuar na vida da igreja. Marcos 16:17 relaciona o ministério de libertação como o primeiro dos sinais a serem associados aos crentes. A Grande Comissão, Mateus 28:19,20, instrui os discípulos a ensinar todos os futuros discípulos a observar as ordens de Jesus – e isso, presumivelmente, inclui Mateus 10:8.

O livro de Atos registra eventos específicos de cura, mas somente um exemplo de um demônio sendo expulso – 16:16–18. Há três frases gerais sobre o ministério: 5:12–16; 8:4–8 e 19:11–20. Estas passagens precisam de estudo cuidadoso.

#### A menina escrava de Filipos

A aparição da menina escrava, Atos 16:16–18, pode ter sido, de início, bem recebida. Paulo havia enfrentando mal entendido e hostilidade nas cidades em que passara antes, contudo, aqui estava uma garota que conhecia Paulo, Silas e Lucas, conhecia o teor da mensagem deles e estava pronta para operar como mensageira deles.

Entretanto, os apóstolos logo perceberam que ela era uma cartomante. Algumas traduções de Atos 16:16 sugerem que a garota estava possuída por um ‘Espírito de adivinhação’, mas a tradução literal de *pneuma puthona* seria ‘espírito de Píton’.

(Píton era o nome na mitologia grega do dragão Pítia, que habitava no sopé do Monte Parnaso guardando o oráculo de Delfos. Ele foi assassinado por Apolo e o nome foi mudado para Apolo e era quase sempre aplicado a adivinhos e cartomantes. Considerava-se que estes eram inspirados por Apolo quando agiam como ventríloquos do espírito).

As palavras de Paulo no capítulo 16, versículo 18 seguem as de Jesus. Ele não lida com o demônio na base da autoridade pessoal, mas como o representante terreno de Jesus. O uso do verbo grego *paraggello* – ‘ordenar’ – revela que este ministério fora iniciado pela ordem de Cristo.

O substantivo, *paraggelia*, é um termo militar que se refere a ordens recebidas por um oficial subalterno, da parte de seu superior, e depois passada aos pracinhas. Jesus usou *paraggello* em Lucas 8:29 quando confrontou o endemoninhado gadareno.

Isso sugere que Ele expulsou demônios quando Seu Pai O instruiu a fazê-lo pelo Espírito.

Este evento, embora definido em um contexto evangelístico, não relata conversões. A multidão de Filipo não se impressionou; não sabemos se a menina se converteu; e Paulo foi açoitado, lançado na prisão e preso a troncos – o preço que ele teve de pagar por participar desse elemento do Ministério de Jesus no Espírito.

#### A sombra de Pedro

O ministério descrito em Atos 5:12–16 parece ser parte da resposta à intercessão dos discípulos em Atos 4:24–30. Parece que as pessoas de Jerusalém já tinham grande respeito pelos discípulos, mas que o ministério atraiu as multidões das áreas vizinhas.

Alguns professores de Bíblia sugerem que demônios eram expulsos pela sombra de Pedro. Uma leitura honesta do capítulo 5:15–16, contudo, sugere que eram apenas os doentes que se posicionavam para ser tocados por sua sombra.

Como nos Evangelhos, faz-se uma distinção entre *astheneis*, ‘o doente’, e *ochloumenoi*, ‘aqueles atormentados ou cheios de espíritos malignos’; e somente os doentes são mencionados no versículo 15.

Seja o que for que tenha acontecido, devemos perceber que os que eram libertados haviam sido primeiramente trazidos à igreja, e que este era um momento especial em que Deus operava com poder incomum, talvez como consequência do comportamento dos crentes em Atos 4:24–30.

#### Os lenços e aventais de Paulo

O Antigo Testamento parece sugerir uma crença no poder representativo da vestimenta: por exemplo, Gênesis 35.2; Números



20:25,26; 1 Samuel 18:3,4; 1 Reis 19:19 e 2 Reis 2:8–14. E Lucas 8:43–48 relata a história da mulher que foi curada ao tocar nas vestes de Jesus.

Atos 19:11,12 deveria encorajar uma abordagem mais aberta e a percepção de que Deus usa as pessoas e métodos que nós talvez desdenhemos. Este ministério notável ocorreu porque Deus estava com Paulo de uma maneira especial em Éfeso, e porque houvera para os espíritos malignos – mesmo à distância – uma confrontação com Cristo em Paulo.

Os sete filhos de Ceva

Atos 19:11–16 muda direto de aventais incríveis para os filhos de Ceva. O versículo 13 sugere que Paulo deve ter invocado a autoridade do nome de Jesus em seu ministério. Por causa da eficácia de Paulo, outros pregadores judeus tentaram usar o nome do Senhor Jesus como uma ferramenta em suas libertações não cristãs.

O fracasso espetacular deles demonstra que expulsar demônios não é uma questão de técnica ou de recitar palavras especiais. É um encontro entre duas forças – uma demoníaca e outra divina.

Os filhos de Ceva fugiram nus e feridos porque o ministério deles não era uma transmissão de uma ordem de Deus, porque eles não estavam cheios e capacitados pelo Espírito de Deus e porque eles não conheciam pessoalmente Jesus e não tinham direito de invocar Seu nome.

Crentes contritos

Atos 19 registra então, nos versículos 18 a 20, um evento que é muito importante para o ministério contemporâneo de libertação. O ministério de ‘expulsão’ pode não ser descrito nessa passagem, mas é claramente um exemplo de ministério de ‘libertação’. Sob a unção poderosa do Espírito registrada no capítulo 19:11-17, os

crentes se arrependeram, confessaram seus pecados e destruíram quaisquer livros ocultos que estavam em sua posse.

Não lhes era suficiente apenas confessar e se arrepender dos pecados, eles também foram dirigidos pelo Espírito a queimar publicamente os livros de magia no valor de 50.000 peças de prata. Esta destruição total e voluntária significou que os poderes demoníacos e ocultos perderam seus domínios sobre os crentes.

Atos 19:20 relata o impacto evangelístico considerável de todos os diferentes aspectos do ministério de libertação descritos em 19:11–19. Isso reflete Atos 8:4–8, quando multidões de samaritanos receberam bem a mensagem de Filipe por causa dos milagres, e o primeiro exemplo dado é que os ‘espíritos imundos, clamando em alta voz, saiam de muitos’.

O ensinamento de Paulo

Pela evidência do Novo Testamento, é razoável concluir que o ministério de expulsão de demônios foi um recurso importante na vida da igreja primitiva; contudo, ele não é mencionado nas listas de ministros ou oficiais da igreja, ou na lista de dons espirituais.

Paulo mostra frequentemente sua crença na existência de forças malignas: por exemplo, Romanos 8:38,39; 1 Coríntios 5:5; 7:5; 15:24; 2 Coríntios 2:11; 6:15; 11:14,15; 12:7; Efésios 3:10; 6:12; Colossenses 2:8,15; 1 Tessalonicenses 2:18; 2 Tessalonicenses 2:4,9 e 3:3. Porém, ele nunca menciona um ministério especialista em expulsão de demônios.

É bem possível que seja porque Paulo tinha em mente cristãos. Os dons e ministros que ele descreve são para a edificação e benefício da igreja. Portanto, mencionar a expulsão de demônios lhe teria sido inadequado e desnecessário.

Paulo acreditava que as pessoas ou estavam em Cristo ou em Satanás, que elas eram guiadas ou pelo Espírito ou por sua na-

tureza pecaminosa, que os cristãos foram transferidos das trevas para a luz – de Satanás para Cristo. Em 2 Coríntios 6:16–7.1 isso está particularmente claro.

A evidência do Novo Testamento parece sugerir que todo crente ungido com o Espírito poderia expulsar demônio, mas apenas quando recebesse uma ordem clara de Cristo. Ao expulsar um demônio, a autoridade deles era o nome de Cristo, e sua fonte de poder era o Espírito Santo trabalhando por meio deles. Eles geralmente trabalhavam em parceria com outros crentes, e se preparavam com oração, fé em Deus e jejum.

Também parece que na igreja primitiva o ministério de expulsão de demônios era normalmente esperado em um contexto evangelístico, já que o corpo de Cristo na terra confrontava e incluía os que estavam fora do reino de Deus e presos nas garras forte do maligno. Faríamos bem em aprender com o exemplo deles.





Parte Nove

# O Ministério de Libertação

## Hoje

Vimos que Jesus pregou liberdade aos cativos, libertou os oprimidos e destruiu a obra do diabo. Agora Ele dá continuidade ao Seu ministério por meio de Sua igreja, e a Grande Comissão indica que isso deveria alcançar todas as nações e continuar até o final dos tempos.

Também identificamos que 'libertação' é um conceito amplo. Todo mundo precisa de libertação. Todas as pessoas precisam de uma libertação definitiva do pecado, culpa e morte; todos os crentes precisam de libertação diária das falhas, negligências e tentações e algumas pessoas precisam de libertação de espíritos malignos. Deveríamos enfatizar os dois primeiros aspectos do ministério de libertação, sem ignorar ou diminuir a importância do terceiro.

Então, há a área maior de libertação na sociedade. No volume *O Governo de Deus* nós examinamos como a Igreja é a luz e sal do mundo e efetua mudanças em seu pensamento, comportamento e estruturas por seu serviço, sacrifício e oração. O propósito da igreja é adoração, mas sua missão é libertação. Nossos olhos devem estar fixos em Jesus, enquanto nossos pés pisam fortemente nas obras de Satanás.

## Avisos

Como parte do ministério de libertação, nós temos a responsabilidade de avisar as pessoas a respeito das atividades sobrenaturais que dizem ser de Deus, mas que não são executadas em Seu nome e poder.

A palavra 'oculto' é usada com frequência para descrever estas práticas, que vêm da palavra 'segredo' em latim – *occultus*. Contudo, estas coisas não são mais ocultadas ou secretas, então '*occult*' não é uma palavra precisa. As práticas são sobrenaturais, mas em sua origem e natureza são malignas em vez de santas.

A Bíblia proíbe expressamente o envolvimento humano com práticas sobrenaturais malignas e mostra que Deus as odeia e se opõe a elas. É importante notarmos que as Escrituras declaram que qualquer envolvimento com estas práticas leva à punição divina. Vemos isso, por exemplo, em Êxodo 22:18; Levítico 19:26, 31; Deuteronômio 18:9–12; 32:16,17; 2 Reis 21; 1 Crônicas 10:13; Salmos 106; Atos 16:16–18; 19:18,19; 1 Coríntios 10:20–22; Apocalipse 9:21; 21:8 e 22:15.

As práticas malignas podem ser divididas em três áreas.

- Milagres

A realidade de Deus é qualquer milagre que seja operado em o nome de Jesus. Um milagre maligno é qualquer maravilha não operada no poder e autoridade de Seu santo nome; isso inclui magia branca ou negra (não os truques de ilusionismo), divinação, levitação, atos de força, projeção astral e as muitas formas da chamada cura espiritual.

- Comunicação

A provisão de Deus é oração ao Pai, no Espírito, por meio do Filho. A versão satânica disso é qualquer tentativa de comunicação com espírito – inocente ou deliberada – que não seja a oração cristã. Isso inclui ouija, sessões, espiritismo, espiritualismo e daí por diante.

- Conhecimento do futuro

A revelação de Deus pode ser conhecida na Bíblia e por meio de profecia cristã. Os demônios se comunicam por meio de práticas como quiromancia, astrologia, tarô, cristalomancia, psicomетria, divinação e o ensinamento em livros demoníacos.

A Bíblia apresenta cinco razões por que estas práticas malignas são proibidas.

- Gênesis 3 mostra que Deus colocou limites no conhecimento, e o desejo pelo conhecimento não disponível normalmente para a humanidade é a força propulsora em muitas práticas malignas. Como no Éden, o diabo retém muitos na escravidão e morte por meio dessa sede pelo conhecimento.

- Um desejo de dominar e controlar pessoas, objetos, acontecimentos e o futuro, geralmente é a razão ou o resultado do envolvimento em práticas malignas. O desejo é o oposto da natureza correta da humanidade e é condenado em Isaías 47:12–15 e Ezequiel 13:17–23.

- O envolvimento é perigoso e geralmente leva ao controle demoníaco e a algum elemento de desintegração psicológica ou destruição física. Há muitos exemplos bíblicos – a história de Saul é impressionante – porém, um exemplo recente pode ser mais persuasivo.

- É uma tentativa de fazer contato com forças que estão em guerra com Deus. Como veremos adiante, é por isso que a Bíblia ensina que Deus pune crentes que deixam de segui-Lo para se envolver com alguma prática maligna.

- Deus disse: ‘Não!’ Tais práticas são expressamente proibidas no Novo Testamento – embora se deva lembrar de que elas são normalmente mencionadas em associação com outros pecados que Deus considera igualmente repugnante. Gálatas 5:19–21, por exemplo, condena feitiçaria, ciúme, irritação e brigas. É errado sugerir que alguns pecados são mais pecaminosos que outros e inferir que as pessoas estão espiritualmente seguras contanto que evitem práticas demoníacas.



Transmitir as ideias de Deus quanto às práticas malignas é um elemento de nosso ministério de libertação, mas nós confrontamos forças malignas com mais poder e convicção ao ministrar no poder do Espírito Santo de Deus.

### Oração

Os crentes e as igrejas que têm a expectativa de confrontar as forças de Satanás diretamente, precisam estar totalmente preparados pela oração persistente e integrada. Em Marcos 9:29, Jesus disse que a oração era a diferença entre o ministério ineficaz de Seus discípulos e a Sua eficácia. Se Cristo precisava de oração preparatória, assim também nós devemos precisar. Isso deveria incluir a oração integrada de toda a igreja local. Examinamos isso na Parte Sete do volume *Oração Eficaz*.

O ministério descrito em Atos 5:12–16 foi o resultado da oração em conjunto registrada em Atos 4:24–30. A libertação da menina escrava de Filipos em Atos 16:16–18 acontece após a descrição de uma reunião de oração à beira do rio no versículo 13, e o versículo 16 mostra que essa oração não foi um acontecimento isolado.

Se acaso se achar que um demônio precisa ser expulso, a igreja local deve ser alertada a interceder pelo ministério de ‘expulsão de demônio’: Isso deve incluir oração por ousadia, direção, sabedoria, poder e brevidade.

### Evangelismo

No Novo Testamento, a expulsão de demônios sempre se dá em um contexto evangelístico, mas isso não significa que todos os convertidos precisam desse ministério. Toda pessoa que se volta para Cristo deve ser encorajada, como em 1 Tessalonicenses 1:9, a romper com toda forma de idolatria, para que possa se tornar um servo eficiente do Deus vivo e real.

Os novos convertidos precisam perceber quais práticas são incompatíveis com o seguir a Cristo, arrependem-se do en-

volvimento passado e prometerem pureza futura. Eles precisam aprender sobre a liberdade plena do perdão de Deus e clamar por ela por meio da fé e do batismo.

Muitos convertidos terão se envolvido com algumas formas de práticas demoníacas. A maioria deles precisará, como os cristãos de Atos 19:18,19, somente confessar os pecados, renunciar o envolvimento e destruir quaisquer objetos que possuem e que foram parte destas práticas demoníacas. Contudo, haverá alguns convertidos que também precisarão ser libertos de um demônio.

#### Diagnóstico

Nas Escrituras, os sintomas mais comuns de *daimonizomai*, 'demonização', foram:

- Uma falta de autocontrole permanente
- Ou, uma perda de controle temporária quando confrontado por Cristo
- Ou, uma incapacidade física grave.

Qualquer falta de controle era demonstrada, por exemplo, por alguns dos seguintes sintomas:

- Tendências suicidas
- Força incomum
- Violência
- Uma explosão vocal envolvendo conhecimento sobrenatural
- Uma mudança completa na voz.

Embora existisse pelo menos um destes sintomas de 'demonização' nos exemplos do Novo Testamento, nós precisamos veementemente do discernimento do Espírito em cada situação: Precisamos que Ele nos revele quando uma pessoa está 'endeminhada' e o que deveríamos fazer.

Na Bíblia, a maioria das pessoas com deficiência física, doença mental ou epilepsia, não precisou da expulsão de um de-

mônio. Porém, algumas precisaram, e nós somente saberemos quem precisa de libertação ouvindo o Espírito Santo e provando o que entendemos que Ele esteja sugerindo por meio das Escrituras e do dom espiritual de *diakrisis*.

Como servos de Cristo e co-servos com Cristo, somos chamados a destruir as obras de Satanás. Isso significa que devemos estar prontos para ministrar libertação sempre que Deus nos mostra que há um demônio presente, e sempre que um demônio reage a Cristo ‘em nós’, fazendo com que o aflito perca o autocontrole e revele algum dos sintomas bíblicos.

Em muitos casos, como nos exemplos do Novo Testamento, é obvio quando alguém precisa dessa ajuda e aí então não deve haver hesitação. Precisamos fazer apenas duas perguntas simples a Deus: ‘Quem deve ser meu parceiro no ministério?’ e ‘O que exatamente devemos dizer e fazer?’

Outras vezes precisaremos do discernimento do Espírito – especialmente quando identificarmos alguém com alguma deficiência grave como ‘endemoninhado’. Em casos como estes, o Espírito quase sempre proporciona a convicção crescente ou ‘responsabilidade’ profética de que o ministério de libertação é a ajuda apropriada. Isso deve ser compartilhado com os líderes na igreja local e deve se buscar a direção de Deus quanto à quando e como este ministério deve ser proporcionado.

#### Ajuda médica

Não deveríamos menosprezar o fato de que um médico estava presente no único exemplo detalhado de ministério de ‘expulsão de demônio’ em Atos e devemos reconhecer que a ajuda médica profissional beneficia muitas pessoas hoje.

Entretanto, é um erro pensar que o ministério de libertação é apropriado somente para pessoas que permanecem sem ajuda após um longo programa de tratamento médico.

Numa situação moderna de Marcos 1:21–26, seria loucura pedir para o homem sentar e esperar enquanto fosse marcada uma consulta para ele no psiquiatra. Porém, seria igualmente ridículo não encaminhar uma pessoa aflita a um médico, caso ela não apresentasse mudança após diversas sessões do ministério.

### **Ministério de ‘expulsão de demônio’**

Apresento a seguir instruções simples para ajudar crentes que estão diante de um demônio que precisa ser expulso. São sugestões a serem consideradas, não são regras a serem obedecidas.

Não seja controlado por circunstâncias ou pessoas

Nosso chamado é para obedecer a Deus, fazer Sua vontade, e não ser pressionado pelas pessoas. A obediência ao mover do Espírito às vezes significa não ajudar um aflito e parecer um tanto cruel; outras vezes significa ação imediata. Em toda situação devemos estar disponíveis para Deus, porém não sermos presunçosos – certificando-nos de perguntar ao Espírito se Ele quer nos usar, não usar ninguém ou usar outro crente.

Não seja temeroso

Diante de uma perda violenta de autocontrole, sempre haverá alguma apreensão e angústia. Nosso enfoque deveria ser o mesmo que morte e morrer. O cristão não teme a morte, enquanto o processo de morrer pode ser muito desagradável. Não temos necessidade de temer o demônio – a promessa de Lucas 10:19 é absoluta – mas a reação demoníaca a Cristo pode ser angustiante.

Se estivermos temerosos, devemos pedir a Cristo que remova nossos temores e nos encha com Sua autoconfiança. Passagens como Salmos 124 e 125 são proveitosas.

Esteja bem preparado

Devemos garantir que nossa dependência total esteja em Cristo e não em alguma técnica, forma de palavras ou padrão de ministério; e que não tenhamos amargura, relacionamentos quebrados ou pecado que não tenha sido tratado.

Devemos nos certificar de orarmos, jejuarmos e pedirmos a ajuda do Espírito; de termos um parceiro de ministério e o suporte da igreja local em oração; e de termos profunda compaixão, paciência e amor pelo aflito. Precisamos fazer tudo que for necessário para evitar interrupções e para nos lembrar de que a confissão, arrependimento e recebimento do perdão de Deus pode ser tudo de que se necessita.

### Prepare o aflito

Se a pessoa estiver no controle de si mesma, devemos ajudá-la a relaxar e explicar o que vai acontecer em cada estágio do ministério. Devemos enfatizar que falaremos com o demônio durante a ministração e não com ela, e que sua libertação será realizada por Cristo somente.

Muitos aflitos desejam ardentemente ser livres, e pode-se recomendar que eles resistam ao diabo por si mesmos, clamem pelas promessas de liberdade de Deus e acrescentem 'Amém' às palavras de comando. Também podem ser motivados a resistir à tentação de se submeter a quaisquer reações desnecessárias – tais como gritaria e movimentos corporais extremos ou repetitivos.

Sempre é útil pôr o aflito para ler em voz alta uma história relevante do Novo Testamento ou reafirmar a confiança em uma passagem das Escrituras.

### Confissão e renúncia

Os aflitos às vezes perdem o controle para o demônio durante o tempo de preparação; por exemplo, durante a oração, quando a Bíblia é lida ou quando fazemos menção da cruz ou do nome de Jesus. Se isso acontecer, normalmente é prudente partir direto para as palavras de comando.

Se não houver perda de autocontrole, o aflito deve ser encorajado a confessar os pecados que o Espírito Santo lhe trazer à

mente e a abraçar o poder e liberdade do perdão de Deus. Atos 19:18 enfatiza que as confissões dos crentes quanto às suas práticas demoníacas eram 'detalhadas'. Os que ministram devem anunciar o perdão de Deus e aconselhar a pessoa até que ela perceba seu perdão.

Se for possível nessa ocasião, quaisquer livros, objetos ou roupas que se relacionam às praticas demoníacas confessadas e perdoadas devem ser destruídos. Se não for possível, deve-se estabelecer o objetivo de destruí-los na primeira oportunidade.

A estas alturas as pessoas que estão ministrando devem estar alertas a qualquer coisa que o Espírito Santo possa revelar acerca das circunstâncias que envolvem o estado da pessoa. Pode ser um pecado específico que foi cometido ou um acontecimento traumático exclusivo, ou até mesmo um contato particular com o reino demoníaco por meio de atividade oculta. Às vezes essa informação é essencial para a libertação da pessoa.

#### Palavras de comando

Se um demônio reagir à presença de Cristo ou se estiver claro que um demônio precisa ser expulso, algumas palavras de ordem devem ser verbalizadas. Estas ordens são dadas em nome de Jesus: Devemos deixar claro que é somente Ele que expulsa demônios – as pessoas que ministram são meramente Seus representantes. Isso significa que gestos, palavras, lugares, vestimentas e objetos especiais não têm valor. É por meio de Seu corpo terreno que Cristo confronta a força maligna e nós não podemos fazer nada mais e nem precisamos fazer nada mais, do que estar ali e verbalizar as ordens de Deus em nome de Jesus.

Alguns líderes dão muito valor ao uso da Oração do Senhor ou da Ceia do Senhor ao expulsar demônios. Outros acham que o Espírito Santo precisa de um convite especial. Algumas pessoas até aspergem, simbolicamente, sangue em derredor, enquanto muitas insistem que somente algumas pessoas espe-

ciais deveriam ministrar. As escrituras, entretanto, não ensinam técnicas especiais.

Por causa de erros do passado, algumas igrejas acharam que seria sábio criar alguns regulamentos para o ministério de expulsão de demônios e que estes, claro, deveriam ser respeitados. Porém, qualquer crente que esteja em Cristo e seja ungido com o Espírito Santo pode efetivamente declarar as palavras de comando para expulsar um demônio.

Estas são apenas instruções simples para o ministério de 'expulsão de demônio'; o mais importante é ouvir e obedecer ao Espírito Santo.

O demônio pode ser amarrado ou repreendido com palavras como:

*'Eu repreendo você, espírito maligno, em o nome de Jesus Cristo, nosso Senhor, e pelo poder do Espírito Santo. Eu ordeno que você fique quieto.'*

Os demônios sempre tentam trazer desordem ou confusão, um vácuo mental ou sensação de sonolência. A 'repreensão' impede que isso aconteça, ou faz parar quando já começou. Também evita que o demônio machuque o aflito e afete os ministros.

Pode-se ordenar que o demônio saia dizendo algo como:

*'Eu te ordeno, todo espírito maligno, em o nome de Jesus Cristo, nosso Senhor, e pelo poder do Espírito Santo, sai dessa pessoa que você mantém cativa.'*

Pode ser necessário, como na passagem de Jesus e o endemoninhado de gadareno, repetir estas ordens muitas vezes.

Se a pessoa ainda não estiver no controle de si, pode ser útil ler alguns versículos relevantes, lembrar das promessas de

Deus, clamar para Jesus libertar o aflito e orar em línguas por um tempo breve antes de repetir as duas ordens simples.

Se depois disso ainda não houver melhora, pode ser correto ordenar ao demônio que se renda revelando-se sua natureza. Este é frequentemente o ponto em que os que ministram precisam prestar muita atenção ao que o Espírito está revelando acerca da condição da pessoa. Às vezes a libertação é retardada até que questões básicas sejam expostas e resolvidas. Pode haver necessidade de um arrependimento mais profundo, renúncia dos contatos demoníacos ou a concessão de perdão àqueles que pecaram contra a pessoa que está sendo ministrada.

Uma vez tratadas essas questões, pode ser necessário repetir as ordens de libertação, identificando-se a natureza do demônio. Podemos dizer algo, por exemplo, como:

*‘Em o nome de Jesus Cristo e pelo poder do Espírito Santo, eu te ordeno, espirito maligno que faz essa pessoa machucar a si mesma, saia dela. ’*

Alguns líderes sugerem que deveríamos sempre ordenar aos demônios que não voltem e outros sempre ordenam ao espírito maligno que vá para o inferno ou lago de fogo. Se sentir a necessidade de direcionar o demônio de alguma maneira, provavelmente seja melhor dizer o seguinte:

*‘Eu o entrego a Jesus Cristo para Ele fazer o que achar mais adequado. ’*

### Cuidado posterior

As palavras de Jesus em Lucas 8:39 são o único cuidado posterior mencionado no Novo Testamento em relação ao ministério de libertação. Fazemos bem em repeti-las. A possibilidade mencionada em Lucas 11:24–26, contudo, sugere que os aflitos deveriam receber bons conselhos.



Parece sensato que as pessoas a quem servimos devam ser encorajadas a se voltarem para Cristo e crerem, serem batizadas e receberem o Espírito Santo. Elas devem ser avisadas acerca da certeza dos contra-ataques de Satanás, especialmente nas questões das velhas fraquezas, e devem ser ensinadas a como resistir à tentação e clamar pela proteção de Deus.

Uma vez mais, nós vemos a importância do ministério das células. O discipulado é absolutamente necessário para cada crente, mas em especial para aqueles que estão recebendo ministração para libertação de atividade demoníaca. As células não apenas proporcionam a oportunidade de discipulado constante, mas também oferecem o cuidado pastoral muito necessário e a amizade.

Quando o ministério parece ser ineficaz

Às vezes não nos saímos melhor que os discípulos em Lucas 9:40. Não devemos nos constranger em reconhecer quando nada aconteceu, nem devemos descuidar de investir tempo perguntando a Deus por que fomos ineficientes.

Pode ser que o aflito precise ser levado a um médico, ou que o demônio não tenha sido confrontado por Cristo em nossa vida, e nós mesmos precisemos ser limpos do pecado antes que a pessoa seja liberta.

Seja qual for a razão, devemos continuar amando o aflito, cuidando dele e orando por sua libertação.

Expulsando demônio de um crente

Muitas pessoas perguntam se um cristão pode estar 'possesso'. Já vimos que a palavra 'possesso' é uma tradução inexata de *daimonizomai*. A palavra 'possessão' sugere as ideias de controle e propriedade, ao passo que *daimonizomai* significa 'afligido pelo demônio'.

É claro que alguém que pertence a Cristo não pode estar sob o controle do diabo. Áreas de nossas vidas, contudo, podem es-

tar sob influência demoníaca – mas somente se permitirmos que isso aconteça. Em alguns casos, pode ser necessário que crentes recebam o ministério de libertação que envolve a expulsão de demônio.

Embora o ministério de libertação possa eventualmente ser necessário para ajudar alguns crentes a se tornarem plenamente livres de algumas praticas pecaminosas, o ministério de ‘expulsão de demônio’ não é a solução para hábitos pecaminosos comuns e autoindulgências carnis. Romanos 8:12,13 e Efésios 4:17–32 mostram que estas coisas não podem ser ‘expulsadas’; elas têm de ser ‘colocadas para fora’, ‘mortificadas’, ‘crucificadas’.

Porém, pode ser que um demônio tenha de ser expulso se houver uma dimensão – espiritual ou sobrenatural – para o hábito pecaminoso específico ou condição, e as disciplinas cristãs ‘normais’ de santificação tenham provado ser insuficientes para trazer liberdade.

Alguns líderes argumentam que este ministério de libertação é sempre desnecessário e não bíblico. Eles sustentam que os crentes estão em Cristo e no Espírito, então não pode haver necessidade de se expulsar um demônio.

Efésios 2:1–3 descreve como éramos antes de crermos em Jesus. Estávamos mortos para Deus e vivos para o mundo, a carne e o diabo. Porém, agora estamos vivos para Deus e mortos para o mundo, a carne e o diabo. Estamos assentados com Cristo nas regiões celestiais – estamos libertos.

Porém, nossa posição legal em Cristo não descreve automaticamente nossa experiência presente em Cristo. Há muitas coisas relacionadas a toda a nossa vida que não combinam com nossa posição nas regiões celestiais e a liberdade prática da aflição demoníaca deve ser reivindicada com cada benção que é nossa por direito em Cristo.

Se um crente não se apropria dessa liberdade – ou se ele permite que Satanás ganhe alguma influência sobre sua vida por meio do pecado, indiferença ou desobediência – deve haver possibilidade de que um demônio possa alcançar um nível de aflição a ponto de significar que precisa ser expulso do crente.

Atos 19:10–20; 1 Coríntios 10:14–22; 12:1–3; Gálatas 4:9; 5:19–21; Efésios 4:26–27; Colossenses 2:8; 1 Timóteo 4:1; 2 Timóteo 2:25,26 e 1 Pedro 5:8, todos sugerem que áreas da vida dos crentes podem chegar a graus variáveis de aflição demoníaca.

Devemos defender, contudo, que nenhum demônio, nem mesmo o próprio Satanás, pode jamais ter controle total, absoluto ou final sobre a vida de qualquer crente cristão.

### Proteção

Lucas 10:19 é uma promessa preciosa, porém só tem significado se existirem seres malignos cujo objetivo seja ferir aqueles que estão comprometidos com a missão.

Os Salmos 91; 124 e 125 ensinam que Deus realmente nos mantém seguros, mas é segurança dentro do ataque e não imunidade ao ataque. Efésios 6:17 menciona que Deus provê um capacete de segurança; mas devemos perceber que os capacetes reduzem os efeitos de uma explosão – eles não eliminam a possibilidade delas. Falamos disso com mais detalhes na Parte Sete do volume Oração Eficaz.

Finalmente, devemos entender que o ministério de libertação não depende de o que sabemos sobre demônios, mas se Cristo nos conhece. Depende de crentes fracos, frágeis que sabem que seu Cristo lutou e venceu a batalha decisiva contra Satanás; que sabem que, em união com Cristo, eles podem compartilhar essa vitória e que estão prontos sempre para ministrar, no poder do Espírito Santo, às pessoas que sofrem em sua volta.





Parte Dez

# Falando com Autoridade Profética

Após a cura e libertação, uma terceira maneira de Jesus servir homens e mulheres específicos e ensinar Seus discípulos a servir no Espírito é falando com Sua autoridade profética para anunciar a benção de Deus ou Seu julgamento.

O que é a benção de Deus?

O verbo hebreu para benção é *barak*, e seu substantivo é *berakah*. Seu significado básico é ‘alguém que se ajoelha para dar prosperidade’. O equivalente no Novo Testamento é *eulogeo* que significa ‘falar bem de uma pessoa’.

*Ahere* e *makarios*, as palavras hebraicas e gregas para ‘feliz’, são traduzidas como ‘abençoado’ em algumas Bíblias, mas elas descrevem um resultado de benção em vez de o próprio ato de abençoar.

Podemos definir a benção de Deus como ‘palavras faladas na autoridade do nome de Deus que trazem um benefício tangível, físico, material ou espiritual a um indivíduo, família, nação ou igreja – e que pode continuar de geração a geração’.

## **A bênção de Deus**

Êxodo 20:4–6 apresenta um Deus ciumento que pune até a terceira e quarta gerações, mas que também mostra compaixão aos que O amam – até a milésima geração.

Deuteronômio 7:7–15 expande essa ideia. O julgamento ou maldição de Deus são limitados, mas a bênção é ilimitada. Ele é fiel e verdadeiro. Sua bênção é constante. Deuteronômio 5:8–10; Neemias 9:17–37; Salmos 86:15 e Tiago 1:17,18 revelam o caráter do nosso Deus que abençoa.

A primeira bênção de Deus foi pronunciada ao peixe e aos pássaros em Gênesis 1:21,22. Isso sugere que a essência da bênção de Deus é frutificação e multiplicação – a reprodução física com muitos filhos, e a reprodução espiritual para encher a terra com filhos de Deus.

Deus abençoou a humanidade dessa forma em Gênesis 1:28; 5:2 e 9:1. Este aspecto da bênção de Deus ocorre nas Escrituras e continua hoje. Minha igreja local é abençoada? Ela é frutífera e multiplicadora? É a mesma pergunta. De acordo com as Escrituras, ou nós somos abençoados em nossa multiplicação ou julgados em nossa infrutuosidade.

A história de Abrão ensina muito sobre a bênção de Deus. Gênesis 11:27–12:9 poderia implicar que a bênção poderia ter sido de Terá; mas ele estabeleceu-se em Harã e a bênção sete vezes maior de Gênesis 12:1–3 foi anunciada ao seu filho de 75 anos de idade. Setenta e cinco anos depois, em Gênesis 17:15–22, a bênção se espalhou para Sara e Abraão pede que seja estendida a Ismael também.

Deus concedeu a Ismael as bênçãos físicas de fertilidade, frutificação e multiplicação, mas não o abençoou espiritualmente. No Antigo Testamento, as bênçãos físicas de Deus eram dadas

livremente, porém Suas bênçãos espirituais eram restritas àqueles que Ele escolhia.

Deuteronômio 8:13–15 e 28:1–14 relaciona fertilidade, saúde, vitória, prosperidade, boa reputação, harmonia familiar e sucesso como evidências clássicas da bênção de Deus no Antigo Testamento. Graça comum quer dizer que estas bênçãos se entendiam aos incrédulos, mas eram também recompensas divinas pela obediência à Lei.

Sabemos que, em Cristo, a porta foi aberta para experimentarmos um nível infinito de bênção. Porém, Deus escolhe quais bênçãos físicas específicas Ele dá para uma pessoa ou família. O nível da nossa bênção pode ser determinado pelo grau de nossa obediência, mas o tipo de nossa bênção física é determinado somente pela vontade de Deus.

As bênçãos espirituais, contudo, estão disponíveis livremente em Cristo. Efésios 1:4–14 mostra que as bênçãos espirituais são trazidas ou ativadas pelo Espírito, e relaciona eleição, santidade, viver na presença de Deus, adoção, o dom da graça, liberdade por meio do perdão, revelação e salvação. Os versículos 13 e 14 revelam o próprio Espírito Santo como garantia presente de nossa herança eterna da bênção divina.

Parece que Deus prova aqueles que escolhe abençoar, mas somente para que possa aumentar a bênção deles. Gênesis 22 demonstra a fé de Abraão e também de Isaque. Por causa da fé obediente deles, nos versículos 16 a 18, Deus derramou bênçãos sobre Abraão e no 25:11, sobre Isaque.

Jacó também queria a bênção de Deus, mas – porque fez a coisa da maneira errada – Deus não o abençoou de bom grado. Somente quando Jacó foi humilhado e implorou pela bênção divina, Deus respondeu em Gênesis 32:29: esta menção está em Gênesis 48:4 e se cumpre em Êxodo 1:7. Em Gênesis 39:2–6



e 41:52, a bênção espiritual passou para José e depois para a nação de Israel. Deuteronômio 7:7–16 explica por que os judeus foram escolhidos para essa bênção especial.

Finalmente, a bênção divina estendeu-se dos filhos crentes de Israel e englobou a Igreja de Deus. (Consideramos este aspecto na Parte Seis do volume *Glória na Igreja*.)

### Condições para a bênção divina

A Bíblia oferece três condições para Deus abençoar uma pessoa ou grupo.

#### 1. Devemos estar no lugar que Deus escolheu abençoar

2 Samuel 6:9–11 ilustra isso. Obede-Edom foi abençoado por Deus simplesmente porque ele vivia onde a arca do Senhor foi deixada. 1Crônicas 26:4–8 revela a magnitude de sua bênção!

As bênçãos espirituais de Deus no Antigo Testamento eram restritas àqueles que estavam relacionados à aliança e Sua bênção no Novo Testamento é restrita àqueles que estão na Nova Aliança, aos crentes em Cristo. A bênção de Deus não está disponível àquelas pessoas que não vivem no lugar certo – àquelas pessoas que não estão no Espírito, em Cristo Jesus.

#### 2. A obediência inspirada por fé que tem sua raiz no amor

Deuteronômio 7:7–11; 28:1–14; 30:15–20 e João 14–16 deixa isso claro. João 14–16 combina amor, obediência e bênção, todos culminando na bênção espiritual da promessa do dom do Espírito santo.

#### 3. Tratamento correto do pobre

Deuteronômio 15:4–18 estabelece o elo e Deuteronômio 23:19,20 e 24:14–22 amplia o princípio. Ser apático em relação ao pobre, o desprezado, as viúvas, órfãos e estrangeiros não somente é errado, mas é totalmente contraproducente.

Os versículos de Salmos 41:1,2; Provérbios 11:24–26; Isaías 58:6–12; Lucas 12.33 e 1 Timóteo 6.18,19 sugerem essa condição. Provérbios 22:9; 2 Coríntios 9:6–15 e Mateus 25:31–46 a declaram explicitamente; e Atos 2:45–47 e 6:1–7 mostram-na em ação.

### **O julgamento de Deus**

A Bíblia revela que o Deus vivo se deleita em abençoar até a milésima geração, mas que Ele julgará ou ‘amaldiçoará’ até a terceira geração quando houver uma causa justa. No Antigo Testamento, os julgamentos de Deus sobre os povos e nações eram chamados comumente de ‘maldições’.

Gênesis 3:14,15, 16 e 17,19 registram os três primeiros julgamentos ou maldições de Deus e mostram que Ele não julga sem razão. A serpente foi amaldiçoada porque tentou Eva. A mulher foi amaldiçoada porque havia desobedecido a Deus. E Adão foi amaldiçoado porque deu ouvido à sua esposa e comeu da árvore proibida.

A maldição sobre a serpente opõe a raça humana ao diabo, sugere a vitória definitiva de Deus e fornece o primeiro sinal de salvação. As maldições sobre Adão e Eva são apropriadas às suas funções: A mulher sofre como mãe e esposa, o homem como o provedor de alimento. A morte é adicionada a essas punições no versículo 19 e a perda da intimidade com Deus no versículo 23.

Estas primeiras maldições são permanentes e hereditárias. Romanos 5 compara nossa unidade em Cristo como Salvador com nossa unidade em Adão como pecador. Toda humanidade ainda hoje é afetada por aquelas maldições, e elas vão parar de operar apenas quando chegar o dia de Apocalipse 22:3.

Todos os demais julgamentos ou maldições de Deus se referem diretamente a indivíduos em particular, nações e famílias, e o Antigo Testamento identifica muitas razões importantes pelas quais Deus os amaldiçoa.

### Antissemitismo

Gênesis 12:1–3 identifica o antissemitismo como uma causa importante. Na história, muitas nações que se opuseram aos diferentes grupos de descendentes de Abraão, acabaram não obtendo sucesso no final, apesar da aparente superioridade militar e sucesso inicial.

Gênesis 12:3 usa duas das três palavras hebraicas básicas para o verbo ‘amaldiçoar’. Deus irá *arar* aqueles que *qalal* Abraão.

- *Rar* significa amaldiçoar completamente, de maneira premeditada, com a intenção de causar grande mal. Aparece 54 vezes no Antigo Testamento e normalmente é usada apenas para descrever um julgamento ou maldição da parte de Deus.
- *Qalal* significa maltratar ou vilipendiar de maneira informal, apreciar pouco, fazer um comentário desrespeitoso, desprezar.
- *Qabab* é o terceiro verbo hebreu para ‘amaldiçoar’ que é usado no Antigo Testamento. Significa perfurar, entrar fazendo um furo, execrar, apunhalar alguém com palavras.

Sua transliteração, *kebab*, veio a ser a palavra para a prática demoníaca comum de enfiar um alfinete no boneco ou imagem de uma pessoa para feri-la por intermédio de acidente, doença, desastre ou até morte.

No Antigo Testamento, uma maldição *qabab* é mais fraca que uma maldição *arar*, porém, mais forte que *qalal*.

### Falsas religiões

Deuteronômio 27:15–26 revela razões diversas pelas quais Deus julgou seu povo no Antigo Testamento. A primeira, no versículo 15, foi quando o povo deixou de adorar a Deus para seguir falsos deuses, ou se envolver com religiões falsas ou práticas malignas. Isso não significava que Deus quebrou Sua relação de aliança com aqueles que Ele amaldiçoou. Em vez disso, estas pessoas perderam algumas de suas recompensas celestiais e deixaram

de desfrutar algumas bênçãos de Deus na terra: Em parte, suas vidas terrenas se tornaram miseráveis e difíceis.

### Outras razões

Outras ações que deuteronomio 27 revela como a causa de Deus amaldiçoar Seu povo incluem qalal nossa mãe ou pai. Êxodo 21:17; Levítico 20:9 e Provérbios 20:20 mostram a gravidade disso: Jesus mencionou essas passagens em Marcos 15:4 e 7:10.

Maltratar o próximo, ter uma atitude errada em relação ao desamparado, cometer bestialidade, incesto ou assassinato, envolvimento com práticas malignas ou ocultas – todas essas ações colocaram os filhos de Deus no Antigo Testamento sob Sua *arar*.

### Desobediência

Deuteronomio 27:26 revela a causa fundamental do julgamento de Deus sobre Israel. A bênção e a maldição deles giravam em torno da obediência. Ou eles obedeciam a Deus e eram abençoados ou desobedeciam e eram amaldiçoados. 2 Crônicas 34:22–28; Jeremias 11:1–12; 17:5–8 e 29:16–23 apontam a desobediência como a razão principal para a maldição de Deus.

Jeremias 48:10 mostra que Deus também julgou aqueles que fizeram Sua obra sem entusiasmo.

### Ganância

Josué 6:18; Malaquias 3:6–12 e 2 Pedro 2:14 mostram que a ganância ou avaréza é outra causa importante do julgamento divino. 2 Pedro 2 relaciona as características de falsos mestres que são odiados por Deus e o versículo 14 sugere que ganância está próximo ao topo da lista.

A palavra grega comum para maldição, *katara*, é usada aqui. As distinções entre tipos diferentes de maldições no Antigo Testamento não continuaram, assim, há uma única palavra no Novo

Testamento. Isso coincide com *arar* – o tipo de maldição mais forte do Antigo Testamento.

Fazendo uso impróprio do nome de Deus

Jeremias 29:23; Zacarias 5:1–4 e Malaquias 2:1–9 mostram que fazer uso impróprio do nome santo foi a última razão para Deus julgar Seu povo no Antigo Testamento. Poderia ser também jurar falsamente em nome de Deus ou presumir falar em Seu nome sem Sua ordem direta.

As maldições de Deuteronômio hoje

Muitos líderes sugerem que estas 27 maldições de Deuteronômio ainda se aplicam aos crentes hoje e que Deus nos julga de modo semelhante ao povo de Israel sempre que quebramos a lei de Moisés.

Entretanto, vimos na Parte Cinco do volume *O Governo de Deus* que o cumprimento da Lei por Jesus resultou em uma mudança de era. O princípio central da vida cristã não é dominação pela Lei judaica; é um relacionamento vivo com Jesus. Mateus 28:18–20 mostra que devemos viver por Suas palavras, não pelas exigências da lei do Antigo Testamento.

Isso é enfatizado explicitamente por Gálatas 2:11–3:29, que deixa transparentemente claro que os crentes gentios não são chamados a viver pela Lei. A verdade redentora de Gálatas 3:13 é que ‘Cristo nos redimiou da maldição da Lei... de modo que a bênção de Abraão pudesse vir sobre os gentios em Cristo Jesus’.

Isso significa maravilhosamente que nenhuma das pragas de Deuteronômio se aplica a nós, mas que todas as bênçãos nos estão escancaradas. Isso não quer dizer que Deus nunca nos julga quando pecamos.

1 Coríntios 11:28–32 mostra que muitos dos que estão ‘em Cristo’ se tornaram fracos e doentes, alguns até já dormem, como

punição do Senhor, e o julgamento de Ananias em Atos 5 é muito grave.

Pelo contrário, significa que, em Sua graça, Deus não nos amaldiçoa quando transgredimos a Lei. Em vez disso, Ele nos corrige quando caímos em pecado habitual – essa é sua maneira santa de nos encorajar gentilmente a retornar a Ele.

Embora Deus nos julgue por causa de nosso pecado, nós ainda iremos para o céu quando morreremos. Como Ananias, poderemos chegar ao céu um pouco mais cedo, poderemos perder algumas de nossas recompensas celestiais, poderemos ter um tempo miserável na terra – mas nosso relacionamento de aliança permanece perpétuo. Continuamos sendo os eternos filhos de Deus.

### **A bênção pelos Crentes**

Nas Escrituras, somos chamados a abençoar o nome de Deus e a abençoar outras pessoas em o nome de Deus. Os Salmos são cheios de exortações a abençoar Deus e dão muito conselho prático de como fazer isso.

Salmos 16; 66; 68; 103; 135 e 145 oferecem uma boa base para esse estudo. Aqui, contudo, estamos preocupados com as bênçãos que podemos receber de Deus e podemos ministrar no Espírito a outras pessoas – em vez de o modo que podemos abençoar Deus.

Nós abençoamos as outras pessoas anunciando profeticamente a bênção de Deus. No nome e autoridade de Jesus, no poder do Espírito, no mover do Espírito, nós transmitimos a bênção de Deus: nossas palavras proféticas ungidas e fidedignas trazem um benefício tangível, físico, material ou espiritual para a pessoa ou pessoas que abençoamos.

Mateus 12:36, 37 mostra que nossas palavras realmente importam: podemos ministrar limitação, descrença e infrutuosidade

por meio daquilo que falamos, podemos também ministrar crescimento, fé e frutos por meio de nossas palavras de bênção.

A Bíblia está repleta de exemplos de pessoas abençoando pessoas. Parece que cada uma delas esperava um resultado tangível de sua bênção – elas ficariam espantadas com qualquer sugestão de que estivessem falando palavras vazias ou trocando cumprimentos simbólicos.

- Noé abençoando Sem e Jafé – Gênesis 9:26,27.
- Melquizedeque abençoando Abraão – Gênesis 14:19,20.
- Rebeca sendo abençoada por sua mãe e irmão – Gênesis 24:60.
- Jacó abençoando Faraó – Gênesis 47:10.
- Moisés abençoando os Israelitas – Êxodo 39:43. Josué abençoando Calebe – Josué 14:13.
- Eli abençoando Elcana e Ana – 1 Samuel 2:20,21.
- Davi abençoando Barzilai – 2 Samuel 19:39.
- As pessoas abençoando os voluntários – Neemias 11:2
- Simeão abençoando Maria e José – Lucas 2:34. Jesus abençoando as criancinhas – Marcos 10:16. Jesus abençoando Seus discípulos – Lucas 24:50.

Salmos 115:14,15 mencionam a bênção da fertilidade, e esta foi usada em 1 Samuel 2:20,21 e Gênesis 24:60. É interessante que depois Rebeca teve gêmeos que foram fundadores de grandes nações. Quando proclamamos uma bênção, devemos esperar resultados práticos, semelhantes e diretos.

Em Lucas 10: 5,6, Jesus instruiu os discípulos a abençoar os membros de cada casa em que entrassem enquanto estavam na missão. Não se tratava de um desejo verbalizado; era um dom espiritual que era recebido ou rejeitado. Em João 14: 27, Jesus abençoou os discípulos com a mesma bênção:

Dizer ‘Paz’ a uma família, no poder do Espírito, não é pronunciar uma formalidade vazia, pelo contrário, é ministrar a vinda da

salvação de Deus com todos os seus benefícios afins de plenitude, prosperidade e harmonia. Se a produção de frutos é a essência da bênção de Deus aos homens, a paz é a bênção principal que ministramos uns aos outros.

#### A bênção Araônica

Números 6:22,27 é uma passagem séria sobre ministério de bênção e registra a forma de bênção que Deus dava aos sacerdotes Araônicos. Eles a usavam todos os dias no templo de Jerusalém quando terminavam a responsabilidade sacerdotal de abençoar os filhos de Israel.

Cristo veio, morreu, ressuscitou, ascendeu e batizou a Igreja no Espírito Santo para inaugurar uma nova nação de sacerdotes reais. Essa bênção, outrora restrita aos lábios daqueles que eram da linha de Arão, agora pode ser usada para sempre por todos os que são da linha de sumo sacerdote da ordem de Melquizedeque. Conforme Hebreus 9:11 deixa claro, Jesus Cristo foi o Sumo Sacerdote de todas as bênçãos.

A bênção de Números 6 nos mostra que bênção é uma declaração e não uma oração. Quando abençoamos, nós não estamos pedindo alguma coisa para Deus, em vez disso, estamos ministrando a bênção de Deus diretamente na vida de uma pessoa ou família. Isso significa que podemos abençoar eficazmente somente aqueles que Ele abençoa. Nossas palavras de bênção são aplicadas por Deus somente se tiverem sido iniciadas pelo Espírito.

A bênção Araônica contribui para nosso entendimento da trindade. O nome de Deus, Senhor (lavé), é repetido três vezes e a bênção é dividida em três sub-bênçãos distintas que podem ser, cada uma, identificada com um membro da divindade:

- O Senhor te abençoe e te guarde
- O Senhor faça resplandecer o Seu rosto sobre ti
- O Senhor sobre ti levante o Seu rosto e te dê a paz. A



primeira frase traz a proteção do Pai sobre a pessoa sendo abençoada. O versículo 27 explica o princípio importante de que a ministração de uma benção é invocar o nome de Deus sobre a pessoa sendo abençoada.

Um nome bíblico não é um mero rótulo, ele denota a personalidade real e as características de uma pessoa. Na Bíblia, colocar um nome em uma pessoa significa colocar o respectivo indivíduo sob a influência e proteção do dono daquele nome.

Um tema bíblico importante é que proteção é a função básica do nome de Deus, que a pessoa que tem sobre si o nome de Deus é mantida em segurança por Ele. Vemos isso, por exemplo, em 1 Reis 8:29; Salmos 20; 44:5; 124; Provérbios 18:10 e João 17:11,12.

A segunda frase pode ser identificada com o Filho. É Jesus que fez com que o Pai virasse e sorrisse para nós; é Ele que nos trouxe graça e favor de Deus. Um rosto sorridente é sempre um sinal de prazer e aprovação e essa parte da benção traz um vislumbre de Deus indicando Seu perdão.

A terceira frase pode ser identificada com o Espírito Santo, pois é Ele quem traz paz e a presença permanente de Deus. É no Espírito que Deus revela permanentemente Sua face a nós.

Na benção, nós anunciamos a shalom de Deus – Sua paz de saúde, descanso, segurança, sucesso e prosperidade. É a mesma paz que Jesus ordenou que Seus discípulos anunciassem.

### Imposição de mãos

Parece haver um elo bíblico entre colocar ou impor as mãos sobre a cabeça de uma pessoa e abençoá-la. Em Gênesis 48:13–20, por exemplo, Jacó impôs as mãos sobre as cabeças de seus netos ao abençoá-los, e Jesus fez o mesmo em Mateus 19:13.

Na impossibilidade de impor as mãos em cada pessoa, a prática bíblica parece ter sido levantar as duas mãos em direção às pessoas. Vemos isto, por exemplo, em Levítico 9:22 e Lucas 24:50,51.

A bênção de Jesus a Seus discípulos na Sua ascensão é intensificada em Atos 1:8,9. Parece que Sua bênção, com as mãos levantadas era, em parte, um envio para serviço específico. É mais como a bênção de Moisés e o envio de Josué em Números 27:22,23, e a bênção do povo de Israel e o envio dos Levitas em Números 8:10–17. Os sete diáconos foram abençoados e enviados da mesma forma em Atos 6:6, como foram Saulo e Barnabé em Atos 13:3.

Todas essas ‘bênçãos e envios’ se deram com a imposição de mãos e foram para ‘serviço dinâmico específico’ em vez de ser para ordenação a um cargo ou posição. Essa associação entre envio e bênção é de se esperar. Qualquer pessoa que tenha recebido de Deus uma tarefa difícil de realizar certamente precisa da ajuda das bênçãos de paz, segurança, fertilidade espiritual, plenitude, prosperidade e daí por diante.

1 Timóteo 4:14 e 2 Timóteo 1:6 registram que a bênção e envio de Timóteo para o serviço envolveu a imposição de mãos – e os dois versículos de referem a um dom do Espírito sendo dado simultaneamente.

Como toda bênção é uma prefiguração da bênção do Espírito Santo, deveria se esperar haver uma associação entre bênção, imposição de mãos e o dom e os dons do Espírito Santo de Deus. Vemos isso em Atos 8:17,18 e 19:6. Parece que quando ministramos bênção, três elementos estão envolvidos.

#### 1. A dedicação de uma pessoa a Deus

Impor as mãos em um indivíduo – ou levantar as mãos em di-

reção a uma multidão – representa uma dedicação da pessoa ou povo a Deus. É oferecer a pessoa ao Deus que guia, protege, equipa e fortalece.

A dedicação pela imposição de mãos é vista em Números 8:16; Êxodo 29:10; Levítico 1:4; 4:15; 16:21 e Números 8:12. Nestas passagens, as mãos eram colocadas sobre o animal para dedicá-lo ao seu serviço útil e breve como um sacrifício. Quando impomos as mãos sobre as pessoas na benção, nós as dedicamos a Deus da mesma forma – para uma tarefa específica, como um sacrifício vivo.

## 2. Uma benção de Deus para a pessoa

O segundo elemento é um anúncio da benção de Deus sobre a pessoa. Podemos abençoar somente aqueles que Deus abençoar.

Se estivermos certos de que a pessoa atende às três condições da benção divina, e tivermos certeza de que o Espírito Santo está sugerindo que está prestes a abençoar a pessoa, deve-se fazer a declaração profética – por exemplo, ‘A paz do Senhor esteja com você.’

Quando não temos certeza se a pessoa realmente atende às condições divinas para a benção, é melhor pedir a benção com palavras como: ‘Que a paz do Senhor possa estar com você.’

## 3. A transferência de pessoa para pessoa

Quando se impunham as mãos sobre os animais para dedicá-los ao serviço sacrificial, os pecados das pessoas eram simbolicamente transferidos para eles. Algo paralelo parece ocorrer na benção. Parece que normalmente podemos abençoar somente com uma benção específica que nós mesmos recebemos.

Uma leitura cuidadosa de passagens do Antigo Testamento sugere que seus crentes geralmente abençoavam de modo que a pessoa recebia algo que eles próprios já haviam experimentado,

ainda que somente em parte. Eles, portanto, esperavam ser consumidos de alguma forma, como consequência.

No Novo Testamento, aqueles que receberam a paz de Deus eram os que a ministraram; aqueles que receberam a bênção do Espírito Santo eram os que ajudaram outros a recebê-la, e assim por diante.

A bênção hoje

O ministério de anunciar a bênção de Deus pode ocorrer na maioria dos cultos. Pode-se dar oportunidade para aqueles com uma necessidade especial de paz, plenitude, prosperidade, fertilidade e assim por diante, serem abençoados.

Por exemplo:

- Os líderes, ou mesmo aqueles que experimentaram o aspecto particular da bênção divina que está sendo procurada, devem impor as mãos sobre a pessoa e entregá-la nas mãos de Deus.
- Eles devem clamar o nome revelado de Deus que seja apropriado á necessidade específica – por exemplo, ‘o Deus de toda paz’, ‘o Deus que guia’, ‘o Deus que protege’ e assim por diante, e abençoa-la.
- Os crentes que se engajam em obra específica para Deus durante a semana, podem ser enviados e abençoados para a tarefa.
- Os alunos que retornam à faculdade, mulheres que aconselham vizinhas, pessoas com amigos não cristãos que estão vindo para o jantar, o homem indo orar por um amigo doente, todos estes podem receber a imposição de mãos, a fim de serem dedicados ao serviço e receberem a ajuda do Espírito Santo, a qual necessitam para a tarefa.

Na pior das hipóteses, isso significa que seu serviço é visto como a igreja local em ação, em vez de indivíduos operando inde-

pendentemente. Na melhor das hipóteses, eles ficam muito mais equipados para o serviço eficaz.

Algumas igrejas introduziram o ministério de bênção sem perceber. Elas convidam as pessoas a virem à frente para receber ‘ministério’ e com isso querem dizer que impõem as mãos na cabeça da pessoa e fazem sobre ela uma oração relevante para sua necessidade. Este é praticamente o ministério de bênção. A diferença é que – em vez de oferecer uma oração rápida de petição – nós ouvimos cuidadosamente o Espírito, provamos Seu mover, e pronunciamos sua declaração profética.

É claro que o ministério de bênção não deveria ser restrito às reuniões cristãs. Praticamente todo o material bíblico dedica-se à bênção na conversa particular e ministério pessoal, e precisamos aumentar a experiência e conhecimento nessa área.

Precisamos orar pela sabedoria e direção de Deus antes de abençoarmos. Sempre devemos ser específicos em nossa bênção, conferir-lhe fé, impor as mãos, invocar o nome de Deus e – o mais importante de tudo – falar somente as palavras que o Espírito nos der.

Como todos os diferentes aspectos do ministério que consideramos, se não estiverem ‘no Espírito’, nossas palavras estão fadadas a serem infrutíferas.

### **Maldição demoníaca**

O Antigo Testamento deixa claro que ‘maldição’ pode ser uma prática maligna aplicada por Satanás. Certamente, Jó 3:8 sugere que as maldições podem vir de Leviatã. (Este nome refere-se a um monstro marinho que era usado frequentemente como uma descrição poética de Satanás, por exemplo, Isaías 27:1.)

Amaldiçoar é o oposto de abençoar e podemos dizer que maldições são ‘palavras cruéis, negativas ou destrutivas faladas contra

outra pessoa, ou a si mesmo, com o desejo de causar mal ou dor à pessoa’.

No nível humano mais básico, sabemos que palavras fúteis de fofoca podem ter consequências imprevisíveis e podem ferir a vida das pessoas. Entretanto, há um destruidor maligno que se deleita em fazer valer estas palavras e causar resultados muito mais sérios e abrangentes.

#### Maldições contra si mesmo

É possível amaldiçoar a si próprio e Satanás fazer essa maldição valer. Em Gênesis 27, Rebeca pressionou Jacó a ganhar a bênção de Isaque por trapaça. Quando Jacó protestou que isso o deixaria vulnerável a uma maldição, Rebeca pronunciou as palavras terríveis do versículo 13. A maldição foi validada imediatamente: Jacó teve de deixar sua casa e Rebeca nunca mais viu seu filho de novo.

Há muitas pessoas hoje que amaldiçoaram seus corpos quando eram jovens, então, mais tarde, ficam se perguntando o que terá causado certo problema físico. A maldição geralmente precisa ser tratada antes de a cura poder começar.

Em Mateus 27:24–26, a multidão amaldiçoou a si e a seus filhos. Esta, talvez, seja uma razão por que os judeus, ao longo das eras, tenham achado tão difícil crer em Jesus. Quando se voltam para Jesus, entretanto, eles são imediatamente libertos de todos os efeitos da maldição.

#### Maldições contra subordinados

Uma maldição da parte de alguém que esteja em posição de autoridade também pode ser infligida pelo diabo. Em Gênesis 31:32 Jacó amaldiçoou sua esposa – num curto espaço de tempo Raquel morreu num parto. Em João 19:15–17 os sacerdotes colocaram o povo sob maldição e, durante séculos, os judeus foram de fato governados por uma sucessão de outros ‘Césares’.

Os maridos podem amaldiçoar suas esposas, os pais podem amaldiçoar os filhos e os patrões podem amaldiçoar seus empregados. Um pai grita, por exemplo, 'Você é inútil' – e a criança se torna mais inútil. Um professor berra: 'Você nunca será tão bom quanto seu irmão,' e um aluno com dificuldades fica ainda mais para trás.

Estas maldições são validadas pela autoridade daquele que as pronuncia e, às vezes, são infligidas por um destruidor acirrado. Muito eventualmente, Deus honra as palavras condenatórias de alguém em posição de autoridade – mas somente quando há uma causa justa e Ele próprio está julgando a pessoa. A história da maldição de Jotão em Juízes 9:1–57 é um exemplo disso. Contudo, normalmente se trata de maldições malignas ligadas a Satanás.

A Bíblia contém poucos exemplos de maldições dos servos de Satanás, contudo, sugere um ambiente de maldição. Em Números 22:1–24.25, por exemplo, o povo de Moabe não conseguia derrotar Israel na própria força, então foram até Balaão pedir ajuda e pagaram para ele amaldiçoar Israel. Três vezes o rei de Moabe tentou persuadir Balaão a amaldiçoar os judeus, e cada vez Balaão os abençoava: Ele somente podia amaldiçoar aqueles que Deus estava amaldiçoando. (Este é um uso interessante das palavras hebraicas diferentes para amaldiçoar. Balaão podia somente *qabab* – perfurar – aqueles que Deus *arar* – tinha amaldiçoado totalmente.)

Hoje em dia é comum companhias grandes recorrerem à ajuda demoníaca e, às vezes, a polícia faz o mesmo: Astrólogos, espiritistas e clarividentes são, às vezes, chamados para ajudar nos interrogatórios.

A Igreja está em guerra, e as maldições estão no arsenal do inimigo. Em 1 Samuel 17:43, Golias iniciou a batalha amaldiçoando Davi e o exército espiritual faz o mesmo hoje. Davi sabia como lidar com a maldição. Infelizmente, muitos cristãos modernos não sabem.

### Anunciando o julgamento de Deus

Nas Escrituras, Juízes 5:23 é o único versículo que pede oficialmente a um profeta para ‘amaldiçoar’ alguém, mas os profetas geralmente eram inspirados a anunciar o julgamento de Deus para uma pessoa ou nação. Vemos essa expressão de julgamento nacional por todos os livros proféticos, por exemplo, Amós 1; Naum e Obadias. E vemos palavras pessoais de julgamento profético em passagens como 2 Reis 2:23–25 e Atos 5:7–11.

As palavras de Pedro a Safira são um exemplo claro do princípio de Números 23:8. Nossas palavras de julgamento serão totalmente inúteis a menos que o próprio Deus esteja julgando a pessoa.

Em Atos 5:1–6, Pedro não julgou Ananias. Deus julgou Ananias porque ele mentira em nome de Deus e negara os dons de Deus que lhe haviam sido prometidos. Contudo, quando viu que o julgamento de Deus estava sobre o marido, Pedro percebeu que tinha a autoridade espiritual para anunciar o mesmo julgamento para a esposa de Ananias – caso ela atendesse as mesmas condições.

### O julgamento profético de Paulo

O Novo Testamento descreve dois eventos em que Paulo anunciou o julgamento de Deus para indivíduos específicos.

#### 1. Barjesus, o encantador e falso profeta

Em Atos 13:4–12, um encantador e falso profeta chamado Barjesus tentou impedir que Barnabé e Saulo falassem da Palavra de Deus ao procônsul de Pafos. Saulo fixou os olhos nele e anunciou que ele ficaria cego ‘por um tempo’. Atos 13:9 enfatiza que Paulo foi ‘cheio com o Espírito’ quando fez esta declaração e 13:11 enfatiza que a cegueira foi obra da ‘mão do Senhor’.

É importante entendermos que Paulo não estava criticando duramente alguém que estava simplesmente dando trabalho. O



encantador estava impedindo ativamente o procônsul de ouvir a boa nova acerca de Jesus e por isso era um obstáculo no caminho do reino. Ao opor-se à obra de Deus dessa maneira, Barjesus colocou-se embaixo de Seu julgamento. Trata-se de questões sérias e Deus o julgou.

Quando o encantador foi acometido com cegueira, o procônsul se tornou um crente – porque ficou atônito com o que aprendeu acerca do Senhor. Este ocorrido mostra que falar com a autoridade profética de Deus dessa maneira é um ministério de ‘conquista’ significativo no evangelismo.

## 2. Ananias, o Sumo Sacerdote

Em Atos 23:1–5, quando Paulo começou a falar com o sinédrio, Ananias, o Sumo Sacerdote, ordenou a um servo que ferisse Paulo na boca. Em resposta, Paulo declarou que Deus o feriria.

Parece que Paulo não percebeu que estava falando com o Sumo Sacerdote, já que pediu desculpa ao ser informado disso. A citação de Êxodo 22:28 mostra, porém, que Paulo sabia que estava falando algo como uma maldição divina.

O fato de que Paulo pediu desculpa por quebrar a Lei de Moisés em vez de pedir desculpa por declarar o julgamento de Deus prova que ele acreditava que era possível aos crentes ministrar dessa forma. A história registra que cinco anos depois Ananias foi assassinado ainda em seu ofício – o único Sumo Sacerdote a morrer dessa maneira em toda história judaica.

## Outros exemplos

Há muitos outros exemplos bíblicos que mostram que os servos de Deus às vezes são movidos a falar ou declarar Seu julgamento. Devemos perceber que, em quase todos esses exemplos, as palavras faladas foram uma maldição ou julgamento contra um indivíduo – ou grupo de pessoas – que estava atrapalhando ou se opondo à obra de Deus.

- Noé amaldiçoou Canaã – Gênesis 9:25–27.
- As dez pragas sobre o Egito foram dez julgamentos declarados profeticamente por Moisés e Arão – Êxodo 7–11.
- Os selos, trombetas e as taças das pragas são julgamentos proféticos – Apocalipse 6:8,9 e 15–16.
- Josué amaldiçoou qualquer pessoa que tentasse reconstruir Jericó – Josué 6:26: o resultado, 500 anos mais tarde, é visto em 1 Reis 16:34.
- Salmos 109 provavelmente seja um julgamento profético de Davi para Judas.
- Davi amaldiçoou Joabe e seus descendentes – 2 Samuel 3:26–32.

Os julgamentos verbalizados por Jesus

Marcos 11:12–25 é uma passagem importante sobre declarar o julgamento de Deus com a autoridade profética de Deus. Jesus falou a uma árvore que, tendo folhas, tinha a aparência de ser frutífera, mas na realidade não tinha nenhum fruto e então Ele disse: ‘Nunca mais coma alguém fruto de ti.’

No dia seguinte, a árvore secou desde a raiz e morreu. Os discípulos não mostraram surpresa diante das palavras de Jesus, somente espanto com a rapidez com que elas se concretizaram. Então Jesus os ensinou como ministrar no Espírito com essa autoridade profética e eficácia – exatamente como os ensinara a orar, ministrar cura e expulsar demônios.

Jesus pegou a frase judaica comum ‘mover uma montanha’ e embuiu-lhe de novo poder e aplicação. Esta frase está baseada em Isaías 40:1–5, onde o profeta foi chamado a preparar o caminho do Senhor. Entre outras coisas, Isaías teve de nocautear espiritualmente as montanhas de dificuldade que estavam impedindo a ampla revelação da glória de Deus.

‘O mover de montanhas’ é sugerido em Isaías 2:11–16 e seu equivalente de ‘desarraigamento’ é sugerido em Lamentações 3:65,66. A ideia também aparece em Zacarias 4:7.

Em um nível físico, a frase ‘mover montanhas’ era usada quando um rei queria viajar para partes distantes do reino. Um grupo de homens seria enviado, com uns seis meses de antecedência, para preparar o caminho para o grupo do rei. Estes homens arrumariam as pontes, reparariam as rotas, tirariam árvores e fariam tudo que podiam para ‘mover montanhas’, a fim de possibilitar a jornada tranquila e a chegada rápida do monarca.

Jesus pegou a ideia do mover montanhas espirituais de Isaías e a desenvolveu em três passagens paralelas: Mateus 17:20; Marcos 11:22–24 e Lucas 17:5,6. Estas passagens mostram que, para os discípulos de Cristo, falar com Sua autoridade profética significa lidar com obstáculos que estão impedindo que a glória de Deus seja vista, que a vontade de Deus seja feita e que o governo de Deus seja estabelecido.

Precisamos entender Marcos 11:22 corretamente. A maioria das traduções inglesas sugere que Jesus disse: ‘Tenha fé em Deus’. Porém, ‘Tenha a fé de Deus’ provavelmente seja uma tradução melhor. Poderíamos até mesmo dizer: ‘Ter fé na fé de Deus’. Tratamos este assunto na Parte cinco do volume *A Fé Viva*.

A fé de Deus é absoluta. Ele é totalmente autoconfiante. Ele sabe que pode alcançar o que quiser fazer. ‘Mover montanha’ e ‘remover árvore’ não são um problema para o Deus Todo-Poderoso. Quando temos um grãozinho da fé de Deus em nós – ou quando confiamos em Sua fé – torna-se muito mais simples falar com a autoridade de Cristo em julgamento contra uma pessoa ou situação que esteja impedindo ou resistindo à vontade de Deus.

Mateus 17:20 e Lucas 17:5,6 mostram que nós não precisamos de muita fé para mover montanhas ou desarraigar obstáculos, apenas a fé mesmo. É qualidade que conta, não quantidade. Por si só, nossa fé não pode alcançar nada – é Deus que

move as montanhas. Nossa fé apenas nos envolve no grande poder de Deus. Este ponto será examinado com mais detalhe na série *Espada do Espírito*, volume *A Fé Viva*.

Parece haver cinco estágios no falar com a autoridade de Deus contra um obstáculo espiritual ou barreira.

### 1. Conhecendo a Vontade de Deus

Jamais devemos esquecer o princípio de Balaão, de que não podemos abençoar aqueles que Deus não abençoa e que não podemos amaldiçoar aqueles que Deus não amaldiçoa.

Isso significa que devemos passar tempo ouvindo o Espírito, a fim de receber Sua identificação de quaisquer obstáculos que estejam impedindo que a glória de Deus seja vista ou que Sua vontade seja feita – e que Ele quer que falemos contra. Precisamos aprender com o Espírito, quais fatores, pessoas e atitudes estão impedindo o crescimento da obra de Deus.

Mateus, Marcos e Lucas sugerem, cada um, um obstáculo nas passagens paralelas sobre o mover montanhas espiritual.

- Mateus sugere que a dificuldade em expulsar demônios pode exigir esse ministério.
- Marcos insinua que relacionamentos pessoais, especialmente aqueles em que há falta de perdão, podem ser uma ‘montanha’ a ser ‘movida’. Ele também identifica a necessidade de os ministros andarem em perdão.
- Lucas também sugere que as raízes teimosas da falta de perdão precisam ser desarraigadas.

### 2. Verbalizando a ordem de Deus

Estes versículos não dizem: ‘Quem quer que seja que ore por mim, mas, ‘Qualquer um que disser a este monte.’ Este ministério não é uma oração ao Pai, é uma ordem falada à pessoa ou situação.

Na prática, não é diferente dos outros exemplos que vimos de falar, no poder do Espírito, a olhos, membros, demônios e febres, e ordenar que se movam ‘em o nome de Jesus’.

Por enquanto, deveríamos ter entendido que este é um princípio chave de todo ministério no Espírito. Nós sempre clamamos a Deus: ‘Faça algo’, mas o Espírito geralmente sopra em resposta: ‘Não, você faz – no meu poder e no ‘nome santo de Jesus’. Devemos sempre nos lembrar de que Deus está nos chamando a uma parceria sincera no ministério com o Espírito. Ele depende de nossas palavras e ações obedientes e nós contamos com Seu mover e poder.

### 3. Recebendo a fé de Deus

A fé caseira é insuficiente para esse ministério. Precisamos da confiança dada por Deus de que nossas palavras serão eficazes. Paulo sabia que Elimas ficaria temporariamente cego. Pedro tinha certeza que Safira cairia morta.

O dom de sua fé dado pelo Espírito Santo, mencionado em 1 Coríntios 12:9, é muito importante para esse ministério. Nós vimos que todo ministério no Espírito tem como principal razão ministrar os dons do Espírito, e que os dons são aspectos da própria natureza do Espírito. Quando o Espírito Santo nos dá o dom espiritual de um pouco de Sua fé para nos ajudar no ministério, nós realmente temos a fé que Jesus diz que precisamos em Marcos 11:22. Isso significa que nossas palavras são carregadas de autoridade profética pelo poder do Espírito Santo.

Quando o Espírito nos dá o dom da fé de Deus, devemos aceitar o evento como já tendo sido realizado. Crer desse modo não é ter uma esperança débil de que algo poderia ou irá acontecer; por exemplo, ‘Eu acho (mas eu não estou certa de fato) que Safira morrerá hoje.’ Em vez disso, crer é saber com certeza, por exemplo: ‘Eu creio (Deus prometeu – e o corpo de Ananias está estendido ali) que Safira morrerá hoje’.

#### 4. Continuando a ordenar

As palavras gregas usadas em Marcos 11:23,24 significam que devemos ‘continuar dizendo’ para a montanha, ‘Levanta-te e lança-te ao mar.’ Não é um comando para uma só vez. Devemos continuar anunciando o julgamento de Deus ou ordem para um obstáculo específico até que ele seja tratado. Isso inclui paciência considerável e persistência espiritual.

#### 5. Buscando um resultado visível

A construção das frases ‘assim será feito’ e ‘se moverá’, enfatiza a certeza do cumprimento. Lucas usou uma palavra grega que se referia a um tempo anterior à ordem, por exemplo, ‘teria obedecido’ e isso destaca o fato de que deve haver uma consequência visível às nossas palavras ungidas.

### **Ministrando a pessoas que foram amaldiçoadas**

Vimos que as maldições de Deuteronômio 27 não se aplicam aos crentes. E Gálatas 3:13 mostra que uma parte essencial do Evangelho são as ‘boas novas’ de que Cristo nos redimiu da maldição da Lei, de modo que podemos desfrutar as bênçãos de Abraão.

Entretanto, devemos reconhecer a futilidade de se orar por um doente quando este está acometido por uma maldição. Após a maldição de Davi em 2 Samuel 3:26–32, por exemplo, seria perda de tempo orar para algum dos descendentes de Joabe ser curado de uma chaga supurante! Eles devem ser libertos da maldição antes de receberem ministração de cura.

Também examinamos exemplos que mostram que, embora Deus não nos amaldiçoe sempre que violamos algum aspecto da Lei do Antigo Testamento, Ele julga alguns crentes que se envolveram em pecado habitual – mas apenas para trazê-los de volta a Ele em amor.

A correção amorosa de Deus

Deuteronômio 28:15–68 oferece uma lista das maneiras terríveis

que Deus amaldiçoou as pessoas de Israel quando elas violaram a Lei de Moisés. Essas maldições não se aplicam automaticamente aos crentes cristãos; entretanto, elas nos apontam as maneiras que Deus pode, às vezes, corrigir um crente.

Há seis elementos básicos para Deuteronômio 28.

- Doença mental e física – versículos 21, 22, 27,28, 34 e 35
- Fracasso em todo esforço e competência – versículos 25, 30 e 49
- Pobreza inevitável – versículos 17, 18, 30, 31, 38 e 48
- Divisão e ruptura – versículos 30, 32 e 54
- Depressão, problemas de insônia e medos dominadores – versículos 65–67
- Um senso de humilhação nos olhos de homens e mulheres e de desfavor perpétuo da parte de Deus – versículos 25, 37 e 68.

Quando estamos ministrando a um crente que parece estar experimentando muitos dos elementos de correção de Deuteronômio 28, precisamos definir se Deus está por trás dos problemas.

Não devemos cair na armadilha de achar que toda dificuldade é resultado do pecado – em Cristo nós fomos libertos deste tipo de pensamento. Algumas de nossas dificuldades são consequência natural de viver em um mundo caído que ainda está sob o governo do diabo. Outras dificuldades ocorrem quando nos opomos e resistimos ao diabo e tentamos estabelecer o governo justo de Deus no mundo. Não são poucas as dificuldades resultantes de nossas tolices, fraquezas e reações carnisais. Eventualmente, porém, a dificuldade pode ser uma correção da parte de Deus. Precisamos claramente do discernimento e revelação do Espírito para reconhecer a verdadeira causa em cada situação.

Libertação da correção de Deus

Daniel 9:1–19 é uma passagem séria. Quando Daniel reconheceu que o povo de Israel estava sob o julgamento de Deus, ele se arre-

pendeu pessoalmente – com oração e jejum – pelos próprios pecados e confessou simbolicamente pelos pecados de seus ancestrais. Ele não confessou apenas os pecados que havia cometido, mas também os pecados que foram cometidos por sua família e nação.

Daniel lutou em oração com Deus, intercedendo para que Sua misericórdia fosse revelada, intercedendo por benção e para que o Senhor agisse sem demora. A única forma de libertação do julgamento de Deus é por meio de confissão e arrependimento – com uma promessa firme de obediência futura – e por meio de súplica pela misericórdia de Deus. Também vemos isso em Esdras 9.

Como representantes de seu povo diante de Deus, Daniel e Esdras confessaram pecados que eles não tinham cometido. Famílias e igrejas que estão sob o julgamento de Deus por cair em pecado no passado precisam confessar de maneira simbólica semelhante, a fim de possibilitar qualquer suspensão da correção de Deus. Contudo, é importante perceber que Daniel e Esdras não se arrependeram e, na verdade, nem poderiam, pelos pecados de outras pessoas. A confissão simbólica não inclui arrependimento simbólico. Ninguém pode se arrepender pelos pecados de outras pessoas. Porém, a confissão simbólica pode (como os exemplos de Daniel e Esdras sugerem) ter um efeito para Deus. Ela pode levar a um derramar de misericórdia e graça em que Deus traz arrependimento sobre um povo ou um indivíduo.

Qualquer crente ou grupo que esteja debaixo do julgamento de Deus pode somente lançar-se na Sua misericórdia e graça: Não há libertação automática. Não devemos esquecer, porém, que Deus é rápido em abençoar todos os que vêm a Ele em arrependimento sincero. Se Deus é cheio de misericórdia, é misericordioso, isso deve significar que Sua misericórdia é infinita.

Maldições impostas demoniacamente

A Bíblia nunca descreve especificamente as consequências de maldições impostas por Satanás. As sugestões a seguir, portanto,



são baseadas na experiência e não nas Escrituras e não se deve conferir-lhes grande autoridade.

Essas ‘evidências de uma maldição demoníaca’ devem ser procuradas em vários membros de uma família ou grupo – talvez entre diversas gerações – em vez de em um único indivíduo. E devemos procurar muito mais que a simples existência de alguma evidência. Há normalmente um histórico constante de diversas evidências e um padrão amplo de evidências que vão além de uma única pessoa.

Podemos ver, por exemplo:

- Uma historia de muitas tentativas repetidas de suicídio em diversas gerações
- Abortos repetidos, dificuldades na menstruação ou menopausa; outros problemas
- Repetição de doenças agudas, tanto físicas quanto mentais, especialmente quando não há diagnóstico médico claro; a cura está quase sempre para ocorrer, mas há provavelmente um histórico de frustrações repetidas, de muitas curas prometidas que não aconteceram
- Estadias frequentes em hospitais psiquiátricos; senilidade prematura em muitas gerações; uma série de colapsos nervosos em uma família
- Uma taxa altamente improvável de acidentes
- Um histórico familiar de colapsos nervosos, alienação, porfias, falta de perdão e discórdia
- Uma família possui, no papel, uma renda ampla, mas nunca tem dinheiro suficiente para sustento próprio e está continuamente em dívida e dificuldade; na teoria, esta família deveria prosperar, porém, está sempre sofrendo uma considerável adversidade material.

Devemos buscar diversas evidências como estas antes de considerar a possibilidade da existência de maldição imposta por de-

mônio. Às vezes ela será evidente – mas geralmente é preciso se fazer perguntas cuidadosas, as respostas precisam ser checadas, é preciso buscar o conselho de colegas e então a sabedoria e conhecimento do Espírito Santo devem ser recebidos antes que possamos prosseguir com o ministério de libertar uma pessoa de uma maldição.

#### Libertando uma pessoa amaldiçoada

O primeiro estágio na ajuda a uma pessoa amaldiçoada é definir se ela está amaldiçoada. Às vezes o aflito terá ouvido que está sendo amaldiçoado; outras vezes a experiência sugerirá que trata-se de uma possibilidade. Nós sempre precisamos da revelação do Espírito, especialmente Seu dom de ‘discernir espíritos’, para ter certeza de que há um demônio por trás das dificuldades.

Se nós mesmos estamos amaldiçoados (e, como os cristãos confrontam cada vez mais as forças das trevas, é provável que isso ocorra com maior frequência), as Escrituras deixam claro a ação correta. É para rebater a maldição com benção.

Davi pode ter rebatido a maldição de Golias com uma mais forte, mas esta é a única exceção: Em todos os outros textos o princípio é claro. Juízes 17:1–3; Salmos 109:28; Lucas 6:28; Romanos 12:14,21 e 1 Coríntios 4:12 enfatizam que os filhos de Deus vencem uma maldição com uma benção.

As sugestões a seguir são instruções para a libertação de uma pessoa, família ou igreja que esteja sob maldição imposta por demônio.

Antes de iniciar, devemos ajudar a pessoa a ‘mudar’ do lugar onde está a maldição para o lugar onde possa estar protegida e receber a benção de Deus. A única base para essa mudança é a morte expiatória de Cristo.

A menos que estejam ‘em Cristo’ e tenham clamado conscientemente, por fé, pelos benefícios da cruz, as pessoas não

podem ser libertadas de uma maldição. O ministério pode começar somente quando a pessoa estiver em Cristo e em comunhão séria com a igreja local. Então se deve ajudar a pessoa a passar por esses estágios de libertação.

- Deve haver um arrependimento pessoal verdadeiro, talvez durante um período de tempo, pela causa da maldição. A Bíblia, em Provérbios 26:2, diz que uma maldição não pode vir sem uma causa. Isso pode envolver confissão simbólica pelos pecados de outras pessoas na família ou grupo. E se for o caso de não haver ‘causa’ para a maldição, então há grande confiança para se orar a oração de libertação.
- Deve-se seguir uma confissão de fé em Cristo que defina que a pessoa aflita está confiando somente na obra de Cristo na cruz para ser transferida do lugar de maldição para o lugar de benção.
- Deve-se estabelecer uma base bíblica clara para a libertação. Algumas das promessas bíblicas devem ser reivindicadas: por exemplo, Isaías 14.12–19; Ezequiel 28:17–19; João 12:31; Gálatas 3:13,14; Efésios 1:7; Colossenses 1:12–14; 1 João 3:8; Apocalipse 18 e Lucas 10:17–19.
- Qualquer contato com o diabo feito pela pessoa aflita ou por seus amigos próximos e família, deve ser renunciado e revogado.
- Todas as pessoas envolvidas devem ser perdoadas, principalmente a pessoa que proferiu a maldição e a que causou a maldição.
- A libertação deve ser declarada por uma pessoa que esteja em posição de autoridade espiritual em relação à pessoa aflita: por exemplo, o pai, marido, líder ou ministro.
- Esta pessoa deve dirigir-se ao espírito maligno que está impondo a maldição e proibi-lo, em o nome de Jesus, de trazer qualquer mal ou dano à pessoa ou família. Deve-se dizer ao demônio que agora a pessoa está protegida pelo nome de Deus e que – pela obra de Cristo consumada na cruz – a maldição maligna deve ser substituída pela benção divina.

- Deve-se então impor as mãos sobre a pessoa aflita e declarar a benção. Se a pessoa não tiver sido cheia com o Espírito Santo, deve-se buscar essa benção.



Parte Onze

# O Ministério de Aconselhamento

Vimos o modo que Jesus servia ou ministrava a pessoas por meio de cura, libertação e benção. Precisamos reconhecer também que Ele lhes ministrava por meio de aconselhamento e recomendações. Embora registrem que grande parte do ensinamento de Jesus era direcionado geralmente a grupos pequenos e grandes multidões, os Evangelhos também descrevem muitos encontros de aconselhamento com pessoas específicas. Na verdade, Ele foi o maravilhoso conselheiro de Isaías 9:6.

Embora aconselhamento seja uma parte importante do Ministério no Espírito, ele se difere em dois aspectos importantes dos outros tipos de ministério que analisamos.

- A cura, libertação e benção têm o objetivo de atender as necessidades das próprias pessoas. Entre outras coisas, o aconselhamento oferece o conselho e direção de Deus; ele transmite o curso de ação recomendado por Deus, para que as pessoas sigam.
- A cura e libertação causam uma transformação imediata; o aconselhamento estabelece um realinhamento de longo prazo com a vontade de Deus.

Algumas pessoas supõem que o aconselhamento ocorre toda vez que os crentes dão conselho. Porém, o verdadeiro ministério de aconselhamento ocorre somente quando um seguidor de Jesus transmite a vontade e propósito de Deus, pois aconselhamento é uma conversa entre Deus, o ministro e a pessoa que está sendo ajudada.

Embora o 'aconselhamento' seja, por si só, um elemento importante do ministério, ele é também o cuidado contínuo que vem após a libertação e cura.

Como temos visto, raramente é apropriado orar somente pela cura ou libertação de uma pessoa e depois deixá-la e passar rapidamente à pessoa seguinte. Também devemos perguntar a Deus o que Ele quer dizer à pessoa, se esta se beneficiaria com o aconselhamento divino e o que deveria ser feito em seguida para se obter progresso espiritual.

#### Aconselhamento e Discipulado

Na Parte Três vimos que todo ministério no Espírito depende de discipulado, e que precisamos 'aprender' com Cristo e seguir Seu exemplo em tudo. Colocado de maneira simples, o aconselhamento é discipular; é ajudar uma pessoa a aprender sobre Cristo e seguir Seu exemplo em vez de as próprias ideias.

Vimos também que o ministério no Espírito depende de nossa capacidade de ouvi-Lo e de provar e reconhecer Suas sugestões. Embora seja uma verdade para todo ministério, para o aconselhamento isso é de especial importância.

Se seguirmos nossos próprios pensamentos e ideias quando tentamos ministrar cura a uma pessoa, ela pode não ser ajudada e curada, mas é improvável que haja resultados negativos em longo prazo. Porém, se transmitimos nossas opiniões durante o aconselhamento, estamos estabelecendo um realinhamento de longo prazo da vida da pessoa com a nossa

vida, em vez de ser com a vontade de Deus – e isso pode ter consequências graves.

Todo o material que analisamos nessa seção baseia-se totalmente na Parte Três, e deveria ser estudado em paralelo àquela seção. Na verdade, provavelmente seja aconselhável reler a Parte Três antes de prosseguir.

#### O aconselhamento e a Palavra

O aconselhamento cristão usa as Escrituras como manual fidedigno e suficiente de Deus para a vida e o viver. A Bíblia fornece ao conselheiro tudo que ele precisa saber sobre seu relacionamento com Deus e com o próximo, conforme revelam os versículos: 2 Pedro 1:3,4, 16–21; 2 Timóteo 3:14–17 e Deuteronômio 29:29.

#### O Aconselhamento e o Espírito

Vimos que os profetas eram os conselheiros do Antigo Testamento – 2 Crônicas 25:5–16 e Jeremias 38:14–28 ilustram essa associação. Podemos pensar em profecia como ‘a transmissão da palavra de Deus e aconselhamento como ‘a transmissão da sabedoria de Deus’. Qualquer judeu do Antigo Testamento era capaz de dar conselho sensato, porém somente os profetas podiam transmitir a sabedoria de Deus.

Como sabemos, em Pentecostes, o profetizar, aconselhar, curar – todo ministério no Espírito – parou de ser a prerrogativa de algumas pessoas especiais. Agora qualquer crente que foi ungido com o Espírito pode falar as palavras de Deus, pode ministrar no Espírito e pode aconselhar.

O aconselhamento cristão é impossível sem o Espírito Santo. Cristo prometeu a Seus discípulos a presença do Espírito Santo (o *Parakletos*), ‘aquele que é chamado a estar ao lado para auxiliar’. O Espírito Santo como o Ajudador ou Conselheiro apresenta as mudanças que Deus deseja na vida de um cristão.



O conselheiro deve contar com essa dinâmica para a mudança em cada estágio do processo de aconselhamento.

Toda mudança que não é motivada pelo Espírito Santo e realizada por Seu poder não é cristã e é essencialmente desagradável a Deus.

O objetivo do aconselhamento cristão é ver o aconselhado livre das escravidões, práticas pecaminosas e pensamento incorreto, de modo que ele ou ela cresça no fruto e dons do Espírito Santo.

#### Aconselhamento e conselho

Devemos diferenciar um conselho bom do conselho de Deus. Duas palavras gregas representam essas ideias. *Boule* é mais bem traduzido como ‘conselho no sentido de advertência’ e significa ‘uma declaração da vontade de Deus’, enquanto *gnome* significa ‘conselho no sentido de recomendação’ e refere-se a opiniões baseadas na razão, experiência e conhecimento.

Em 1 Coríntios 7:25, Paulo ofereceu *gnome*, enquanto em 1 Coríntios 14.37 ele declarou *boule*, muito embora a palavra *boule* não seja usada. A diferença entre as duas é clara: Na última, Paulo sabia que havia uma ordem clara no ensinamento de Cristo que era relevante para cada situação; mas na primeira, ele estava transmitindo seu juízo apostólico acerca da situação em Corinto. Podemos dizer que o conselho de Paulo em 1 Co 7:25-40 foi *gnome* para ele, embora devesse ser recebido como *boule* em Corinto por causa de seu ofício apostólico.

Isso não significa que a experiência humana e bom senso devem ser desconsiderados, mas simplesmente que precisam ser complementados por uma ordem clara da Palavra - de Jesus ou da Bíblia. Nossa experiência pode nos ajudar saber ‘como’ aconselhar, mas somente o Espírito Santo pode nos dizer ‘o que’ falar.

Assim como a ideia básica de ‘dar conselho’ encontrada no uso de *boule* no Novo Testamento, e seu equivalente hebraico *etsah*,

há outras palavras fundamentalmente importantes que são relevantes para o processo de aconselhamento.

#### ‘Consolar e exortar’

- *Parakaleo* – ‘chamado para perto para dar ajuda’, ‘encorajar’, ‘consolar’, ‘exortar’ – por exemplo, Romanos 12:1; 2 Coríntios 1:4,6; Efésios 6:22; Filipenses 4:2 e 1 Tessalonicenses 4:18.
- *Paramutheomai* – ‘encorajar’, ‘consolar com palavras’ – João 11:19, 31, 1 Tessalonicenses 2:11 e 5:14.

#### ‘Admoestar e avisar’

- *Noutheteo* – ‘pôr em mente’, ‘avisar’, ‘estimular’, ‘encorajar positivamente’ – Atos 20:31; Romanos 15:14; 1 Coríntios 4:14; Colossenses 1:28; 3:16; 1 Tessalonicenses 5:12, 14 e 2 Tessalonicenses 3:15. Na versão grega do Antigo Testamento está registrado que Eli deu bronca em seus filhos, 1 Samuel 2:24, mas falhou em admoestá-los, 1 Samuel 3:13.

#### ‘Corrigir e restaurar’

- *Elegcho* – ‘culpar’, ‘reprovar’, ‘repreender’ – João 16:8; 2 Timóteo 4:2; Tito 2:15 e Apocalipse 3:19. Não se deve confundir isso com *epitimao* que significa simplesmente ‘repreender’ (*epitimao* pode ser imerecido, Mateus 16:22, ou pode ser ineficaz, Lucas 23:40, mas *elegcho* implica repreender o que traz condenação, João 8:46).

#### ‘Equipar e tornar apto’

- *Katartizo* – ‘adaptar’, ‘emendar’, ‘reparar’, ‘restaurar’ – Gálatas 6:1. *Katartizo* é usado para consertar redes em Mateus 4:21 e Marcos 1:19.

#### ‘Instruir e ensinar’

- *Paraggello* – ‘dar ordem’, ‘ordenar’, ‘mandar’ – Marcos 6:8; Lucas 8:29; 9:21; Atos 5:28; 2 Tessalonicenses 3:4,6, 10 e 12. *Didasko* – ‘ensinar’, ‘dar instrução’ – Mateus 4:23; 9:35; Romanos 12:7; 1 Coríntios 4:17; 1 Timóteo 2:12 e 4:11

## Orientações para Aconselhamento

Este estudo breve da palavra sugere instruções básicas para aconselhamento, conforme segue. Ele nos aponta para a direção correta e nos ajuda a ver como o aconselhamento está relacionado a outros elementos do Ministério no Espírito.

### 1. Pergunte a Deus

2 Samuel 16:20–17.23 conta a história de *Aitofel*. A descrição que ele faz em 2 Sm16:23 deve ser o objetivo de todo cristão. Devemos receber o conselho que damos por meio de indagação a Deus, em oração e estudando a Palavra.

### 2. Lembre-se de encorajar tanto quanto de corrigir

A necessidade de ‘dar conselho’ pode ser uma armadilha para o conselheiro, o qual pode esquecer-se de ouvir as necessidades das pessoas e de se solidarizar com elas. Somente se deve dar conselho com sensibilidade, quando a pessoa pede e quando está pronta a ouvi-lo. É fácil ser julgador e aplicar as Escrituras de modo inadequado, enérgico e superficial. Isso não é exatamente o aconselhamento com o Espírito ou a Mente de Cristo.

### 3. Não obscureça a vontade de Deus

Haverá ocasiões em que não teremos certeza da ordem clara de Cristo. Nestas situações, devemos deixar claro que nossas palavras são apenas nossa opinião: Não devemos desejar a repressão divina de Jó 38:2.

O fato de Paulo admitir em 1 Coríntios 13:9 que o dom de profecia era insatisfatório, sugere que deveríamos exercitar alguma ‘hesitação santa’ quando aconselhamos. Por exemplo, ‘Eu acho que isso é o que Deus está sugerindo’ provavelmente seja melhor que ‘Isso é o que Deus diz que você deve fazer.’

É claro que quando as Escrituras se relacionam diretamente à situação da pessoa, devemos sempre enfatizar que a Palavra de Deus deve ser obedecida. Porém, quando nosso conselho é

profético, devemos lembrar as pessoas de que nossas palavras devem ser provadas cuidadosamente e recebidas com cautela.

4. Lembre-se de que o conselho de Deus pode ser rejeitado  
João Batista foi o conselheiro indicado e ungido por Deus em Lucas 7:29,30. O conselho que ele recebera de Deus e passou a seus ouvintes foi de que estes deveriam se arrepender e ser batizados, mas tal conselho foi rejeitado pelos Fariseus.

Em toda a Bíblia, os profetas foram rejeitados – até Jesus foi preso e crucificado como um falso profeta. Os crentes que seguem nesses passos ungidos provavelmente vão enfrentar rejeição semelhante.

5. Quando for rejeitado, não se deprima  
Se nosso conselho for ignorado, não devemos repetir o erro de Aitofel em 2 Samuel 17:1–23 – após o conselho de Husai, o arquita, ter sido seguido em detrimento do dele.

A rejeição não é uma desculpa para depressão, é uma oportunidade para se sentir como Deus se sente e compartilhar os sofrimentos de Cristo. Devemos ministrar somente porque Deus nos move, não porque as pessoas ouvem o que dizemos.

6. Não acrescente ideias  
Em Números 22:2–24,25, Balaque pressiona Balaão a amaldiçoar os israelitas. Porém, Balaão permaneceu firme e em 22:8, 18, 38; 23:12 e 24:13, deixou claro que tinha de limitar seu conselho ao que quer que fosse que Deus dissesse.

Sempre há tentações para se acrescentar à revelação de Deus ou alterá-la. Deve-se resistir a elas. Devemos falar somente o que Deus sugere, e não adicionar ideias próprias.

7. Não recue  
Em Atos 20:27, Paulo disse que ele nunca deixou de anunciar

todo o conselho de Deus. *Hupostello* é um verbo naval grego que significa ‘afrouxar a vela’ e uma tradução melhor seria ‘relaxar’ ou ‘recuar’.

Paulo sempre falava com ‘temor e tremor’, contudo ele não recuava em declarar o *boule* de Deus. Quando estivermos ministrando, às vezes pensaremos: ‘Eu jamais poderia dizer isso’. Não devemos recuar: Se for a palavra de Deus, ela deve ser passada adiante – com a autoridade espiritual ungida de profeta e a humildade natural de servo doméstico.

## 8. Esclareça

Hebreus 6:17 mostra que Deus usou um juramento porque queria que Seu conselho fosse seguro e claro. Jesus usou parábolas do dia-a-dia para tornar seu ensinamento simples e memorável. E devemos pedir que Deus nos ajude a sermos semelhantemente criativos em nosso aconselhamento.

Embora sejamos chamados a repetir o conselho do Espírito, temos de usar nossa personalidade, nossas palavras, ilustrações, exemplos e analogias. Nosso ministério será ineficaz se a pessoa entender o conselho de Deus de uma forma diferente da nossa.

Quando aconselharmos, devemos ser claros e simples em tudo que dissermos para garantir que não haja confusão acerca da sabedoria de Deus.

## 9. Haverá consequências diversas

O conselho de Deus almeja diversos resultados diferentes. Vemos isso, por exemplo, em Atos 2:23; Isaías 23:8,9 e Salmos 32:8-11.

Isso quer dizer que não podemos escolher passar adiante somente um aspecto da sabedoria de Deus. Por exemplo, aconselhar não é repreender as pessoas quando elas erram, é indicá-lhes gentilmente o caminho de Deus para a vida.

10. Deve haver resultados precisos  
Isaías 14:24, 27; 46:10,11 e Efésios 1:11 deixam claro que as palavras de Deus devem ter resultados precisos.

A vontade e propósito de Deus são poderosos, e na hora certa tudo se conformará ao Seu *boule*. Contudo, quando ministramos aconselhando no Espírito, geralmente estamos apenas ‘plantando sementes’ para o futuro. É um erro, portanto, julgar pelos resultados imediatos. Não devemos nos esquecer de que mais tarde o Espírito lembrará as pessoas de nossas palavras.

### **O divino conselheiro**

Como todo aspecto do Ministério no Espírito, podemos aconselhar somente compartilhando com o Pai, o Filho e o Espírito em Sua obra. Aconselhamento não é algo que devemos realizar independente de Deus – apenas com uma oração rápida para direcionamento.

Como todo ministério no Espírito, o aconselhamento é uma obra iniciada por Deus e compartilhada com Deus. Isso quer dizer que deveríamos olhar para as Escrituras e examinar as atividades de aconselhamento de Deus, a fim de aprender a respeito de Sua obra.

#### **O Pai**

Isaías 28:29 e Jó 12:13 apresentam o Pai como um conselheiro sábio e maravilhoso; e Gênesis 26:24; Números 22:20; 1 Samuel 3; 15:16; 1 Reis 19; 2 Crônicas 1:7; 7:12; Daniel 7; Atos 16:9 e 18:9 descrevem Seu ministério a homens e mulheres específicos.

Gênesis 16:13; 1 Samuel 2:3 e Jeremias 32:18–20 mostram que Deus vê e sabe de tudo – e Ele nunca nos deixa na escuridão quando estamos ministrando no Espírito.

Ele vê qual é o problema real da pessoa e sabe o que causou a dificuldade. Nada é escondido Dele e Ele fará a nós o que fez a

Balaão em Números 24:16. Ele geralmente revelará uma pequena parte de seu conhecimento a nós, para que saibamos o que Ele sabe acerca de uma questão.

Se nós fomos ungidos com o Espírito, é importante que confie-mos nas ideias que vêm à nossa mente enquanto aconselhamos. Elas podem parecer tolas, mas podem ser a sabedoria de Deus. O aconselhamento eficaz, como todo ministério no Espírito, depende de nossa capacidade de reconhecer a palavra e a sabedoria de Deus.

Salmos 119.24 mostra que o Pai usa a Bíblia em Seu ministério de aconselhamento e Sua palavra escrita é extremamente importante neste aconselhamento.

### O Filho

Isaías 9.6 descreve profeticamente uma criança que está por nascer: Aquela criança era Jesus e todos estes títulos pertencem a Ele: Ele é o Maravilhoso Conselheiro.

As Escrituras apresentam uma figura ampla do ministério de aconselhamento de Jesus. Por exemplo, Jesus:

- Explica pacientemente as Escrituras a Cléopas e seu companheiro – Lucas 24:13–25
- Repreende educadamente uma Marta irritada – Lucas 10:38,42
- Demonstra discrição, compaixão, cortesia, perdão e integridade moral ao falar com uma mulher adúltera – João 8:1–11
- É firme e inflexível ao tratar com o jovem rico – Marcos 10:17–22
- Traz exposição, aceitação, alegria e salvação a um oficial corrupto – Lucas 19:1–10
- Ouve pacientemente as divagações temerosas de uma mulher enferma e depois ministra saúde e paz em sua vida – Lucas 8:43–48.

## O Espírito

Isaías 11:2 é uma descrição importante do Espírito Santo que mostra que o conselho é essencial à natureza do Espírito. Em João14:16, Jesus descreveu o Espírito como *allos parakletos*. Estas palavras gregas mostram que:

- O Espírito é outro conselheiro que é do mesmo tipo que Jesus
- O Espírito é chamado a estar ao nosso lado para nos chamar e para invocar por nós

Ele é um conselheiro que está perto e que também é íntimo, cujo aconselhamento é um soprar gentil no ouvido humano. Isso significa que, se quisermos compartilhar com o Espírito em Sua obra, precisamos também nos aproximar daqueles que estamos ajudando, e devemos depender todo o tempo de Suas dicas.

O Espírito é tão modesto que registrou poucos exemplos de Seu aconselhamento. Atos 10 é provavelmente o exemplo mais claro.

Primeiro, o Espírito preparou o caminho enviando um mensageiro angelical a Cornélio, instruindo-o a mandar buscar um 'homem chamado Simão, conhecido como Pedro'. (Isso mostra que nosso ministério normalmente é apenas uma peça pequena no grande projeto do Espírito para cada pessoa.)

Então o Espírito escolheu cuidadosamente Seu momento. Ele esperou até Pedro desejar orar, mas faminto demais para orar adequadamente. Ele colocou uma imagem na mente de Pedro e ordenou que este matasse e comece animais que aos judeus era proibido até tocar.

Finalmente, o Espírito repetiu sua ordem três vezes, plenamente ciente de o quanto essa repetição tripla seria significativa para Pedro – João 18:27 e João 21:15–19.



Quando os homens de Cornélio chegaram, Pedro estava confuso demais para lhes ouvir o chamado, então o Espírito falou a Pedro acerca deles e o instruiu a acompanhá-los.

Desta vez Pedro obedeceu e aos poucos percebeu o significado profundo da imagem que o Espírito plantara em sua mente.

Este ministério de aconselhamento mudou o curso da igreja. O Espírito não havia debatido com Pedro; havia imposto gentilmente Seu ponto de vista, com a ajuda das circunstâncias ao redor, até que Pedro percebesse a origem divina e o significado revolucionário das palavras e imagens do Espírito.

### **As bases do aconselhamento**

O Novo Testamento declara sete vezes que a Lei do Antigo Testamento pode ser resumida em dois únicos preceitos: 'Ame ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todas as tuas forças e de todo o teu entendimento' e 'Ame ao teu próximo como a ti mesmo'.

1 João 4:8 ensina que Deus é amor; 1 João 3:9,10 promete que Seus filhos reproduzirão Seu amor e João 13:34 nos ordena a amar os outros discípulos do mesmo modo que Jesus nos ama.

Este amor é a base do aconselhamento – e de todo ministério – no Espírito. Nós aconselhamos porque amamos, porque fomos cheios do amor de Deus e por Ele transformados. O Novo Testamento sugere muitas implicações desse amar, as quais são importantes para o ministério de aconselhamento.

O amor obedece

João 14 desenvolve paralelamente o amor, a obediência e o Espírito de Aconselhamento. A obediência amorosa a Cristo é a única base segura para todo nosso aconselhamento: Devemos fazer apenas o que Ele disser, ir somente aonde Ele enviar e falar apenas o que Ele sugerir.

Temos visto que a iniciativa bíblica para o ministério sempre foi uma necessidade humana ou uma instrução divina. Isso também vale para o aconselhamento. Os profetas transmitiam a sabedoria de Deus quando uma pessoa necessitava de conselho, por exemplo, 1 Reis 22:5–28 e 2 Reis 3:11–20; e quando Deus os enviava a dar Seu conselho, por exemplo, 2 Samuel 12:1–15 e 1 Reis 20:13,14. Eventualmente, como em 1 Reis 14:1–18, eles eram procurados e enviados.

Jesus repetiu esse padrão. Em João 3:1–21 e Marcos 10:17–22, Ele aconselhou as pessoas quando elas vieram buscar conselho e em Lucas 7:36–49 e 24:13–32, Ele foi até as pessoas para lhes transmitir o conselho de Deus.

#### O amor dá

João 3:16 e 3:35 demonstram que Deus é um doador amoroso e Efésios 5:2 e 1 João 4:10,11 conectam Seu amor e doação. O amor de Deus tem a ver com ações generosas, não apenas palavras gentis. Isso significa que sempre somos chamados a dar de muitas formas práticas quando ministramos.

Somos chamados a dar a nós mesmos, a gastar e sermos gastos sacrificialmente servindo aos outros. Vemos isso em Mateus 5:42; João 15:13; Romanos 5:8; 2 Coríntios 8:7–9, 24; 12:15 e 1 João 3:16.

#### O amor ora

Uma das coisas mais importantes que podemos fazer para as pessoas que servimos é orar por elas. Romanos 8:34,35 e Hebreus 7:25 mostram que o Maravilhoso Conselheiro intercede por Seus amigos; e em Romanos 15:30, Paulo insiste que se seus leitores o amam, então orem por ele.

#### O amor fala a verdade

Marcos 10:21 relata que Jesus olhou para um homem e o amou e este amor significou que Jesus falou uma verdade muito dura.

Podemos falar a verdade de Deus honestamente somente quando amamos como Cristo ama. Pois nosso conselho deixa de ser do tipo da verdade de Deus quando não parte de Seu amor e por ele é inundado. Como em Marcos 10:22,23, as palavras amorosas e verdadeiras de Deus não carregam garantia de aceitação.

Como esse amor pode ser possível a um crente? As ordens de 1 Coríntios 13 parecem desesperadamente inalcançáveis. Quando estamos ministrando, descobrimos que pessoas, situações e problemas expõem constantemente nossa falta de amor.

Toda vez que fazemos a pergunta: 'Como?' a resposta bíblica é sempre a mesma: 'O Espírito Santo: Ele virá sobre você.' Em João 17:26, Jesus pregou que o amor do Pai, o qual amou o Filho, nos encheria. Ele não orou para que nosso amor aumentasse, mas para que fosse substituído pelo amor do Pai.

2 Timóteo 1:7 ensina que o dom de Deus é um Espírito de amor, e Romanos 5:5 aponta para essa obra de enchimento de amor realizada pelo Espírito. Quando nosso ministério for realmente 'no Espírito', sentiremos que somos motivados e capacitados pelo amor do Pai.

### **Equipamento básico para o aconselhamento**

A Bíblia é o manual do conselheiro. Se o aconselhamento no Espírito tiver a intenção de ajudar as pessoas a colocar suas vidas em harmonia com a Palavra de Deus, o conselheiro deve conhecer, e conhecer bem, as Escrituras.

Há muitos livros disponíveis que atribuem seções distintas da Bíblia a vários problemas humanos. Eles são úteis, mas ficam em segundo lugar comparado à intimidade pessoal com a Bíblia.

As Escrituras são relevantes para qualquer problema, situação e necessidade.

- Há um Salmo para cada emoção e cada situação, e o livro de Salmos tem sido o mais usado na adoração cristã por séculos. Contudo, hoje em dia ele é praticamente desconhecido em algumas tradições da igreja.
- Efésios pode ser considerado o evangelho da unidade. Ele revela o caminho de Deus para relacionamentos conturbados e contém Sua receita para a sobrevivência espiritual em tempos de conflito.
- O livro de Provérbios raramente é lido em adoração pública ou devoção individual, contudo, este livro contém material esclarecedor a respeito de aconselhamento.
- o Sermão da Montanha, Mateus 5–7, descreve o modo que Jesus espera que Seus seguidores vivam. Está cheio do conselho prático de Deus.
- Romanos 8 é, para muitas pessoas, o clímax da Bíblia. Ele contém garantia, direção, consolo, encorajamento e esperança.

Devemos ler a Bíblia regularmente, com frequência, com cautela e do começo ao fim. Devemos nos encher dos Evangelhos para conhecermos melhor a Jesus e não devemos negligenciar os livros esquecidos de Levítico e Obadias; Lamentações e Sofonías; 2 Crônicas e Naum.

Quem sabe? Talvez, um dia, o Espírito nos moverá a usar um versículo desses livros para aconselhar uma pessoa. E pense como será constrangedor se encontrarmos Habacuque no céu e tivermos de admitir que não conseguimos soletrar seu nome e nunca lemos seu livro!

Quando usarmos as Escrituras no ministério, devemos cuidar para não usar sempre a mesma passagem favorita. Jesus usou João 3:16 somente quando aconselhou Nicodemos. Ele não o usou com todas as pessoas que aconselhou.

## Os dons e atributos do Espírito

Como todo ministério, o aconselhamento no Espírito gira em torno dos dons e tributos do Espírito. Nós vimos isso antes e esse aspecto também é estudado no volume *Conhecendo o Espírito*.

Estes dons, 1 Coríntios 12:1–11, e atributos, Isaías 11:1–5, não são uma capacidade para se fazer algo, eles são a obra do Senhor Jesus por meio de nós. Eles são o poder e pessoa do Espírito Santo, não a atividade de um crente.

Em 1 Coríntios 12:7, o verbo grego *didomi*, ‘dar’, aparece de maneira a sugerir que:

- a atividade divina de dar dons aos crentes é contínua, não é uma ação que ocorre uma única vez.
- Cada pessoa recebe os dons de uma fonte externa, do Espírito Santo.

Isso significa que, quando um dom é manifesto, os crentes não buscam em seus recursos próprios, eles transmitem aquilo que receberam do Espírito. Na medida em que vivemos no Espírito e com o Espírito, Ele nos dá tudo que precisamos para cada situação no ministério, conforme ela surge.

Isaías 11:3,4 mostra que os atributos do Espírito no versículo 2 têm uma aplicação específica no aconselhamento. Estes atributos não são dons que são dados normalmente, eles são a própria essência do ser do Espírito, que flui naturalmente daqueles em quem Ele vive.

Isso significa que na medida em que vivemos Nele e com Ele, Seus atributos nos são continuamente disponíveis. Sempre que aconselhamos no Espírito, Sua sabedoria e entendimento, Seu conselho e discernimento pessoal, podem fluir de nós para as pessoas que estamos servindo.

## **O objetivo do aconselhamento**

Às vezes, aconselhamento eficaz significa simplesmente ouvir alguém colocar os problemas para fora. Em outras ocasiões, precisamos falar com uma pessoa apenas por alguns minutos e – depois disso, Deus não exige mais nada. Mas, mais comumente, Deus nos chama a aconselhar pessoas por um período de tempo maior. Em tais casos, o ministério pode desviar-se para conversa mole, sem propósito, a menos que se entenda e mantenha em mente o objetivo de Deus para a pessoa.

O objetivo do aconselhamento cristão sempre deve ser o de trazer um realinhamento de longo prazo com a vontade de Deus. Ao se preparar para se encontrar com uma pessoa, é fácil pensar: 'Como eu vou resolver esse problema?' Esse pensamento sempre leva a respostas simplistas. Geralmente é melhor perguntar: 'De que modo Deus quer usar essa situação para preparar a pessoa para um serviço mais eficaz?'

Talvez o melhor exemplo bíblico de ministério de aconselhamento de longo prazo seja a preparação de Jesus para o serviço de Pedro.

### Jesus aconselhando Pedro

A história desse ministério ungido está registrada em: João 1:40–42; Marcos 1:16–20; Lucas 5:1–11; Marcos 3:13–19; Mateus 14:22–33; 16:13–23; Marcos 9:2–13; Mateus 18:21,22; 19:27–30; João 13:2–10; Mateus 26:30–35; João 18:10,11; Marcos 16:7; Lucas 24:34; 1 Coríntios 15:1–5 e João 21:1–23.

Durante três anos de aconselhamento paciente feito por Jesus, Pedro passou de um Simão impetuoso, não confiável, em um Pedro confiável, que tomou a iniciativa na substituição de Judas, foi preeminente no Pentecostes e líder temporário da igreja até o surgimento de Tiago e Paulo.

Parece que Jesus tinha em mente um objetivo claro na medida em que se tornou amigo de Pedro, treinou-o e aconselhou-o. Simão devia se tornar Pedro; devia ser caracterizado por uma determinação e confiabilidade como a de uma rocha; devia se tornar um pescador de homens.

Jesus não guardou para si este conhecimento dado pelo Espírito. Desde o início Ele disse a Pedro o que Deus queria realizar por meio do companheirismo deles. Jesus certificou-se de que Pedro soubesse do objetivo do aconselhamento.

Devemos reconhecer que Jesus não tentou transformar Pedro por meio de um ministério instantâneo. Ele não impôs as mãos sobre Pedro. Jesus não tentou expulsar um espírito de deslealdade e impetuosidade.

Jesus nem sequer abençoou Pedro com uma declaração profética: 'Seja cheio com a força como de uma rocha'. Em vez disso, Jesus lapidou Pedro aos poucos, pelo conselho paciente e ungido.

Quando Pedro começou seguir a Jesus, ele trouxe consigo seu histórico, seus vícios, seus erros, preconceitos, ideias erradas, problemas familiares e uma falsa autoconfiança. O primeiro objetivo de nosso ministério deveria ser o de ensinar as pessoas a morrer – morrer para o mundo, a carne e o diabo.

Jesus não anunciou sua Messianidade, em vez disso Ele instou Pedro a tirar as próprias conclusões. Quando Pedro acertou, Jesus ferrou seu orgulho dizendo que ele não o fizera sozinho. Então, quase que imediatamente Jesus repreendeu Pedro reprovando-o.

Pedro não estava 'possuído' por um espírito maligno, ele simplesmente ouvira os sussurros de Satanás. Se fosse para o objetivo do aconselhamento ser alcançado e para Pedro se tornar

um pescador eficaz de homens, ele teria de aprender a diferença entre a voz do Pai e a do inimigo. Jesus o estava aconselhando para entender e valorizar a diferença.

A intercessão é fundamental se for para se atingir o objetivo. Lucas 22:32 revela que Jesus já havia orado, ouvido e sido capacitado a trazer uma mensagem profética – Pedro cairá, se recuperará e fortalecerá outras pessoas.

Jesus não condenou Pedro como um tolo arrogante que deveria ser mais sábio, em vez disso, Ele permitiu que Pedro aceitasse a si mesmo – se percebesse do jeito que era de fato.

No aconselhamento nós não devemos criticar os erros, nem colocar um casulo em volta da pessoa. Em vez disso, devemos apontá-la a Jesus e ajudá-la a ouvir Sua voz e buscar Sua face por si mesma.

Depois da negação que fez, Pedro ficou deprimido. Então, antes de visitar outros discípulos, Jesus se encontrou com Ele em particular. Que preciosas palavras de perdão e deleite eles devem ter trocado! Como conselheiros, devemos ser rápidos para fazer contato e oferecer perdão quando a pessoa que estamos ajudando sentir que nos traiu ou nos decepcionou.

Apesar disso, Pedro voltou aos seus lugares de refúgio e aos seus costumes. Então Deus preparou um fracasso na pesca e a repetição do milagre dos dias em que Pedro foi chamado pela primeira vez a seguir a Cristo. Mais uma vez, Pedro estava sendo aconselhado de que poderia haver sucesso somente tendo Jesus no pleno controle.

A sessão final de ministério aconteceu depois do café da manhã. Jesus questionou Pedro três vezes, a fim de exterminar qualquer dúvida sobre a questão, lembrando assim as três negações de Pedro e sentenciando cada uma delas à morte. Jesus estava



para deixar o mundo e tinha de deixar Sua ovelha em mãos aptas. Ele já havia chamado Pedro para ser pescador de homens, e agora Pedro recebera outra tarefa: Ele devia trabalhar do jeito que fosse preciso. O objetivo estava evidente, então o chamado foi aclarado.

O objetivo do aconselhamento não é simplesmente resolver um problema, mas apresentar uma pessoa como madura em Cristo. Isso pode significar compromisso considerável com o cuidado de uma pessoa. Jesus sempre conversava com Pedro durante o tempo em que estiveram juntos e isso é um exemplo do compromisso de longo prazo que o ministério de aconselhamento pode envolver.

Mesmo no final desse período, Pedro ainda precisou de correção. Quando perguntou acerca de João, Jesus teve de dizer a Pedro que não era da conta dele. Pedro era um aprendiz lento, ele tinha de continuar avançando, e ao ser aconselhado por Cristo, ele realmente continuou avançando até o fim.

Pedro tornou-se o porta-voz dos apóstolos em Pentecostes e foi preso após curar um homem aleijado. Realizou mais curas e foi preso de novo. Falou ousadamente diante de magistrados, apresentou o Espírito Santo aos samaritanos e deixou o mágico Simão perplexo.

Pedro curou Enéias, ressuscitou Tabita e anunciou salvação aos gentios. Ele foi aprisionado uma terceira vez; opôs-se a Paulo e depois aclamou suas cartas. Escreveu duas cartas próprias e finalmente, como afirma a tradição, morreu uma morte de mártir – crucificado de cabeça para baixo porque cria que não lhe era adequado morrer na mesma posição que Jesus.

Durante os três anos de aconselhamento paciente, Jesus sempre manteve diante Dele a visão do serviço útil de Pedro. Qualquer que seja o problema, não importa quais sejam os defeitos e limitações da pessoa, devemos perguntar a Deus qual Seu objetivo no aconselhamento.

Quando estamos ministrando, também devemos pedir uma visão do serviço útil da pessoa para orarmos a respeito e trabalharmos na direção dele. Somente pelo conselho paciente e ungido os Pedros a nossa volta podem ser resgatados da miséria da rejeição, fracasso e autocondenação, ser restaurados gentilmente e depois preparados para o serviço eficaz e útil no reino de Deus.

### **Começando a ministrar o conselho de Deus**

Para muitos cristãos, o aconselhamento tem sido o ‘caminho’ para o Ministério no Espírito. Eles ficam nervosos com o fato de serem envolvidos nos aspectos obviamente sobrenaturais do ministério, como a cura e expulsão de demônios, mas menos apreensivos em relação ao aconselhamento. Entretanto, aprendendo a ouvir o Espírito antes de aconselhar e confiando em Seus dons e palavras no aconselhamento, eles desenvolvem a confiança e habilidade no Espírito para ir para áreas como cura e libertação.

O melhor lugar para começar é orando por nossos amigos, vizinhos, parentes e membros da igreja local. Vimos que é proveitoso desenvolver o hábito de fazer as perguntas a Deus. Podemos, por exemplo, perguntar a Ele: ‘Há alguém que o Senhor queira que eu visite e aconselhe?’ Ou: ‘Há algo que eu deveria mencionar ao João quando almoçar com ele amanhã?’

Deus leva essas orações muito a sério – principalmente quando nos enchemos do Espírito e nos disponibilizamos para o ministério humilde do mesmo modo que os servos domésticos do primeiro século.

As sugestões que seguem são para aqueles que são inexperientes no aconselhamento e querem começar. Elas são mais *gnome* do que *boule*!

#### **Confidencialidade**

As pessoas deveriam ser asseguradas de que tudo que disserem vai permanecer em sigilo. Os ministros não devem normalmente

repetir nada sem a autorização delas. Se um conselheiro costuma compartilhar em detalhe com seu cônjuge, então deve deixar claro desde o início.

### Anotações

Nós não precisamos fazer anotações quando aconselhamos uma pessoa casualmente. As anotações são necessárias somente quando estamos envolvidos com um número grande de pessoas e quando achamos difícil lembrar o que dissemos a cada uma.

Sempre devemos pedir permissão antes de tomar notas, e devemos explicar porque o estamos fazendo. Geralmente é mais proveitoso anotar o conselho que damos e quaisquer impressões que recebemos de Deus do que somente aquilo que a pessoa diz.

### Duração

Diversas sessões curtas são normalmente mais proveitosas do que uma sessão longa. Elas permitem a reflexão a respeito do conselho e que o Espírito Santo enfatize este conselho por outros meios.

### Dependência

Deve-se manter um equilíbrio cuidadoso entre motivar a pessoa a não se voltar a outros conselheiros na busca de conselho diferente e não fazê-la depender demais do próprio ministro.

Alguns conselheiros se envolvem muito com as pessoas que buscam servir. Isso deve ser evitado, já que a pressão humana milita contra a obra do Espírito. Não podemos viver a vida das outras pessoas, resolver seus problemas ou tomar suas decisões.

Entretanto, podemos ajudá-las a assumir responsabilidade por suas ações e ensiná-las a ouvir Deus por si próprias, de modo que possam parar de depender de nós e se tornar alguém que ministre a outras pessoas.

## Oração

Nos ministérios de cura, libertação e benção, a oração prévia é fundamental, mas menos importante durante o tempo do ministério em si. Entretanto, a oração deve permear toda relação de aconselhamento e deve ser oferecida antes, durante e após o período de ministério.

Sempre que surgir incerteza, o conselheiro deve fazer uma pausa para orar. As pessoas que estão sendo ajudadas devem sempre ser encorajadas a orar acerca de seus problemas: Podem-se dar orações escritas para aqueles que acham difícil ou estranho orar em voz alta ou espontaneamente.

Às vezes, a oração em línguas é conveniente. Mais uma vez, devemos explicar à pessoa o que vamos fazer antes de orar em línguas com elas.

## Parceria

Vimos que a parceria é um princípio geral do ministério bíblico, contudo, muitas vezes pode-se precisar aconselhar sozinho. Somente crentes tolos, contudo, aconselham membros do sexo oposto sozinhos.

É ainda menos conveniente aconselhar sem o conhecimento e apoio da oração da igreja local. Os líderes têm responsabilidade pastoral geral por todos os membros e devem saber quem está ajudando quem, ainda que não precisem saber todos os detalhes.

## Ministério no Espírito

Vimos que a obra de ministério no Espírito é tão importante que todos os líderes da igreja devem se ocupar no preparo dos santos para o ministério. O Deus Todo Poderoso quer um vasto número de crentes que estejam desejosos de se tornar Seus ministros proféticos – Seus servos humildes que farão qualquer coisa por Ele, em qualquer lugar, a qualquer hora.

As igrejas estão cheias de pessoas com problemas, pessoas que estão orando e desejando, não pela tirania árdua, mas pelo serviço humilde. Elas precisam de alguém que as ouçam e ainda assim as amem; alguém que compartilhará seus problemas sem censurar seus erros; alguém que oferecerá a Palavra de Deus, sem impor opinião humana; alguém que andarás ao lado e dará atenção exclusiva; alguém que orará fervorosamente, dará generosamente e amará sacrificialmente. Elas precisam ouvir o conselho de Deus. E Deus quer que estejamos prontos e capazes para transmitir-lhes tal conselho.

O mundo em nosso redor está cheio de pessoas que precisam vivenciar o poder curador de Deus, que precisam ser libertas da garra do diabo, que precisam que sua situação de maldição miserável seja substituída pela bênção de Deus. Elas precisam de alguém que foi redimido e cheio com o Espírito de Deus; alguém que está desejando sacrificialmente 'fazer um esforço extra para alcançar o objetivo'; alguém que não tem medo de parecer ridículo, que vai falar as palavras de Deus e executar as ações de Deus.

Elas precisam de alguém que vai ministrar somente no Espírito – e Deus quer que nós sejamos exatamente este ministro e que treinemos muitos mais ministros, de modo que Seu reino de amor se estenda por todas as nossas nações e alcance os confins da terra.